

# **ARGUMENTO**

Ano III

nº 5

Abril - 2001

Jundiaí - SP

ISSN 1519-0854

**Revista das Faculdades  
de Educação, Ciências e Letras e  
Psicologia Padre Anchieta**



**FACULDADES  
PADRE ANCHIETA**

**ISSN 1519-0854**

---

**ARGUMENTO.** Revista das Faculdades de Educação,  
Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta  
Jundiaí-SP: Sociedade Padre Anchieta de Ensino.  
il. 21cm.

Semestral  
Inclui bibliografia

**CDU001(05)**

---

## **Editorial**

Como acentuamos em números anteriores, Argumento é um espaço para a divulgação de pesquisas e estudos, bem como debates e trocas de experiências tão salutares para o desenvolvimento das ciências, artes e educação, como o leitor constatará pela análise dos artigos abaixo mencionados.

A par da contribuição de vários professores, neste número temos a destacar a colaboração de estudantes que estão se iniciando em pesquisas de campo, o que, sem dúvida, servirá de incentivo sobretudo para que outros participem do esforço dos intelectuais para o progresso das ciências, artes e tecnologias.

Em Monografias e trabalhos de iniciação científica apresentados na IV semana de estudos universitários das Faculdades Padre Anchieta, a Profa. Dra. Rosely Moralez de Figueiredo resume os trabalhos de alunos do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia da Faculdade de Ciências e Letras Pe. Anchieta, objetivando “estimular o crescimento dos alunos envolvidos” na pesquisa e colocar “à disposição da comunidade acadêmica dados relevantes” da área de Ciências.

No artigo Polinização por abelhas em limoeiro, o Prof. Dr. Rodolfo Antônio de Figueiredo e as graduandas Andréia B. Gomes e Viviane Aparecida Carvalho apresentam um estudo sobre a influência das abelhas africanas na polinização do limoeiro.

Os estudantes do ensino médio Thais T. do Nascimento e Danilo Mizuta e o Prof. Dr. Rodolfo Antônio de Figueiredo apresentam um interessante estudo investigativo das espécies vegetais utilizadas por colibris em duas áreas urbanizadas, com a conclusão de que as mesmas não são apropriadas para a manutenção das populações de beija-flores.

Com a 2ª parte do seu trabalho sobre o sistema nervoso e a terceira idade, o Prof. Dr. Ernesto José D’Ottaviano, ao tratar das alterações fisiológicas dos órgãos de sentido e do sistema neuromuscular decorrentes do envelhecimento, a par de informações básicas sobre o assunto, apresenta um importante histórico bibliográfico.

A partir da análise lingüística do conto Primeiro de Maio, de Mário de Andrade, a Profa. Cristina Tischer Ranalli Aparecido procura mostrar como o ser humano “é um servo da palavra, já que temas, figuras, valores, juízos, etc provêm das visões de mundo existentes na formação social”.

Em Letras animadas – uma análise das relações en-



## ARGUMENTO

tre cinema e literatura em dois momentos de Policarpo Quaresma, o Prof. Alfredo L. P. de Oliveira Supia faz uma análise da principal obra de Afonso Henriques de Lima Barreto e da sua adaptação para o cinema (Policarpo Quaresma – Herói do Brasil de Paulo Thiago).

No artigo A literatura e o leitor, a Profa. Dra. Lúcia Granja trata da teoria da literatura e das relações entre o leitor e o fenômeno literário.

Com A ética do humor político, a Profa. Dra. Maria Cristina Taffarello apresenta um estudo lingüístico de um texto de humor político em que se faz uma crítica mordaz à falta de ética.

O Prof. Dr. Jose Juan Amar Amar, em La educacion infantil, una promesa de futuro, arrola fatos científicos que demonstram a importância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento da personalidade, descreve a situação de abandono de 50% das crianças da América Latina e do Caribe e conclui que os Lares Comunitários de Bem-Estar representam uma válida proposta educativa para essas crianças.

Finalmente, na Resenha Bibliográfica, à guisa de apresentação do livro As origens da virtude – um estudo biológico da solidariedade, de Matt Ridley, o Prof. Sérgio Hayato Seike sintetiza o conteúdo dessa obra que, sob a ótica da Biologia Evolutiva, explica como indivíduos, primariamente egoístas, são levados a apresentar comportamento solidário.

---

***A viagem em busca de si mesmo depende fundamentalmente do conhecimento da natureza humana e da realidade exterior. E para obter esse saber, necessitamos de escolas, onde as pessoas possam adquirir as mais recentes informações científicas, artísticas e tecnológicas, assim como praticar a humanidade que trazem no mais profundo do seu ser. Ao comemorarmos os 60 anos das Escolas e Faculdades Padre Anchieta, prestamos nossa homenagem ao Professor Pedro Clarismundo Fornari (28/03/1914 – 22/06/1979), seu fundador.***



## **ARGUMENTO**

### **Conselho Editorial**

*Diva Otero Pavan*

*João Antonio de Vasconcelos*

*José Vergílio Bertoli*

*Kátia Chechinatto Segre*

*Lannoy Dorin*

*Lúcia Granja*

*Maria Ângela Borges Salvadori*

*Maria Cristina Zago Castelli*

### **Secretária**

*Sílvia Raizza Prado Martini*

### **Correspondência**

*R. Bom Jesus de Pirapora, 140, Centro, Jundiaí/SP*

*CEP. 13.207-660*

*Fax – (0\*\*11) 4521-8444 ramal 238*

*Caixa Postal 240*

*e-mail: [anchieta@anchieta.br](mailto:anchieta@anchieta.br)*

*[www.anchieta.br](http://www.anchieta.br)*

### **Editoração**

*Departamento de Publicidade das Escolas e*

*Faculdades Padre Anchieta*

### **Tiragem**

*1.800*

### **Argumento**

*Revista semestral das Faculdades de Educação, Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta*





## ÍNDICE

**Monografias e trabalhos de Iniciação Científica apresentados na IV Semana de Estudos Universitários das Faculdades Padre Anchieta: Resumos**

Rosely Moralez de Figueiredo et al.....9

**Polinização por Abelhas em Limoeiro**

(Citrus Limon, UTACEAE) Andréia B. Gomes,

Viviane Aparecida Carvalho e Rodolfo Antônio de Figueiredo.....21

**Utilização de plantas ornamentais por beija-flores em área urbana**

Thaís Tartalha do Nascimento, Danilo Mizuta e Rodolfo Antônio de Figueiredo.....25

**Sistema Nervoso e 3ª Idade (2ª Parte)**

Ernesto José D'Ottaviano.....29

**Discurso e Sujeito em Primeio de Maio - Contos Novos - Mário de Andrade**

Cristina Tischer Ranalli Aparecido.....47

**Letras Animadas - Uma análise entre Cinema e Literatura, em dois momentos de Policarpo Quaresma**

Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia.....61

**A Literatura e o Leitor**

Lúcia Granja.....81

**A Ética do Humor Político**

Maria Cristina de Moraes Taffarello.....87

**La Educacion Infantil, una promesa de Futuro**

Jose Juan Amar Amar.....99

**Sondando as "Orgens da Virtude", as Origens do Comportamento Solidário, com Matt Ridley**

**Resenha Bibliográfica**

Sérgio Hayato Seike..... 109

**Normas para apresentação de Originais..... 115**





## **MONOGRAFIAS E TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA APRESENTADOS NA IV SEMANA DE ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS DAS FACULDADES PADRE ANCHIETA: RESUMOS.**

*Rosely Moralez de Figueiredo\**

A apresentação pública de trabalhos desenvolvidos durante a graduação constitui-se de experiência profissional das mais relevantes. Os trabalhos de Monografia e de Iniciação Científica que estavam sendo realizados ao longo do ano de 2000, por alunos do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia, foram apresentados de forma oral ou painel na IV Semana de Estudos Universitários. A seguir, estão os resumos destes trabalhos. A publicação deste material tem por objetivos estimular o crescimento acadêmico dos alunos envolvidos, autores dos trabalhos, e deixar à disposição da comunidade acadêmica dados relevantes, ainda que breves, da área de Ciências.

Public presentations of studies developed during graduation course are a relevant professional experience. The works of Monograph and Scientific Inaction which have been developed along 2000 by students of the graduation course of Sciences – Habilitation in Biology, were presented on oral and panel form at IV Semana de Estudos Universitários. The abstracts of these works are above. The publication of this material has objectives such as stimulates the academic increment of the students, authors of the studies, and leaves to the community relevant data on Science area.

### **INTRODUÇÃO**

Os resumos descritos a seguir fazem parte dos trabalhos apresentados na IV Semana de Estudos Universitários das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá, ocorrida em agosto de 2000. Esta tradicional semana de estudos trouxe, neste ano, uma nova abordagem, abrindo a oportunidade para os alunos e respectivos professores orientadores, que ao longo do curso desenvolveram trabalhos de iniciação à pesquisa (iniciação científica e monografia), poderem mostrá-las a toda a população universitária.

Esperamos que, com esta nova etapa, possamos estar contribuindo para a melhoria da formação dos nossos alunos, como futuros pesquisadores.

### **RESUMOS**

---

\*Doutora em Saúde Mental. Professora Titular da Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta.

## **Modelo Funcional da Molécula de DNA: Replicação, Transcrição e Tradução**

*Emerson Fioravante Tomazi \**

*Kitty Tatiane Franciscatto \**

*José Félix Manfredi \*\**

Nosso objetivo é demonstrar na teoria e prática a estrutura funcional da molécula de DNA (ácido dextrorribonucléico) evidenciando as bases nitrogenadas (adenina, timina, citosina e guanina), sua replicação e sua transcrição em RNA (ácido ribonucléico), evidenciando suas bases nitrogenadas, (adenina, uracila, citosina e guanina), e sua tradução na seqüência de aminoácidos, originando uma molécula protéica, na estrutura tridimensional característica destas estruturas moleculares. Um tema previsto é a “construção” da estrutura da molécula de Insulina humana, cuja deficiência causa Diabetes. Com a realização deste trabalho, buscamos a melhor maneira de construir moléculas tridimensionais de DNA, RNA, insulina e correlatos, possíveis de serem reproduzidas em escolas de ensino médio e superior.

---

\* Alunos do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá.

\*\* Professor Doutor das Faculdades Padre Anchieta, orientador do trabalho.

---

## **Tuberculose**

*Ana Paula Teti \**

*Daniela Anholon \**

*Luciana Aparecida Fernandes \**

*Salessa M. D. Rodríguez \**

*Rosely Moralez de Figueiredo \*\**

*A tuberculose é uma doença infecciosa crônica, causada por micobactérias do “complexo tuberculoso”, principalmente Mycobacterium tuberculosis. O Mycobacterium pertence ao gênero que é classificado na família Mycobacteriaceae da ordem Actinomycetales. As paredes celulares das micobactérias são ricas em lipídios que existem principalmente como complexos com peptídios e polissacarídios. O termo tuberculose é derivado da palavra “tubérculo”, que significa uma pequena intumescência ou nódulo. Do ponto de vista histológico, o tubérculo é um foco mais ou menos bem definido de inflamação granulomatosa, constituído de linfócitos, células epiteliais, macrófagos e células gigantes. Em geral, a transmissão é feita de modo interpessoal e pela inalação de gotículas infecciosas que resultam da aerossolização das secreções respiratórias. A tuberculose é perpetuada pelo ciclo*

*repetitivo de novas infecções, que resultam da inalação de gotículas infectadas que são lançadas no ar através da tosse, por adultos com a doença pulmonar cavitária. Este ciclo pode ser combatido em vários pontos. A proteção contra as complicações da doença pode ser conseguida por meio da vacinação com o bacilo Calmett-Guérin (BCG). Enfim, a tuberculose é um exemplo clássico de doença causada por parasita intracelular, em que a proteção é dada pelos mecanismos através da imunidade celular e não pelos associados e anticorpos.*

---

\* Alunas do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá.

\*\* Professora Doutora das Faculdades Padre Anchieta, orientadora do trabalho.

---

## **Fatores Determinantes do Risco de Cárie**

*Fabiana Bomk Luchini \**

*Fabiana Santana de Souza \**

*Lia Regina Palhares \**

*Eliana Pinezzi\**

*Rosely Moralez de Figueiredo \*\**

As cáries são resultados da ação de bactérias sobre os dentes, sendo a mais comum a *Streptococcus mutans*. A primeira etapa do desenvolvimento da cárie é a formação da placa, uma camada de produtos precipitados de saliva e dos alimentos depositados sobre os dentes. Grande número de bactérias vive nessa placa e estão facilmente disponíveis para a produção das cáries. Estas bactérias são muito dependentes de carboidratos para a nutrição. Na presença de carboidratos, ficam muito ativas e produzem ácidos, que são os principais responsáveis pela formação de cáries. O esmalte é muito mais resistente à desmineralização pelos ácidos do que a dentina. Como metodologia para este estudo foram aplicados questionários à população de diversas faixas etárias (3 a 65 anos), cujos dados coletados foram manipulados a fim de traçar um perfil dentro de cada faixa etária. Como a fase de compilação de dados ainda está em andamento, os resultados são parciais e inconclusivos. Dentre os dados apurados, entre maiores de 13 anos, observamos que: 37,5% freqüentam dentista a cada 6 meses a 1 ano; 37,5% entre 1 a 3 anos; 2,5% entre 3 a 5 anos; 2,5% mais que 5 anos e 20% não responderam ou não freqüentam o dentista.

---

\* Alunas do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá.

\*\* Professora Doutora das Faculdades Padre Anchieta, orientadora do trabalho.

---

## ***Doenças Sexualmente Transmissíveis***

*Helaine Cristina Batista de Camargo \**

*Margarete de Assis Timpone \**

*Paula Andreia de Souza \**

*Rosely Moralez de Figueiredo \*\**

As Doenças Sexualmente Transmissíveis atualmente atingem um número bem maior de indivíduos que há algum tempo atrás, devido, principalmente, à mudança de comportamento da população em geral. As D.S.T. recebem uma atenção especial por parte da área de saúde por serem consideradas uma ponte para a contaminação pelo H.I.V. O tratamento e a prevenção das D.S.T. é, por isso, uma forma de prevenção da transmissão do H.I.V. Deve-se também estar atento às condições de saúde dos parceiros sexuais dos doentes para que estes também passem por um tratamento adequado, se necessário, o que acontece com frequência. A contaminação não abrange um público alvo específico. As pessoas atingidas por qualquer D.S.T. variam de idade, sexo, nível sócio-econômico e grau de escolaridade. A única medida de controle é o tratamento imediato dos casos contagiantes, porém há como prevenir-se do contágio e, para isso, o diálogo e a informação são de suma importância.

---

\* Alunas do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá.

\*\* Professora Doutora das Faculdades Padre Anchieta, orientadora do trabalho.

## ***Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids)***

*Fernanda Aparecida de O. Moraes \**

*Fernanda Lopes Argento \**

*Simone Bellotto \**

*Rosely Moralez de Figueiredo \*\**

A AIDS é uma doença grave que até o momento não tem cura. É provocada por um vírus que penetra nos leucócitos do sangue do ser humano reproduzindo-se no interior dessas células. Terminada a reprodução, os leucócitos são destruídos e muitos outros vírus são liberados no corpo do ser humano. Esses vírus podem penetrar em outros leucócitos, recomeçando o ciclo. Destruindo os leucócitos, provocam queda da resistência contra infecções, levando à morte. A transmissão do vírus é feita principalmente por relações sexuais, transfusões de sangue e, entre drogados, uso de seringas não descartáveis. Através de entrevistas feitas com parentes de portadores da doença, chega-se à conclusão que, além do problema da doença, encontra-se crise em diversos aspectos como dificuldades materiais, falta de infor-



mações, preconceito social, desestrutura familiar e perda pela morte. Cada vez mais esta doença está no meio social e o convívio com a mesma deverá ser cada dia mais freqüente.

---

\* Alunas do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá.

\*\* Professora Doutora das Faculdades Padre Anchieta, orientadora do trabalho.

---

## **Saneamento Básico**

*Érica Cristina C. Falcão \**

*Ivete Macan \**

*Silvana Aparecida Antunes Marras \**

*Rosely Moralez de Figueiredo \*\**

Para uma boa qualidade de vida, o saneamento básico adequado é essencial. Constituído pelo fornecimento de água tratada, coleta e tratamento de esgoto, coleta e destino do lixo doméstico, favorece hoje cerca de 93% de nosso município. Para saber da real situação, visitamos a Estação de Tratamento de Esgoto e entrevistamos 225 pessoas, onde pudemos constatar que, mesmo com a rede pública de esgoto, a população ainda continua eliminando dejetos em locais inadequados, prejudicando a saúde e o meio ambiente. O objetivo maior agora é educar e conscientizar a população dos riscos de contaminação da tão preciosa água.

---

\* Alunas do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá.

\*\* Professora Doutor adas Faculdades Padre Anchieta, orientadora do trabalho.

---

## **Efeitos da Radiação Eletromagnética em Organismos Vivos**

*Salessa Maria Domingo Rodríguez \**

*Fernando A. Camargo Torre \*\**

A tecnologia moderna têm criado emissores artificiais de radiação eletromagnética, com os quais somos obrigados a conviver, como por exemplo, as antenas de rádio, TV e celular. A integração do homem com as diferentes formas e fontes de radiações eletromagnética e suas conseqüências dosimétricas ao longo do tempo, constituem o tema deste estudo, cuja base de avaliação é a observação das transformações, ocorridas em organismos vivos, bactérias e fungos cultivados em laboratório e submetidos à exposição de OEM em regime controlado, através de um dispositivo por nós desenvolvido, gerando campos EM de até 511mG (51, 1uT) com uma freqüência variando entre 10Hz – 100 Hz. Medidas estas, elaboradas na

intenção de recriar, em laboratório, as mesmas situações vividas no dia-a-dia. Temos interesse em estudar a eletropositividade das células que, expostas a pulsos elétricos curtos e intensos, tornam-se permeáveis a várias moléculas iônicas. Como dados coletados de análise macroscópica, obtivemos: pequenos aumentos quanto ao número de colônias, tamanho e elevação de bordas em escala milimétrica; não foi notada variação na transparência e coloração. Após análise macroscópica, estaremos coletando dados de análises microscópicas e estudando os genes à procura de modificações cromossômicas e permeabilidade da parede celular.

---

\* Aluna do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiáí.

\*\* Professor Mestre das Faculdades Padre Anchieta, orientador do trabalho.

---

## **Lixo**

*Mara Aparecida de Jesus \**

*Mônica Conceição Barbosa \**

*Sílvia Cristina Pontes Avanzzi \**

*Sônia M.B. Gualassi \**

*Rosely Moralez de Figueiredo \*\**

O homem primitivo tinha o costume de deixar seus restos alimentares nas cavernas em que morava. Com o passar do tempo, os seres humanos deixaram de ser nômades e tiveram que desenvolver processos para tratamento de água e coleta dos resíduos alimentares. Nas residências construídas na Antigüidade não haviam sanitários e, devido à má higiene, surgiam algumas doenças. Na Idade Média, com a Revolução Industrial, houve a implantação do saneamento básico, porém as doenças não desapareceram por completo, ocorrendo até algumas epidemias. As obras de saneamento no Brasil não conseguiram acompanhar o ritmo de crescimento da população e até hoje a saúde apresenta sérios problemas. Desde que o homem entrou na era espacial, o céu deixou de ter apenas seus componentes naturais e ganhou também a companhia de satélites artificiais, causando um acúmulo de lixo espacial. Felizmente, o lixo não dura eternamente, as substâncias orgânicas desaparecem com o tempo devido à ação dos micróbios decompositores. No entanto, os produtos não biodegradáveis, como plásticos e isopor, tendem a permanecer indefinidamente no ambiente, pois não são decompostos. Em resumo, o lixo descoberto ou jogado em qualquer lugar é sinônimo de poluição e doença, e, para evitarmos esses problemas, é necessária a participação de toda a sociedade.

---

\* Alunas do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiáí.

\*\* Professora Doutora das Faculdades Padre Anchieta, orientadora do trabalho.

---

## **Preocupação das Indústrias com as Questões Ambientais: Indústrias de Bairro Urbano da Região de Jundiaí - São Paulo**

*(Saneamento Ambiental Interno/Externo - Amostragem Qualitativa)*

*Valéria Regina Salla \**

*Marcel Lunghi \**

*Rosely Moralez de Figueiredo \*\**

Após um processo desenfreado de industrialização e um desenvolvimento ilimitado em nome do progresso, enfrentamos hoje uma crise ambiental globalizada. Essa crise, originou-se na revolução industrial, mas o homem interfere no ambiente em que vive desde os primórdios de sua existência. Na tentativa de minimizar a crise, todo mundo concentra esforços em ações preservacionistas: modismo e necessidade em todos os setores da atividade humana, entre elas o saneamento ambiental em indústrias, atividades mitigadoras e de conscientização. Com a proposta de fazer um levantamento da situação das indústrias, com relação à preocupação com as questões ambientais, foi realizada uma pesquisa qualitativa junto às empresas de um bairro residencial urbano de Jundiaí - SP., a partir da qual foi traçado um perfil ambientalista individual e comparativo. Modestamente, as empresas mostraram um satisfatório nível de preocupação ambiental, visto que desenvolvem ações primárias de saneamento. Apesar disto, apresentam realidades distintas e níveis diferentes de envolvimento com as questões ambientais. Pudemos perceber que, como parte do modismo ambientalista, há a preocupação em ser ecologicamente correto, contudo ainda há pouco comprometimento com a situação e ações negligenciadoras, como se o colapso não fosse fato quase evidente.

---

\* Alunos do curso de graduação em Ciências - Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiaí.

\*\* Professora Doutora das Faculdades Padre Anchieta, orientadora do trabalho.

---

## **O Impacto da Poluição Proveniente do Tráfego de Veículos em uma Auto-Estrada (Jundiaí - SP) Sobre a Germinação e o Crescimento de *Phaseolus vulgaris***

*Tiago Cergol \**

*Marcelo M. Roveri \**

*Rodolfo Antônio de Figueiredo \*\**

Poluentes podem alterar a ciclagem de nutrientes e/ou acumular no solo de locais próximos às fontes poluidoras. O impacto causado pelo tráfego de veículos

em auto-estradas, no que tange à influência da poluição emitida sobre os vegetais que crescem à sua margem, ainda é pouco conhecido. O presente trabalho teve como objetivo testar a interferência da poluição emitida em auto-estradas sobre a germinação e o crescimento de *Phaseolus vulgaris*. O trabalho foi realizado em Jundiá, SP às margens de uma estrada pavimentada. Foram feitos canteiros de quatro em quatro metros, a partir da margem da estrada em direção à área de mata nativa. Em cada canteiro foram semeadas 30 sementes de feijão carioca (*P. vulgaris* ft bonito). Registrou-se a taxa de germinação em cada canteiro e alguns parâmetros de crescimento das plantas, tais como: altura, número de ramos, número e tamanho das folhas e presença de marcas de herbivoria ou de doenças. Verificou-se que a única parcela a sofrer redução na taxa de germinação e nos parâmetros de crescimento foi a que estava mais próxima da auto-estrada. Nas demais parcelas, tanto a taxa de germinação como o crescimento não foram significativamente diferentes apresentando, em média, 87% de germinação.

---

\*Alunos do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá.

\*\* Professor Doutor das Faculdades Padre Anchieta, orientador do trabalho.

---

## ***Avaliando uma Ação de Educação Ambiental: mudanças de valores e atitudes a longo prazo***

*Claudio Torres Cline \**

*Rosely Moralez de Figueiredo \*\**

*Rodolfo Antônio de Figueiredo \*\**

A educação ambiental caracteriza-se por incorporar as dimensões socioeconômica, política, cultural e histórica, não podendo basear-se em pautas rígidas e de aplicação geral, devendo permitir a compreensão da natureza complexa do meio ambiente e a interpretação interdependente dos seus diversos elementos, visando a utilizar racionalmente os recursos do meio. Inúmeros trabalhos vêm sendo elaborados, enfocando o desenvolvimento de metodologias de educação ambiental, entretanto, são raras as abordagens avaliatórias sobre mudanças ocorridas nos educandos, particularmente a longo prazo. Este estudo procura entender e interpretar os resultados obtidos com o projeto de educação ambiental vivido há quatro anos por um grupo de alunos, associado a sentimentos e comportamentos manifestados pela forma de agir e reagir sobre questões ambientais, utilizando-se pesquisa qualitativa, sendo a entrevista semi-dirigida com questões abertas. Verificou-se que a atividade realizada continuava viva na memória dos educandos. Eles relataram terem modificado sua percepção do ambiente e perceberam alterações antrópicas ocorridas no ambiente em que trabalharam. Porém, não se constatou alteração nas atitudes e no envolvimento efetivo às questões ambientais. Conclui-se que, para ocorrer uma mu-

dança de posicionamento e conseqüente efetivação desta prática, são necessárias abordagens contínuas e adaptadas para as diferentes etapas da vida.

---

\* Aluno do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiáí.

\*\* Professores Doutores das Faculdades Padre Anchieta, orientadores do trabalho.

---

## ***Sistema de Compatibilidade em Schlumbergera truncata (How.) Mor. (Cactaceae)***

*Valéria Regina Salla \**

*Rodolfo Antônio de Figueiredo \*\**

O sistema de compatibilidade de cactáceas epífitas ainda é pouco conhecido. Este estudo é o primeiro no Brasil a verificar a existência de incompatibilidade em *Schlumbergera truncata*, a flor-de-maio. Esta cactácea é usada como ornamental e o estudo foi realizado em bairro urbano da cidade de Jundiáí - SP. Foram feitas polinizações artificiais, testando a auto-polinização e a polinização cruzada, tendo sido mantidas flores para controle. Em 100% das flores auto-polinizadas não houve desenvolvimento de frutos e sementes, enquanto que 92,3% das flores submetidas à polinização cruzada desenvolveram frutos e sementes. Somente uma das flores controle desenvolveu fruto, e a ausência do fruto indica que em regiões urbanas é dificultada a ocorrência de polinização natural da flor-de-maio, que apresenta características da síndrome da ornitofilia e é possivelmente polinizada por beija-flores. *Schlumbergera truncata* apresenta auto-incompatibilidade, sendo seu sistema reprodutivo, obrigatoriamente, cruzado. A reprodução de *S. truncata* no interior das cidades somente seria possível através da polinização cruzada mediada por beija-flores.

---

\* Aluna do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiáí.

\*\* Professor Doutor das Faculdades Padre Anchieta, orientador do trabalho.

---

## ***Efeito da Ingestão por Aves na Germinação de Sementes de Epiphyllum phyllanthus (Cactaceae)***

*Emerson Fioravante Tomazi \**

*Rodolfo Antônio de Figueiredo \*\**

Este trabalho foi realizado no período de abril a junho de 1999, com o objetivo de avaliar o efeito da ingestão de sementes por aves na germinação de *Epiphyllum phyllanthus*. Frutos da cactácea foram coletados frescos, na cidade de Jundiáí (Es-

tado de São Paulo) e oferecidos a um indivíduo de *Turdus amaurochalinus* (Turdidae, Aves). As sementes coletadas nas fezes da ave foram lavadas e colocadas para geminar em gerbox forrado com papel filtro, umidecido, e deixados em condições ambiente. As sementes controle foram retiradas manualmente dos frutos, lavadas e colocadas nas mesmas condições das sementes ingeridas. *Turdus amaurochalinus* não inibiu a germinação das sementes, mas diminuiu a taxa de germinação. A ave tritura algumas sementes, e muitas não suportaram a passagem pelo tubo digestivo. *Turdus amaurochalinus* não é um bom dispersor das sementes de *E. phyllanthus*, apesar dos frutos terem características de dispersão ornitocórica. A viviparidade encontrada pode ter significado adaptativo para esta espécie vegetal.

\* Aluno do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiáí.

\*\* Professor Doutor das Faculdades Padre Anchieta, orientador do trabalho.

## ***Flora Vascular de Muros na Área Urbana de Jundiáí, SP: Colonização, Freqüência e Diversidade***

*Valéria Aparecida dos Reis* \*

*Julio Antonio Lombardi* \*\*

*Rodolfo Antônio de Figueiredo* \*\*\*

As plantas que crescem em ambiente urbano têm comportamento adaptativo diferenciado, ocorrendo seleção das espécies com adaptações morfológicas e fisiológicas que permitam sua sobrevivência. Os muros são um micro ambiente especializado, condicionado ao homem, já que são restritos a áreas habitadas. São poucas as informações sobre esses vegetais, particularmente crescendo espontaneamente sobre muros. Objetivos do estudo: caracterizar a flora vascular assentada em muros, assim como verificar a sua diversidade e dominância. O trabalho foi realizado em ruas da cidade Jundiáí – SP. Seis locais de coleta foram escolhidos, cinco bairros adjacentes ao centro da cidade e o próprio centro. Em cada local foram feitos três transectos de 1 km e registrados todos os indivíduos das diferentes espécies vegetais. As freqüências e densidades relativas foram calculadas e a diversidade tomada segundo índice de Shannon. Vinte e oito espécies foram identificadas, todas presentes no centro da cidade e a maioria ocorrendo também em mais de dois bairros. As diversidades nos locais não são significativamente diferentes, tendo sido registrada diversidade total de  $H' = 2,93$  para a cidade. Conclui-se que a flora vascular constituinte deste micro ambiente em Jundiáí tem distribuição e freqüência uniformes, traduzindo-se em um expressivo índice de diversidade.

\* Aluna do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiáí.

\*\* Professor da Universidade Federal de Minas Gerais.

\*\*\* Professor Doutor das Faculdades Padre Anchieta, orientador do trabalho.

**Utilização de Nectários Extraflorais de  
*Salvia tiliifolia* Vahl (Lamiaceae)  
por Formigas em Jundiá, SP**

Carlos Eduardo Fernandes \*

Samir A. F. Sahin \*

Rodolfo Antônio de Figueiredo \*\*

O mutualismo de proteção é uma relação interespecífica ainda pouco entendida e testada. As plantas podem beneficiar-se da ação de formigas que nelas forrageiam, se os mesmos atacem eventuais herbívoros. Observações naturalísticas registraram o comportamento das formigas explorando nectários extraflorais de *Salvia tiliifolia* Vahl. Testes utilizando cupins vivos, representando herbívoros foliares, colados pelo pronoto às partes do vegetal escolhidas ao acaso, foram feitos para registrar o tempo gasto pelas formigas na detecção e remoção desses insetos. Os testes experimentais mostraram que todos os cupins colados nas folhas foram atacados após período médio de detecção de 13 minutos. Na maioria das vezes, após os movimentos do inseto serem paralisados, as formigas o transportaram para fora da planta. Conclui-se que a formiga *Camponotus crassus* pode ter um papel relevante na proteção desta espécie vegetal contra herbívoros.

---

\* Alunos do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá.

\*\* Professor Doutor das Faculdades Padre Anchieta, orientador do trabalho.

---

**Reprodução de *Phyllanthus miruri*  
em Áreas Verdes Urbanas de Jundiá**

Arlesom Souza Falcão \*

Danielle Barcaro \*

Tiberê Samuel Rogrigues \*

Rodolfo Antônio de Figueiredo \*\*

No ambiente urbano, modificado pela ação do homem, temos uma quantidade enorme de plantas que aparentemente nascem em terrenos baldios, parques, praças, jardins, canteiros de estradas, etc., sem que ninguém as tenha plantado. Como objetivo de determinar como uma dessas plantas tem a sua reprodução nesse tipo de ambiente, realizamos um estudo para verificar a polinização e a dispersão de suas sementes em um frigorífico abandonado. Neste local foram encontrados cerca

de 1557 indivíduos de *Phyllanthus miruri* (quebra-pedra), espalhados em três áreas dentro do frigorífico, incluindo indivíduos que cresceram em áreas cimentadas e sobre escombros de construção. Para realizar esse estudos escolhemos 05 indivíduos e nestes verificaremos a polinização por vento (anemofilia), por insetos (entomofilia) e autopolinização, com posterior observação da dispersão de sementes. Neste contexto, poderemos entender melhor e estabelecer padrões de reprodução para espécies vegetais invasoras de ambiente urbanos.

---

\* Alunos do curso de graduação em Ciências – Habilitação em Biologia das Faculdades Padre Anchieta de Jundiáí.

\*\* Professor Doutor das Faculdades Padre Anchieta, orientador do trabalho.

---

## **POLINIZAÇÃO POR ABELHAS EM LIMOEIRO**

(*Citrus limon*, RUTACEAE) •

Andréia B. Gomes\*  
Viviane Aparecida Carvalho\*  
Rodolfo Antônio de Figueiredo\*\*

### **RESUMO**

*A influência das abelhas africanizadas na polinização do limoeiro (Citrus limon, Rutaceae) foi estudada no presente trabalho. Verificou-se que a espécie vegetal é auto-compatível, não necessitando da polinização para produzir frutos. No entanto, a alta frequência de abelhas, visitando as flores, são importantes na polinização cruzada, fator esse que se reverte no aumento de produtividade dessa espécie vegetal.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Reprodução Vegetal, Polinização, Abelhas, Limoeiro.

### **ABSTRACT**

*The influence of africanized honeybees in lemon pollination (Citrus limon, Rutaceae) was studied in the present work. The plant species is self-compatible, i.e. it did not need cross-pollination to produce fruits. However, the high frequency of visiting honeybees on flowers is important to cross-pollination, which will lead to a increase in lemon productivity.*

**KEY-WORDS:** Plant Reproduction, Pollination, Bees, Lemon tree.

### **INTRODUÇÃO**

Nas angiospermas, a principal característica são as flores, onde estão localizada as estruturas masculinas (androceu) e femininas (gineceu). O androceu é constituído por estames que, em sua extremidade superior, possuem as anteras. As anteras são responsáveis pela formação dos micrósporos que irão transformar-se em grãos de pólen. O gineceu constitui uma ou mais folhas carpelares e apresenta, na extremidade inferior, uma estrutura dilatada que é o ovário, e na extremidade superior o estigma. Para que ocorra a fecundação, é necessário que os grãos de pólen sejam transportados até o estigma de uma flor. Este transporte é chamado de polinização (Oliveira *et al.*, 1986).

---

• Artigo produzido através do Programa de Iniciação Científica das Faculdades de Ciências e Letras Padre Anchieta.

\* Graduandas do Curso de Ciências - Habilitação em Biologia da Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta.

\*\* Professor Titular do Departamento de Ciências, Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta, Rua Bom Jesus de Pirapora 140, 13207-660 Jundiá, SP, Brasil.

A maioria das flores são hermafroditas (monóclinas), ou seja, possuem androceu e gineceu na mesma flor e podem sofrer autopolinização. Nem sempre isso acontece, pois pode ocorrer separação espacial e temporal entre anteras e estigmas. Desta forma, a polinização precisa do auxílio de animais, do vento ou da água.

Os animais polinizadores mais ativos são as abelhas. A abelha africanizada (híbrida entre subespécies européia e africanas) chega a visitar 500 a 1000 flores por dia. Em uma colmeia, existem três tipos de abelhas: a rainha, que é a única fêmea capaz de pôr ovos; os zangões que têm como função fecundar jovens rainhas; e as operárias, que são fêmeas estéreis, responsáveis por todas as tarefas na colmeia (Julivert, 1991).

As abelhas alimentam-se de pólen e mel, que é produto do néctar retirado das flores. As operárias são responsáveis pela alimentação da colmeia e também pela busca de alimento. Quando uma operária descobre uma florada, esta enche seu estômago de néctar e retorna à colmeia, depositando o néctar para outras operárias, comunicando assim a natureza da fonte de alimento através do odor da fonte vegetal. Além disso, ela começa a realizar uma dança que representa a distância da fonte alimentar.

As operárias possuem na perna posterior uma cesta de pólen (corbícula), onde vão armazenando o pólen (Storer *et al.*, 1998). O néctar é armazenado no estômago de mel para ser levado à colmeia. Quando as abelhas visitam as flores para retirar seu alimento, os grãos de pólen ficam aderidos em seus pêlos densos e curtos que elas possuem em todo o corpo e, ao visitarem outras flores, os grãos se desprendem, atingindo o estigma e proporcionando a polinização. O resultado da polinização são os frutos que envolvem as sementes responsáveis pela perpetuação da espécie.

O presente estudo visa a verificar a importância da visitação de abelhas em flores de limoeiro para a produção de frutos.

## **METODOLOGIA**

A espécie vegetal estudada foi o limoeiro (*Citrus limon*, Rutaceae). Esta planta é de porte arbustivo, atingindo aproximadamente três metros de altura, com numerosos ramos. As flores em forma de taças rasas são intensamente perfumadas, com cálice e corola creme, rosadas externamente, carnosas. O ovário é súpero com cinco lóculos e muitos óvulos por lóculo. O fruto é de coloração verde, de odor forte, com a parte central preenchida com numerosas vesículas contendo suco ácido.

As observações naturalísticas e os testes para verificar o sistema reprodutivo e anemofilia foram realizadas entre os meses de setembro e outubro de 1999, época na qual o um limoeiro apresenta-se florido em ambiente urbanizado. O teste de reprodução foi realizado envolvendo doze galhos, cada um contendo entre três e

seis flores, seis com sacos de papel vegetal e seis com sacos de tule. Os galhos permaneceram com as flores isoladas por um mês, após o qual o número de frutos desenvolvido foi verificado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após terem sido ensacadas as flores (Figura 1), foi verificada a presença de abelhas africanizadas rodeando-as e nelas pousando diversas vezes ao longo do dia.

Todas as flores envolvidas por tule, assim como quatro dos galhos envolvidos com papel vegetal produziram frutos.

Os resultados obtidos permitem concluir que o limoeiro é auto-compatível, pois originou frutos sem ter contado com agentes polinizadores. Porém, as abelhas, devido à intensa visitação, podem promover a polinização cruzada.

Apesar de *Citrus* spp. não necessitar de polinização cruzada para produzir frutos, ela oferece algumas vantagens, tais como um aumento na produtividade e no tamanho dos frutos (Martins, 1985).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

JULIVERT, A. M. (1991). *O fascinante mundo das abelhas*. São Paulo: Ed. Maltese-Norma.

MARTINS, C. F. (1985). *Abundância relativa das abelhas sociais em floradas de algumas monoculturas*. Universidade de São Paulo: Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, F. R., ANTUNES, T. I., ALCANTARA, J., CARNEIRO, A. B. J. & SILVA, L. Z. R. J. (1986). *Atlas escolar de botânica*. Brasília: Ministério da Educação.

STORER, I. T., USINGER, L. R., STEBBINS, C. R. & NYBAKKEN, W. J. (1998). *Zoologia geral*. São Paulo: Ed. Nacional.



## UTILIZAÇÃO DE PLANTAS ORNAMENTAIS POR BEIJA-FLORES EM ÁREA URBANA

Danilo Mizuta\*  
Thais Tartalha do Nascimento\*  
Rodolfo Antônio de Figueiredo\*\*

### RESUMO

*A presença de beija-flores nas cidades é pouco estudada do ponto de vista biológico. O presente estudo investiga as espécies vegetais utilizadas por essas aves em duas áreas urbanizadas. No total, foram encontradas 11 espécies vegetais em floração, das quais apenas duas foram utilizadas por duas espécies de beija-flores. Conclui-se que o meio urbano não oferece condições tróficas apropriadas para a manutenção de populações de beija-flores, reduzindo a biodiversidade e a qualidade estética deste ambiente.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Reprodução Vegetal, Beija-flor, Ambiente Urbano.

### ABSTRACT

*The presence of hummingbirds in cities is little known from a biological standpoint. This study investigates the plant species used by this birds in two urban areas. In total, 11 plant species were found flowering, from which only two were used by two hummingbird species. The conclusion is that the urban environment do not offer trophic condition to maintenance of hummingbird populations, reducing its biodiversity and aesthetic quality.*

**KEY-WORDS:** Plant Reproduction, Hummingbird, Urban Environment.

### INTRODUÇÃO

As relações ecológicas existentes na cidade raramente são conhecidas. A presença de algumas espécies animais no ambiente urbano reveste-se de benefício estético e redutor de estresse para a população humana de determinado local. Tal é o caso dos beija-flores. É consenso entre a população a beleza dessas aves, que tem observado seu comportamento e seu modo de vida.

A pergunta, no entanto, que se faz é: apesar do interesse geral da população humana, apresentam as vias públicas uma flora compatível com a atração e a permanência dos beija-flores em área urbana? Esta pesquisa tem como objetivo a investigação da disponibilidade de alimento para beija-flores em uma praça urbana e em uma rua de bairro semi-urbanizado.

---

\* Alunos de Ensino Médio do Colégio Paulo Freire.

\*\* Professor Titular do Departamento de Ciências, Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta, e Professor do Colégio Paulo Freire. Rua Bom Jesus de Pirapora 140, 13207-660 Jundiá, SP, Brasil.

## **METODOLOGIA**

O trabalho de campo foi desenvolvido em Jundiáí-Mirim, na cidade de Jundiáí, um bairro semi-urbanizado, com vias públicas ainda não pavimentadas e em uma praça central na cidade de Itupeva. O mês de julho foi escolhido para observação, pois devido à estiagem é um dos meses com pouca oferta de alimentos para animais.

Primeiramente, foi verificada a presença das espécies vegetais nas duas áreas de estudo, em transecto de 2 km, tendo ramos coletados para identificação posterior. Em cada espécie vegetal florida foram verificadas a morfologia da planta e da flor e a presença de atrativos e recompensas a visitantes florais.

As observações naturalísticas foram realizadas em todas as espécies floridas nos dois ambientes estudados. No bairro Jundiáí-Mirim, foram realizadas 12 horas de observações, sempre entre 9h e 11h. Em Itupeva, as observações se realizaram em diversos horários do período diurno, perfazendo um total de 33 horas. Os beija-flores foram identificados seguindo-se os nomes científicos e populares de Grantsau (1989).

## **RESULTADOS**

No bairro Jundiáí-Mirim, foram encontradas seis espécies que apresentavam flores no período de estudo (Tabela 1). Porém, somente uma única espécie vegetal recebeu visitas de beija-flor. Essa planta, a sapatinho-de-judia, é uma trepadeira que possui inflorescências branco-amareladas, referida como atrativa de beija-flores (Lorenzi & Souza, 1995). Somente um indivíduo do beija-flor *Amazilia lactea lactea* (Lesson) (beija-flor-verde-de-peito-azul) visitou a planta.

Em Itupeva, observaram-se visitas diárias de duas espécies de beija-flores, *Amazilia lactea lactea* e *Eupetomena macroura macroura* (Gmelin) (tesourão), a cinco espécies vegetais (Tabela 1). Todas as plantas observadas foram procuradas por beija-flores para alimentação e/ou descanso.

As flores da paineira foram raramente utilizadas para alimentação dos beija-flores, mas foi intensa a procura dos seus ramos para descanso. Nas flores da coração-sangrento foram registradas duas visitas de beija-flores para alimentação, enquanto que nas do cambará foram verificadas quatro visitas. Tanto as flores do cósmo-amarelo como as da unha-de-vaca foram intensamente procuradas para alimentação.

As visitas dos beija-flores ocorreram a partir das 10h, com pico entre 10h30 e 12h. *Amazilia lactea* apresentou-se em maior número de indivíduos, aparentemente em melhor adaptação ao ambiente urbano, uma vez que também foi encontrado um ninho desta espécie. *Eupetomena macroura* defende agressivamente o recurso alimentar, mas também não altera seu comportamento em função da presença e movimentação de pessoas na praça.







**Tabela 1** - Espécies vegetais floridas durante o mês de julho em ambiente urbano (nomes científicos e populares seguem Lorenzi, 1992 e Lorenzi & Souza, 1995).

Área	Espécie vegetal (família)	Nome popular
Jundiá-Mirim	<i>Thumbergia mysorensis</i> T. Andress ex Bedd (Acanthaceae)	Sapatinho-de-judia
	<i>Senna bicapsularis</i> (L.) Roxb. (Fabaceae)	Canudo-de-pito
	<i>Lonicera japonica</i> Thumb. (Caprifoliaceae)	Madressilva
	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L. (Malvaceae)	Hibisco
	<i>Malvaviscus arboreus</i> Cav. (Malvaceae)	Malvaviscus
	<i>Thumbergia grandiflora</i> Roxb. (Acanthaceae)	Tumbérgia-azul
Itupeva	<i>Bauhinia variegata</i> L. (Fabaceae)	Unha-de-vaca
	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil. (Bombacaceae)	Paineira
	<i>Clerodendron speciosum</i> Tiejism. & Binn. (Verbenaceae)	Coração-sangrento
	<i>Lantana camara</i> Linn (Verbenaceae)	Cambará
	<i>Bidens sulphurea</i> Sch. Bip. (Asteraceae)	Cósmo-amarelo

Vários encontros agonísticos entre as duas espécies de beija-flores (interespecíficos), ou entre indivíduos da mesma espécie (intraespecíficos), foram registrados. O comportamento geral de coleta de recursos florais foi o de adejar na flor, inserindo o bico no perianto. Os beija-flores visitavam algumas flores antes de pousarem em um galho da árvore para descanso.

Algumas pessoas que passaram pela praça externaram não ter conhecimento sobre a estadia dos beija-flores nas árvores ou canteiros.

## DISCUSSÃO

Os resultados indicaram que o bairro Jundiá-Mirim não apresenta flora propícia para a atração e estabelecimento de beija-flores. A utilização do bairro por essas aves seria somente para deslocamento entre outras áreas e, talvez, como local alternativo para descanso.

Na praça de Itupeva, o ambiente parece mais favorável, apresentando diversas espécies vegetais utilizadas pelos beija-flores. No entanto, a baixa diversidade de espécies verificadas e o curto período do dia de atividades no local indicam que também esse não é perfeitamente adequado ao estabelecimento de beija-flores.

Os aspectos comportamentais dos beija-flores observados já haviam sido verificados em outros estudos e podem ser tidos como padrões gerais para essas espécies.

A população, apesar de gostar de beija-flores, não tem suficiente conhecimento de sua biologia, portanto, de suas necessidades. Essa falta de conhecimento pode comprometer uma melhor atuação frente à resolução de alguns problemas ambientais.

Conclui-se que a área urbana é, em termos gerais, pouco favorável aos beija-flores em função da pequena oferta de recursos alimentares. Apesar de várias pessoas, em atitude particular, cultivar em seus jardins e quintais plantas ornitófilas, aparentemente essa oferta alimentar não é suficiente para permitir a residência de beija-flores na cidade. O poder público, portanto, precisaria formular uma estratégia de arborização e plantio de espécies vegetais ornamentais que favoreçam os beija-flores. Somente assim as cidades poderão oferecer aos seus habitantes uma flora e fauna esteticamente rica e biodiversa, importante para a redução do estresse diário e para a educação ambiental da população.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

GRANTSAU, R. (1989). *Os beija-flores do Brasil*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.

LORENZI, H. (1992). *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Nova Odessa: Ed. Plantarum.

LORENZI, H. & SOUZA, H. M. (1995). *Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras*. Nova Odessa: Ed. Plantarum.

## **SISTEMA NERVOSO E 3ª IDADE**

(2ª PARTE)

ERNESTO JOSÉ D'OTTAVIANO\*

### **RESUMO**

*Em sua segunda parte, este artigo relata as alterações fisiológicas que ocorrem nas sensibilidades especiais – visão, audição, aparelho vestibular, olfação, gustação – e nas unidades motoras desde a idade adulta até a senescência.*

**PALAVRAS CHAVE:** sistema nervoso e senescência

### **ABSTRACT**

*This article treats of physiological alterations which occur in the vision, hearing, vestibular function, gustation, olfaction and neuromuscular system since adult age until the aging.*

**KEY WORDS:** nervous system and senescence

### **VISÃO**

Pode-se considerar como alterações senis do olho ou do aparelho ocular, uma série de achados constantes em indivíduos idosos e em pessoas pré-senis. Esses achados envolvem não só o aspecto, isto é, a aparência percebida pelos circundantes, como também acarretam queixas do próprio indivíduo quanto ao seu aspecto morfológico e as suas funções normais.

No problema visual dos idosos, inclui-se uma progressiva redução no campo visual, uma dificuldade de focalizar objetos próximos, pela perda da acomodação, e uma evidente diminuição da acuidade visual.

A perda da elasticidade da pele das pálpebras, nas pessoas que vão envelhecendo, traz como conseqüência hérnias de gordura orbitária, que criam as chamadas “bolsas palpebrais” inestéticas, tomadas inicialmente pelos pacientes como “pálpebras inflamadas”, e que são passíveis de serem corrigidas por cirurgia plástica. Por outro lado, a atrofia das camadas mais internas da pele das pálpebras leva ao aparecimento de rugas, de ptose palpebral senil, de blefarocalásios, de ectrópio

---

\* Livre Docente, Professor Adjunto e Professor Titular de Fisiologia e Biofísica da Unicamp, PUC Campinas e Faculdades Anchieta de Jundiá. Pós Doutorado em Biologia da Reprodução em Montevideo, Santiago do Chile, Buenos Aires e Nova York. Professor dos cursos de Pós Graduação em Fisiologia do Instituto de Biologia e Fisiologia e Biofísica do Sistema Estomatognático da Faculdade de Odontologia da Unicamp.

ou entrópico senil. A atrofia da gordura orbitária com perda do coxim gorduroso leva a um processo de enftalmia generalizada na senilidade (THEODORE, 1975).

O exame das conjuntivas das pessoas idosas quase sempre revela uma tonalidade amarelada proveniente de infiltração gordurosa (BERENS, 1943). É comum encontrar-se pinguéculas, hiperemia por dilatação das paredes vasculares, ou mesmo vasos obliterados, na rede vascular das conjuntivas e aparente aumento das lágrimas [a produção lacrimal excede a reabsorção, que diminui (WEALE, 1963)].

Próximo ao limbo esclero-corneano, o qual separa a córnea da esclerótica que completa a túnica envoltória do globo ocular, aparece como sinal de senescência o arco senil ou gerontoxon, o qual apresenta uma tonalidade esbranquiçada por infiltração gordurosa, e que forma um arco completo ou parcial, e não interferindo na visão. Surge astigmatismo, pela mudança da curvatura da córnea, aumentando a refração da luz, principalmente nos meridianos horizontais.

Delimitada na frente pela córnea, posteriormente pela íris e cristalino, a câmara anterior se apresenta cheia de humor aquoso. Na senilidade, em seu ângulo na região do trabeculado produz-se um espessamento da esclera com conseqüente obstrução do canal de drenagem do aquoso que, quando muito acentuado, leva a uma hipertensão endo-ocular e ao glaucoma. O glaucoma não é intrínseco da idade, a rigidez do globo ocular falseia os resultados da pressão intraocular (ANDERSON e PALMORE, 1974). Na íris se encontra degeneração e migração do pigmento do seu epitélio, hialinização e atrofia do esfíncter pupilar, com miose e rigidez pupilar (WEALE, 1963). Como conseqüência menor quantidade de luz é admitida dentro do olho com queda da capacidade visual. A câmara anterior se reduz de 3,6 para 3,1 mm dos 25 aos 85 anos (ROSENGREN, 1950). A perturbação da acuidade visual começa cedo (por volta dos 40 anos) como sinal de senilidade. Surge a “vista cansada” ou “presbiopia”, que é conseqüente à redução e ao desaparecimento do fenômeno de acomodação, e que nos permite focalizar os objetos de longe até uns centímetros do olho (FISHER, 1973). Esta função é proveniente da ação conjugada do músculo ciliar e do cristalino. Este, antes da quarta década, possui elasticidade e pode sofrer mudanças em sua forma com conseqüente alteração da refração, graças ao afrouxamento do ligamento suspensor do cristalino, intimamente ligado na sua porção proximal ao músculo ciliar (FISHER, 1969).

O cristalino, que é um dos meios transparentes do globo ocular, além de perder sua elasticidade pode ser sede de processos escleróticos e degenerativos, trazendo, com a perturbação de seu metabolismo, inicialmente um amarelecimento de suas fibras com perda da capacidade de reconhecer a cor azul e, posteriormente, sua opacificação, resultando na conhecida catarata senil, com acúmulo de macromoléculas protéicas insolúveis e conseqüente perda da visão. Pela extração do cristalino opacificado e sua substituição por lentes adequadas, o paciente pode recobrar a visão. (SAID e WEALE, 1959; RUDDOCK, 1965; BALAZS, 1977)

Por trás do cristalino, a câmara vítrea ocupa mais de 2/3 do globo ocular e está preenchida pelo corpo vítreo, um dos meios transparentes do globo ocular. O vítreo

é um gel disposto em uma malha de filamentos sólidos transparentes em meio líquido. Com a idade, há degeneração e rotura desses filamentos, surgindo uma hialite com corpos asteróides, dando aspecto de partículas brilhantes nadando num meio líquido quando recebem um feixe luminoso, ou mesmo deslocamento posterior de toda a malha vítrea de suas inserções na retina.

As alterações senis encontradas na coróide e na retina são quase sempre conseqüências de perturbações senis generalizadas, como a arteriosclerose, hipertensão arterial, lesões vasculares venosas ou arteriais generalizadas como desnutrição e degeneração de suas camadas constituintes. Muitas vezes a degradação da função retiniana provém de alterações senis do sistema nervoso central, vasculares ou não, que não poupam a retina ou o nervo óptico por serem eles dependências diretas do SNC. Temos deslocamentos da retina periférica. (WEALE, 1963 e PRINCE, 1965)

A necessidade do uso constante do óculos, a redução do campo visual – parcialmente mecânica, pela ptose senil das pálpebras que restringe a visão para o alto e pelo afundamento do globo ocular pela enftalmia, que limita a visão em todas as direções – a dificuldade de restringir as cores, especialmente em ambientes pouco iluminados, bem como a dificuldade de adaptação ao escuro pela redução da quantidade de luz que alcança a retina, dificultam a atividade individual principalmente na condução de veículos e na prática de esportes (DOMEY, Mc FARLAND, CHADWICK, 1960A, DOMEY, Mc FARLAND, CHADWICK, 1960B, Mc FARLAND, DOMEY, WARREN, e WARD, 1960, Mc FARLAND, 1963). A visão de um dos olhos, ao se tornar mais fraca que a do outro, leva à redução da visão estereoscópica e à conseqüente dificuldade na avaliação da velocidade de objetos em movimento, além da queda da capacidade de distinguir detalhes finos e coisas e pessoas encontradas no meio ambiente.

Observa-se ainda, diminuição do número de fibras do nervo ótico e diminuição das células da área estriada. (BRUESCH e AREY, 1942, SCHEFER, 1973, HANLEY, 1974) O campo visual começa a diminuir de tamanho aos 40 anos e a adaptação ao escuro decresce (WOLF, 1968 e BURG, 1968).

A visão a cores também decai, atingindo inicialmente os tons azuis, aos 40 anos e, por último, os tons vermelhos, aos 60 anos. Isto seria devido às alterações que o meio ocular sofre com a idade, dificultando a transmissão luminosa. Para muitos autores, a causa básica seria o menor suprimento sangüíneo e, portanto, hipóxia (GILBERT, 1957; VERREIST, 1963; OHTA e KATO, 1976).

Há deteriorização na performance do idoso, em identificar alvos quando a frequência dos estímulos aumenta ou quando a duração dos mesmos diminui. A persistência visual da informação estocada é menor, a formação da percepção demora mais e, se o estímulo não for familiar, ele leva mais tempo para tomar decisões; isto permite concluir que a idade afeta ambos os processos centrais e periféricos, aumentando o período de latência para percepção visual (WALLACE, 1956; RABBITT, 1965; TALLAND, 1966; WALSH e THOMPSON, 1978).

## AUDIÇÃO

Os distúrbios auditivos nos idosos são a regra e não a exceção, pois grande parte das pessoas com mais de 65 anos padece de distúrbios auditivos, que perturbam a comunicação e podem, com isso, ter conseqüências sociais.

Segundo estatísticas, somente um quinto dos pacientes com mais de 65 anos com hipocusia moderada e média, utiliza-se de prótese auditiva: somente um terço encontra-se em tratamento médico, por este motivo e mesmo porque já o faziam abaixo dos 65 anos. A maior parte dos indivíduos com lesões auditivas não procura por tratamento médico. Sentem-se envergonhados ou desalentados devido ao seu déficit (CORSO, 1968, 1976).

Isto deveria levar-nos a dirigir e analisar nosso próprio comportamento no trato com pacientes idosos, visando a descobrir esta queixa, que atinge milhões de pessoas.

Receber os estímulos sonoros trazidos pelo ar, transmiti-los a meios líquidos e enviá-los ao cérebro, que os interpreta, são as funções complexas do ouvido humano. Dividido em segmentos – externo, médio e interno –, além de suas vias de transmissão e centros corticais, compreende-se que alterações em cada um desses segmentos do ouvido humano possam alterar ou impedir a percepção dos sons.

Chegando à concha auditiva, os sons são conduzidos e refletidos pelo conduto até a membrana timpânica. Ligada a um sistema de alavancas – a cadeia de ossículos – as vibrações da membrana timpânica são ampliadas até chegarem a uma abertura de dimensões reduzidas – a janela oval – sobre a qual a platina do estribo se articula. A partir daí, os líquidos labirínticos, no interior da cóclea – 3º segmento do ouvido interno – fazem vibrar as finas terminações de células ciliares, de onde, através do nervo auditivo, os sons são levados até o cérebro. Estas células ciliares estão contidas em um órgão delicado – o órgão de Corti – e são empregadas para transformar energia mecânica sonora em impulsos nervosos.

Com isso, entendemos que o ouvido preenche duas funções: uma de transmissão, da concha até a janela oval e líquidos labirínticos, e outra de percepção, que se realiza no ouvido e vias auditivas. Qualquer doença que afete a transmissão sonora determina uma hipoacusia.

A perda auditiva bilateral é extremamente rara, de modo que a possibilidade de comunicação oral geralmente não é interrompida.

Em pacientes idosos, devemos prestar atenção nas causas vasculares, ototóxicas-medicamentosas, alérgicas e psicogênicas, devendo ser excluído um tumor.

A perda auditiva freqüentemente se faz acompanhar do tinido, que ocorre através do aumento da percepção de ruídos de fluxo arterial intracraniano, na ausência de estímulos provenientes do meio externo.

Quando o paciente se queixa concomitantemente de visão dupla e parestesias ou se existem adicionalmente parestesias, distúrbios de fala e da consciência e uma

desorientação, deve então haver um processo que atinge regiões mais extensas do SNC, geralmente de base vascular ou, eventualmente, tumoral.

A presbiacusia, perda progressiva e bilateral da audição associada à degeneração do sistema auditivo, é hoje um dos maiores problemas médicos, e se complica com causas externas como o ruído e desordens patológicas. O número de pessoas acometidas vem crescendo constantemente. A idade promoveria alterações em 4 níveis: presbiacusia sensorial que envolve a degeneração das células basais do órgão de Corti e menor sensibilidade para os tons de alta frequência; a perda da audição dos tons altos é tida como sendo o critério da capacidade auditiva dependente da idade, que pode ser comprovada já a partir da 3ª década de vida e, dentro de determinados limites, pode ser encarada como fisiológica; presbiacusia neural envolve degeneração das vias auditivas e compromete a percepção da fala: as alterações da sensibilidade aos tons altos correm, em parte, paralelas à piora da compreensão da fala; devido aos seus componentes de alta frequência, as consoantes passam a ser entendidas com maior dificuldade. Parece que as diferenças centrais de frequência e tempo são retardamente integradas para a formação de uma informação: presbiacusia metabólica devido a alterações atróficas na escala média e aumento no limiar para os tons puros; presbiacusia mecânica, que são alterações da membrana basilar, levando à deficiência auditiva para sons de alta frequência e, em adição a insuficiência vascular em vários locais podem contribuir para isso. (SCHUKNECHT, 1964; GACEK e SCHUKNECHT, 1969; GACEK, 1975; CORSO, 1977). As alterações anatômicas, com perda celular e degeneração tecidual, podem ser vistas desde a cóclea até o córtex temporal (FLEISCHER, 1956; BREDBERG, 1968; JOHNSON e HAWKINS, 1972). O ouvido médio pode apresentar acúmulo de líquido, enrijecimento da membrana timpânica, alterações nos ossículos, músculos e cartilagens, (ROSENWASSER, 1964; GROSS, 1969; RICHARDS, 1971; ETHOLM e BELAL, 1974; BELAL, 1975). É a otosclerose, que deve ser distinguida da surdez, especialmente em situações industriais – nível de decibéis –, embora ambas possam ser aditivas em alguns casos (FOURNIER, 1954; MOLLICA, 1969; BOCHENEK e JACHOWSKA, 1969; KUDO, OKUMURA, SHOMOTO e TAKEDA, 1975).

Discriminação do diálogo: em ambientes barulhentos, os pacientes mais idosos apresentam uma dificuldade especial em tratar uma conversa interessante para eles e suprimir os fenômenos acústicos acompanhantes: um diálogo entre duas pessoas é bem mais fácil do que o diálogo numa grande reunião. Esse distúrbio fica mais acentuado quando existem grandes diferenças na capacidade auditiva de ambos os lados e, com isso, a audição espacial direcional encontra-se acentuadamente perturbada.

Sensibilidade anormal aos ruídos: uma redução da sensibilidade auditiva baseada num aumento do limiar de percepção não exclui uma hipersensibilidade subjetiva acima deste limiar. Neste último caso, podemos distinguir duas coisas: por um lado, um indivíduo de audição normal não sentirá como incomodativa uma intensidade de som mais alta, sendo que um paciente com lesão auditiva pode percebê-la

como desagradável a até mesmo dolorosa; de outro lado, alguns indivíduos sadios não são capazes de perceber (PESTALOZZA e SHORE, 1955; CALEARO e LAZZARONI, 1957; FELDMAN e REGER, 1967; STEVENSON, 1975; BERGMAN, BLUMEFELD, CASCARDO, DASH, LEVITT e MARGULIES, 1976).

## **APARELHO VESTIBULAR**

Quanto ao aparelho vestibular, as alterações são menos evidentes, embora a sensação de vertigem seja relatada freqüentemente. Há uma moderada degeneração celular nas máculas e principalmente nas cristas. Os receptores em ambas estruturas e as otocônias no sistema sáculo-utrículo estão reduzidos, o gânglio vestibular não apresenta alterações, mas as respostas aos nistagmos calórico e pós-rotacional são hiporeativas após os 50 anos (FRIEDMAN, 1963; JOHNSON e HAWKINS, 1972; FLEISCHER, 1973; ROSENHALL e RUBIN, 1974; ENGSTRÖM, ADES, ENGSTROM, GILCHRIST e BOURNE, 1977).

Zumbidos: a sensação de zumbidos geralmente é um fenômeno psicológico e dependente, principalmente, de ocorrências psíquicas, podendo, inclusive, levar o indivíduo a intenções suicidas. Esse zumbido pode ser por ruídos vasculares ou indício de sofrimento do labirinto acústico.

Tonturas: as tonturas fazem parte das queixas mais freqüentes dos pacientes idosos, apesar de que a maioria dos casos não tem etiologia esclarecida; é necessário levar os casos passíveis de esclarecimento ao diagnóstico correto e possível tratamento causal. (DROLLER e PEMBERTON; 1953, ORMA e KOSKENOJA, 1957).

Na idade avançada, estão em evidência as causas vasculares e degenerativas. A menor capacidade de adaptação do SNC também colabora para com a manutenção de sensações de tonturas, ao contrário das faixas etárias mais jovens, nas quais as tonturas desaparecem rapidamente.

Sintomas como escurecimento da visão, obnubilação, visão dupla, moscas volantes, são os sinais de uma rápida deficiência de O<sub>2</sub> no cérebro e caracterizam o "desmaio". Na senilidade, isso pode ocorrer por vários motivos: a síndrome ortostática após apoplexias, arteriosclerose cerebral acentuada ou devido à terapêutica anti-hipertensiva, assim como os distúrbios do ritmo e perdas hídricas. Síncopes leves, dependentes de movimentos (girar ou curvar o pescoço), aparecem nas estenoses da artéria vertebral, na síndrome da artéria basilar ou também na síndrome do seio carotídeo.

Também deve-se considerar uma ação farmacológica tóxica antes de se colocar em ação um aparato diagnóstico dispendioso, suspendendo todos os medicamentos em uso por alguns dias; descartar estados hipoglicêmicos, anemia, as cinetoses (doenças de viagens).

Todas essas formas de tonturas citadas até agora são consideradas clinicamente pseudotonturas, uma vez que as queixas dos pacientes não se referem a situações tão extremas ou muito freqüentes.

Agora, considera-se clinicamente tontura verdadeira a que o paciente exterioriza em outras dimensões, como preocupação, sensação estranha, amedrontadora. Neste caso, distinguem-se 3 grupos etiológicos, que podem sobrepor-se: tontura otológica, tontura oftalmológica e tontura cerebral.

São reconhecidas através do nistagmo, insegurança ao andar e tendência a quedas. A tontura ocorre porque as lesões do nervo vestibular se exteriorizam por movimentos aparentes da pessoa acometida, estando a consciência mantida e associada a sintomas vegetativos, paresias faciais ou distúrbios auditivos (OKANO, 1938; ARSLAN, 1957; CLEMENT, van der LAAN e OOSTERVELD, 1975; VIROLAINEN e AANTAA, 1976).

### **GUSTAÇÃO E OLFAÇÃO**

Os botões gustativos diminuem com a idade e as papilas gustativas, que atingem seu clímax de desenvolvimento na puberdade, começam a atrofiar na mulher entre 40-45 anos e no homem aos 50 anos. Um jovem possui, em média, 250 botões gustativos por papila circunvalada (V lingual-amargo); acima dos 70 anos, menos de 100. Existe hipertrofia das papilas fungiformes, foliadas e circunvaladas no idoso e inibição da fosfatase alcalina no epitélio que recobre os botões gustativos.

Os limiares para os 4 sabores ou paladares primários aumentam com a idade. Os limiares para a sacarose aumentam 3 vezes após os 50 anos, enquanto os para o sal diminuem, principalmente nos homens (RICHTER e CAMPBELL, 1940; COOPER, BILASH e ZUBEK, 1959; HERMEL, SCHONWETTER e SAMUELLOFF, 1970). Os testes gustativos demonstram um declínio da sensibilidade à feniltiouréia em ambos os sexos; a mulher é discretamente mais sensível à feniltiocarbamida, ao propiltiouracil e à quinina, embora também apresente decremento. Em geral, os homens cometem mais erros que as mulheres na identificação dos sabores primários (FALCONER, 1947; SMITH, 1942; COHEN e GITMAN, 1959; KALMUS e TROTTER, 1962)

Quanto à olfação, estudos anatômicos em cadáveres idosos demonstram perdas das células sensitivas da mucosa olfatória com conseqüente atrofia dos bulbos olfativos e dos nervos. Poderiam influir a inalação crônica de agentes tóxicos, como a fumaça do tabaco e outros poluentes. (MESOLELLA, 1934; SMITH, 1942; LISS e GOMEZ, 1958)

O declínio da sensibilidade olfativa com a idade pode ser resultante de degeneração de células centrais e ser independente de modificações periféricas do aparelho olfativo. Porém, a capacidade regenerativa do epitélio olfatório declina com a idade (HINCHCLIFFE, 1962). Em Londres, observou-se um aumento do limiar olfativo, acima dos 65 anos ao gás doméstico, e bem como ao odor do café e frutas cítricas (CHALKE, DEWHURST e WARD, 1958, MEGIGHIAN, 1958). Aqui, também há semelhança no nível de gustação: as mulheres são mais sensíveis do que os homens. Testes com olfatômetro a diversos odores demonstram que a concentração das substâncias pesquisadas tem que ser triplicada ou mesmo quadruplicada

nos idosos. Há marcada diminuição da sensibilidade à cânfora, ao butanol e ao acetato iso-amílico, mas aumenta a sensibilidade ao propanol após os 60 anos (MESOLELLA, 1934; KIMBRELL e FURCHGOTT, 1963).

## **MÚSCULO E UNIDADE MOTORA**

A idade avançada é acompanhada da diminuição da atividade espontânea, devido às alterações da unidade motora. A placa motora mostra redução do número de pregas subsinápticas e as unidades motoras dos músculos esqueléticos rápidos diminui em número; exemplo, músculos do globo ocular. Também músculos lentos como os gêmeos – solear sofrem declínio do número de unidades motoras funcionais. Ou seja, as alterações impostas pela idade simulam a denervação ou a inatividade. Em geral, são mais atingidos os músculos rápidos, tornando os indivíduos também inábeis para o exercício, o que aumenta o sedentarismo que, por sua vez, aumenta a inatividade [atrofia por desuso! (CAMPBELL, Mc COMAS e PETITO, 1973; TOMONAGA, 1977)].

Mas músculos lentos como diafragma, intercostais e os retos abdominais também apresentam menor atrofia de suas fibras. Começam a aumentar o tecido conjuntivo e a deposição de gordura entre as fibras musculares, diminui o teor de glicogênio, e a tensão isométrica requer menos estiramento que nos jovens. São descritos ainda, em humanos e animais, alterações das concentrações de Na<sup>+</sup>, K<sup>+</sup>, Mg<sup>2+</sup>, ATP-ase, Ca<sup>2+</sup>, consumo de O<sub>2</sub>, alterações mitocondriais, teor de água, etc (INOKUCHI, ISHIKAWA, IWAMOTO e KIMURA, 1975; FRIEDMAN, STRETER e FRIEDMAN, 1963; BERTRAND, YU, e MASORO, 1975; ANGELOVA – GATEVA, 1969).

Com o envelhecimento, há diminuição da massa muscular, ocorrendo aumento de tecido colágeno e infiltração de gordura em músculos estriados. Precisa-se ainda de modificações ao nível dos receptores musculares. A força muscular do bíceps aos 60 anos é cerca da metade daquela aos 25 anos. Outros fatores responsáveis por uma menor força muscular na velhice são a falta de uma alimentação adequada (elementos estruturais), a pouca exposição ao sol e a diminuição de hormônios sexuais (testosterona e estrógeno). O peso total de todos os músculos é de mais ou menos 425 g/k na terceira década, 339 g/k na quinta década e 270 g/k aos 70 anos. As atrofias musculares particularmente do bíceps e das panturrilhas, a marcha insegura ou de pequenos passos, evidenciam a simples inspeção à decadência senil.

A atitude postural caracteriza-se sobretudo pela predominância das flexões. A coluna cervical curva-se para a frente, aproximando a cabeça do esterno, exagera-se a cifose dorsal, imobiliza-se a coluna lombar e os membros tendem a fletir ao nível dos cotovelos, dos joelhos e da articulação coxo-femural.

A essa rigidez do arcabouço músculo-esquelético associam-se a pobreza e a lentidão dos movimentos ativos, realizando um quadro de parkinsonismo. Não há dúvida de que, além das alterações esqueléticas senis, acham-se presentes pro-

cessos involutivos que comprometem o sistema nervoso extra-piramidal. A marcha de pequenos passos, onde os pés se arrastam descontroladamente pelo solo, é uma das expressões mais marcantes da decadência senil (SKINNER, 1971; Mc CARTER, 1978).

A insegurança na marcha, propiciando freqüentes quedas, traduz muitas vezes desordens da coordenação motora e falha dos reflexos proprioceptivos.

A musculatura estriada tem por função a manutenção da posição do corpo, a produção dos movimentos e a continência de parede, como acontece na cavidade abdominal.

Para a realização de suas funções, há necessidade de abundante irrigação sanguínea. Nas isquemias surge dor (claudicação) e fadiga muscular ou astenia que pode aparecer, também, em certos distúrbios metabólicos, como no diabetes mellitus e na insuficiência da supra-renal.

O estado de contração parcial de origem reflexa e central, em que permanentemente se encontram os músculos estriados, é chamado de tônus muscular. É reconhecido pela tensão do músculo à palpação e por apresentar uma discreta resistência aos movimentos passivos. Nas lesões do cerebelo e córtex cerebral, pode ocorrer hipotonia, pois esses órgãos auxiliam na manutenção do tônus muscular, ao passo que, nas miopatias polineurites e tabes, há hipotonia muscular por interrupção do arco reflexo.

Nas lesões piramidais, por falta de freio exercido no arco reflexo medular, surge hipertonia muscular associada à hiperreflexia tendinosa (hemiplegia espástica). As alterações do corpo estriado, que aparecem na doença de Parkinson, dão origem à hipertonia, levando a haver supuração e formação de abscesso. Nas contusões e distensões pode ocorrer ruptura de fibras musculares com hemorragia, aparecimento de equimoses e até mesmo de hematomas, que podem se calcificar. Os processos inflamatórios crônicos dos músculos apresentam tendência à fibrose (fibrosites). Os músculos que sofrem traumatismos repetidos podem calcificar-se.

A hipotonia muscular e a diminuição do tecido adiposo favorecem o desenvolvimento de hérnias inguinais, crurais ou umbilicais.

As quedas freqüentes podem ocorrer por conta da perda de equilíbrio e por insegurança na marcha, ficando impossibilitado de efetuar qualquer ato que requeira controle muscular preciso.

As pupilas estão modificadas. Há nítida tendência à miose e o reflexo fotomotor pode estar preguiçoso e, às vezes, mesmo abolido; ocorrendo estas alterações, em geral, por distúrbios degenerativos da íris. Os movimentos conjugados dos olhos podem estar diminuídos principalmente no olhar para cima e à visão próxima (MILLER, 1974).

Ocorrem amiotrofias dos músculos intrínsecos das mãos por causa de processos articulares degenerativos.

As alterações atróficas podem resultar de diversos distúrbios. A atrofia dos músculos ocorre com a idade, talvez em relação gradual do suprimento sanguíneo,

mas também com a desnutrição, imobilizado, doenças crônicas e, particularmente, com a desnervação. Qualquer que seja a situação, as alterações anatômicas são mais ou menos uniformes e têm sido mais bem estudadas em músculos desnervados.

Embora as causas de atrofia muscular sejam numerosas, os exemplos mais acentuados são encontrados nas doenças que deprivam as unidades motoras de sua inervação – atrofia de desnervação. A lesão neural pode estar localizada na medula espinhal ou nos nervos periféricos. A atrofia que ocorre na poliomielite e na neurite periférica, seja causada por deficiência de tiamina ou pelo diabetes mellitus, assim como as lesões dos nervos periféricos, seguem o padrão morfológico descrito. A distribuição da atrofia depende do padrão de inervação dos nervos motores afetados. A atrofia de desnervação pode diferir de outras formas de atrofia pelo fato de que, no plano de corte, encontramos fibras musculares afetadas que perderam sua inervação, adjacentes a fibras de aspecto normal que possuem suprimento nervoso independente. O diagnóstico de desnervação pode freqüentemente ser apoiado pela demonstração de filamentos nervosos degenerados no interior do corte do músculo. Este tipo de atrofia de desnervação aparente é também encontrado em certas doenças neuromusculares específicas como, por exemplo, atrofia muscular infantil, amiotonia congênita, atrofia muscular progressiva de Aran-Duchenne e esclerose lateral amiotrófica de Charcot (GUTMAN e HANZILIKOVA, 1975; KELLY, 1978).

As alterações do músculo esquelético (miopatias) ocorrem em várias doenças sistêmicas e em certas doenças primariamente musculares. Em geral, estas miopatias compreendem uma área pequena da prática da patologia. Relacionar todas as condições nas quais os músculos esqueléticos podem ser afetados, seria fazer referência a muitas doenças. Por exemplo, as infecções estafilocócicas podem comprometer músculos adjacentes. O comprometimento muscular é um aspecto proeminente da esclerodermia e dermatomiosite. A lesão celular muscular se observa no alcoolismo crônico, na triquinose e na febre tifóide, para citar apenas alguns exemplos. A imobilização de uma extremidade, seja por lesão ou paralisia (p. ex., AVC), é seguida por atrofia muscular. Deste modo, os músculos esqueléticos são a sede de numerosas alterações morfológicas em uma grande variedade de situações.

A lesão das células musculares pode ocorrer pela invasão direta por bactérias, vírus, parasitos e fungos. Também, muitos produtos bacterianos tóxicos, tais como os produzidos pelo *Clostridium perfringens*, lesam as células musculares.

Além disso, a miosite pode ser encontrada em qualquer das chamadas doenças do tecido conjuntivo, porém, nestas circunstâncias, a natureza do comprometimento muscular somente pode ser identificada pelas alterações características dos vasos sanguíneos e órgãos que acompanham as alterações musculares. A miosite é um dos aspectos mais proeminentes da doença de Weil. Uma forma obscura de miosite primária, comprometendo simultaneamente muitos músculos, é denominada polimiosite. Em todas as formas de miosite, as alterações inflamatórias são similares e somente podem ser denominadas de miosites. A diferenciação entre

uma condição e outra exige o conhecimento das alterações anatômicas associadas e dos achados clínicos (ERMINI, 1976).

A miastema grave é um distúrbio auto-imune, caracterizado por astenia muscular provocada por anticorpos que se localizam nas junções neuromusculares e prejudicam a transmissão dos impulsos neurais. Não conhecemos a causa desencadeadora que dá início ao aparecimento dos anticorpos, mas o alvo antigênico é composto pelos receptores de acetilcolina da membrana pós-sináptica na placa terminal motora (FROLKIS, BEZRUKOV, DUPLINKO, SCHCHEGOLEVA, SHERTCHUK e VERKHRATSKY, 1973) As seguintes manifestações diferenciam a miastenia grave de outras doenças musculares:

1. os primeiros músculos mais uniformemente afetados são os acionados com mais freqüência, mais ou menos em ordem decrescente: oculomotores, faciais, laríngeos, faríngeos e respiratórios. Com a evolução da doença e com o tempo são afetados os músculos da cintura e, em seguida, os músculos proximais e, nos casos mais graves, quase todos os músculos do corpo;

2. é particularmente característica a progressão da astenia muscular com a atividade constante e a recuperação de sua força após um período de repouso;

3. as anomalias tímicas estão presentes em 70 a 80% dos pacientes (hiperplasia folicular tímica, "timite", em 60 à 65%, e timoma em 10 à 15%);

4. a doença pode aparecer em qualquer idade, mas a freqüência máxima em mulheres é na terceira década e, nos homens, é na vida adulta avançada.;

5. de modo geral, as mulheres são afetadas duas vezes mais do que os homens, sendo a desproporção de aproximadamente 4 a 5:1, na primeira década, com alguma inversão dessa proporção nos anos posteriores;

6. existem relações bem definidas entre a idade de início e as anomalias tímicas. A hiperplasia folicular tímica está associada com uma idade precoce de início, isto é, a segunda e terceira décadas. Ao contrário, a freqüência máxima da doença associada com timoma é na quinta década, sendo os homens afetados com mais freqüência do que as mulheres;

7. é também característica da miastenia a melhoria acentuada na força muscular em resposta a medicamentos anticolinesterásicos, até que a doença torne-se avançada.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALLARA, E. (1939), *Investigations on the human taste organ I. The structure of taste papillae at various ages*, Arch.Ital. Anat. Embriol. 42, 506

ANDERSON, B. and PALMORE, E. (1974), *Longitudinal evaluation of ocular function, in Normal Aging: Reports from longitudinal study 1970 – 1973*, PALMORE , E., Ed. Duke University Press, Durham, N. C., 24

- ANGELOVA-GATEVA, P. (1969), *Tissue respiration and glycolysis in quadriceps femoris and heart of rats different ages during hypodynamia*, Exp. Gerontol, 4, 177
- AREY, L.B., TREMAINE, M. J. and MONZINGO, F.L. (1936), *The numerical and topographical relations of taste buds to human circumvallate papillae throughout the life span*. Anat. Rec. 64 (1). Suppl 1.
- ARSLAN, M. (1957), *The senescence of the vestibular apparatus*, Pract. Oto-Rhino-Laryngol. 19, 475
- BALAZS, E. A., (1977), *Intracellular matrix of connective tissue*, in *Handbook of the Biology of Aging*, Finch, C. and Hayflick, L. Eds., Van Nostrand Reinhold, New York, 227
- BELAL, A. Jr. (1975), *Presbycusis: physiological os pathological*, J. Laryngol. Otol. 89 (10) 1011
- BERENS, c. (1943), *Aging process in eye and adnexa*, Arch. Ophthalmol. 29, 171
- BERGMAN, M., BLUMEFELD, V. G., CASCARDO, D., DASH, B., LEVITT, H. and MARGULIES, M. K. (1976), *Age-related decrement in hearing for speech. Sampling and longitudinal studies*. J. Gerontol. 32 (5), 533
- BERTRAND, H.A., YU, B. P., and MASORO, E. J. (1975), *The effect of rat age on the composition and functional activities of skeletal muscle sarcoplasmic reticulum membrane preparations*, Mech. Ageing Dev. 4, 7
- BOCHENEK, Z. and JACHOWSKA, A. (1969), *Atherosclerosis, accelerated presbycusis and acoustic trauma*, Int. Aud. 8, 312
- BREDBERG, G. (1968), *Cellular pattern and nerve supply of the human organ of Corti*, Acta Otolaryngol. Suppl. 236, 1
- BRUESCH, S.R. and AREY, L.B. (1942) – *The number of myelinated and unmyelinated fibers in the optic nerves of vertebrates*, J. Comp. Neurol. 77, 631
- BURG, A. (1968) *Lateral visual field as related to age and sex*, J. Appl. Psychol. 52,10
- CALEARO, D. and LAZZARONI, A. (1957), *Speech intelligibility in relation to the message*, Laryngology 67, 410

- CAMPBELL, M. J., Mc Comas, A. J. and PETITO, F., (1973), *Physiological changes in ageing muscles*, J. Neurol. Neurosurg. Psychiatry, 36, 174
- CHALKE, H. D. , DEWHURST, J.R. and WARD, C. W. (1958), *Loss of sense of smell in old people*, Public. Health 72 (6), 223
- CLEMENT, P. A. R., van der LAAN, F. L. and OOSTERVELD, J. (1975), *L' influence de l'age sur la fonction vestibulaire*, Acta Oto-Rhino-Laringol, Belg. 29, 163
- COHEN, T. and GITMAN, L. (1959), *Oral complaints and taste perception in the aged*. J. Gerontol. 14, 294
- COPPER, R. M., BILASH, I and ZUBEK, J. P. (1959), *The effect of age on taste sensitivity*. J. Gerontol. 14, 56
- CORSO, J. F. (1968), *The sensory effects of aging in man*, Scientia: Int. Ver. Sci. Synthesis, 103, 362
- CORSO, J. F. (1977) – *Presbycusis, hearing aids and aging*, Audiology (Basel) 16, 146
- CORSO, J. F., (1976), *Presbycusis as a complicating factor in evaluating noise-induced hearing loss, in /effects of noise on Hearing*, Henderson, D., Hamernik, R. P. Dosangh, D. S. and Mills, J. H. Eds. Raven Press, New York, 497
- DOMEY, R. G., Mc FARLAND, R. A., and CHADWICK, E., (1960), *Dark adaptation as a function of age and time. II: A derivation*, J. Gerontol. 15, 267
- DOMEY, R. G., Mc FARLAND, R. A., and CHADWICK, E., (1960), *Threshold and rate of dark adaptation as functions of age and time*, Hum. Factors. 2, 109
- DROLLER, H. and PEMBERTON, J. (1953), *Vertigo in a random sample of elderly people living in their homes*, J. Laryngol. 67, 689
- ENGSTRÖM, H., ADES, H. W., ENGSTRÖM, B., GILCHRIST, D. and BOURNE, G. (1977), *Structural changes in the vestibular epithelia in elderly monkeys and humans*, Adv. Oto-Rhino-Laryngol. 22, 93
- ERMINI, M. (1976), *Aging changes in mammalian Skeletal muscle: biochemical studies*, Gerontology, 22, 301
- ETHOLM, B. and BELAL, A. Jr. (1974) *Senile changes in the middle ear joints*, Ann. Otol. Rhinol. Laryngol. 83, 49

- FALCONER, D. S. (1947), *Sensory thresholds for solutions of phenylthiocarbamide*, Ann. Eugen. 13, 211
- FELDMAN, R.M. and REGER, S.N. (1967), *Relations among hearing, reaction time and age*, J. Speech Hear Res. 10, 479
- FISHER, R. F., (1973), *Presbyopia and changes with age in the human crystalline lens*, J. Physiol. (london) 228, 765
- FLEISCHER, K. (1956), *Der Altersbedingte Ganglienzellenschwund im Innenohr, in Experimentelle Altersforschung*, Suppl. 4, Versar, F. Ed. Birkhduser, Basel, 1
- FLEISCHER, K. (1973), *Morphological aspects of the aging ear*, HNO, 20 (4), 103
- FOURNIER, J. E. (1954), *L' analyse et l'identification der message sonore*, J. FR. Oto. Rhinologyngol. 3, 257
- FRIEDMAN, S., STRETER, F. A. and FRIEDMAN, C.L. (1963), *The distribution of water, sodium, and potassium in the aged rat: a pattern of adrenal preponderance*, Gerontology, 7, 44
- FRIEDMANN, I. (1963), *Electron microscopic studies of the diseased macula of the utricle of the human innear ear with particular reference to Menière disease, in Submicroscopic structure on the Innear Hear*, IURATO, S., Ed. Pergamon Press, New York, 261
- FROLKIS, V.V., BEZRUKOV, V., DUPLINKO, Y. K., SCHCHEGOLEVA, J. V., SHERTCHUK, V. G. and VERKHRATSKY, N.S. (1973), *Acetylcholine metabolism and cholinergic regulation of funciotns in aging*, Gerontologia, 19, 45
- FUJISAWA, K. (1974), *Some observations on the skeletal musculature of aged rats. I. Histological aspects*, j. Neurol. Sci. 22, 353
- GACEK, R. R. and SCHUKNECHT, H. F. (1969), *Pathology of presbycusis*, Int. Aud. 8, 199
- GACEK, R. R. (1975), *Degenerative hearing loss in aging, in Neurological and Sensory Disorders in the Elderly Fields*, W. S. Ed. Stratton, New York, 219
- GILBERT, J. G. (1957), *Age changes color matching*, J. Gerontol. 12, 210

- GROSS, C. W. (1969), *Sensory-neural hearing loss in clinical and histological otosclerosis*, Laryngoscope, 79, 104
- GUTMANN, E. and HANZILIKOVA, V. (1975) *Denervation, reinnervation and regeneration of senile muscle*, Adv. Exp. Med. Biol. 53, 431
- GUTMANN, E., HANZILIKOVA, V. and JAKOUBEK, B. (1968), *changes in neuromuscular system during old age*, Exp. Gerontol. 3, 141
- GUYTON, A. C. and HALL, J.E. (1997) *Tratado de Fisiologia Medica*, Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 9ª edição
- HANLEY, t. (1974), *"Neuronal fall-out" in aging brain: a critical review of the quantitative data*, Age and Ageing, 3, 133
- HARRIS, H. and KALMUS, H. (1949), *The measurement of taste sensitivity to phenylthiourea*, Ann. Eugen. 19, 24
- HARRIS, W. (1952), *Fifth and seventh cranial nerves in relation to the nervous mechanism of taste sensitivity: a new approach*, Br. J. Med. 1, 831
- HERMEL, J., SCHONWETTER, S. and SAMUELLOFF, S. (1970), *Taste sensation and age in man*, J. Oral Med. 25,389
- HINCHCLIFFE, R. (1962), *Aging and sensory threshold*, J. Gerontol. 17, 45
- HUGHES, G. (1969), *Changes in tast sensitivity with advancing age*, Gerontol. Clin. 11, 224
- INOKUCHI, S., ISHIKWA, H., IWAMOTO, S. and KIMURA, T. (1975), *Age related changes in the histological composition of the rectus abdominus muscle of the adult human*, Hum. Biol. 47(2): 231
- JOHANSSON, L. G. and HAWKINS, J. E. Jr. (1972), *Sensory and neural degeneration with aging, as seen in microdissections of the human inner ear*, Ann. Otol. Rhinol. Laryngol. 81, 179
- JORGENSEN, M. B. (1961), *Changes of aging in the inner ear*, Arch. Otolaryngol. 74, 164
- JURISCH, A. (1922), *Studien übbber die Papillal Vallatae beim menschen*, Z. Gesante Anat. 66, 1

- KALMUS, H. and TROTTER, W. R. (1962), *Direct assessment of the age on P. T. C. sensitivity*, Ann. Human. Genet. 26, 145
- KAPOOR, P. M. (1965), *Total astigmatism and its components: its changes with age*, Indian J. Med. Res. 53,10
- KELLY, S. (1978), *The effect of age on neuromuscular transmission*, J. Physiol. (London) 274, 51
- KIMBRELL, G. McA. And FURCHGOTT, E. (1963), *The effect of aging on olfactory threshold*, J. Gerontol. 18, 364
- KUDO, Y., OKUMURA, A., SHOMOTO, M. and TAKEDA; S(1975) *Hearing and aging. I. Evaluation of maximum auditory threshold*, Jpn. J.Hyg. 30 (1), 201
- LISS, L. and gomez, f. (1958), *The nature of senile changes of the human olfactory bulb and tract*, AMA Arch. Otolaringol. 67, 167
- Mc CARTER, R. J. M. (1978), *Effects of age on contraction of mammalian skeletal muscle*, in Aging, vol. 6, Kaldor, 6. And Di Battista, W. J., Eds. Rowen Press, New York, 1
- Mc FARLAND, R. A., DOMEY, R. G., WARREN, A. B. and WARD, D. C. (1960) , *Dark adaptation and age. I. A statistical analysis*, J. Gerontol. 15, 149
- Mc FARLAND, R. A. (1963), *Experimental evidence of the relationship between ageing and oxygen want: in search of a theory of aging*, Ergonomics. 6, 339
- MEGIGHIAN, D. (1958), *Variazioni della soglia olfattiva nelleta senite*, Minerva Otorinolaringol. 8 (9), 331
- MESOLELLA, V., (1934), *L'Olfato nelle diverse età*, Arch. Ital. Otol. Rinol. Laringol. 46, 43
- MILLER, J. E. (1974), *Aging changes in extraocular muscle, in symposium on the Basic Mechanisms of ocular Motility and Their Clinical Implications*, Lennerstrand, 6. and Bachy Bitá, P., Eds. Pergamon Press, Oxford, 47
- MOLLICA, A. (1969), *Acoustic trauma and presbycusis*, Int. Aud. 8, 305
- OHTA, Y. and KATO, h. (1976) *Color perception changes with age*, Mod. Probl. Ophthalmol. 17, 345

- OKANO, H. (1938), *Klinisch – statistische Untersuchungen der Japanischen Greise in dem oto-rhinolaryngologischen Gebiete*, Z. Oto-Rhyno–U. Laryngol. (TOKIO) 44, 1
- ORMA, E. J. and KOSKENOJA, M. (1957), *Postural dizziness in the aged*. *Geriatrics*, 12, 49
- PESTALOZZA, G. and SHORE, I. (1955) *Clinical evaluation of presbycusis on basis of different tests of auditory function*, *Laryngoscope*, 65, 1136
- PRESTRUDE, A. M., LEVENICK, K., and WOODY, K. (1973), *The effect of age upon the detection of short wavelength of light*, *J. Life Sci.* 3 (1), 101
- PRINCE, J. H., Ed. (1965) *Introduction to Aging and Pathology of the Retina*, Charles C. Thomas, Springfield, Ill.
- RABBITT, P. (1965), *Na age-decrement in the ability to ignore irrelevant information*, *J. Gerontol.* 20, 233
- RICHARDS, S. (1971), *Deafness in the elderly*, *Gerontol. Clin.* 13, 350
- RICHTER, C. P. and CAMPBELL, K. H. (1940), *Sucrose taste threshold of rats and humans*, *Am. J. Physiol.* 128, 291
- ROSENGREN, B. (1950), *Studies in the death of the anterior chamber of the eye in primary glaucoma* *Arch. Ophthalmol.* 44, 523
- ROSENHALL, U. (1973), *Degenerative patterns in the aging human vestibular neuro-epithelia*, *Acta Oto-Laryngol.* 76, 208
- ROSENHALL, U. and RUBIN, W. (1974), *Degenerative changes in the human vestibular sensory epithelia*, *Acta Oto-Laryngol.* 79, 67
- ROSENWASSER, H. (1964), *Otitic problems in the aged*, *Geriatrics*, 19, 11
- RUDDOCK, K. H. (1965), *The effect of age upon color vision. II. Changes with age in light transmission of ocular media*, *Vision Res.* 5, 48
- SAID, F. S. and WEALE, R. A. (1959), *The variation with age of the spectral transmission of the living human crystalline lens*, *Gerontologia*, 3, 213
- SCHEFER, V. F. (1973), *Absolute number of neurons and thickness of cerebral cortex during aging, senile and vascular dementia and Pick and Alzheimer's disease*, *Neurosci, Behav. Physiol.* 6, 319

- SCHUKNECHT, H. F. (1964), *Further observations on the pathology of presbycusis*, Arch. Otolaryngol. 80, 369
- SKINNER, J. S. (1971), *Age and Performance, in Limiting Factors of Physical Performance*, Keul, J. Ed. Thieme, Stuttgart, 271
- SMITH, C. G. (1942), *Ageincidence of atrophy of olfactory nerves in man*, J. Comp. Neurol. 77, 589
- STEVENSON, P. W. (1975), *Responses to speech audiometry and phonemic discrimination patterns in the elderly*, Audiology (Bassel) 14 (3), 185
- TALLAND, A., (1966), *Visual signal detection, as a function af age, input rate and signal frequency*, J. Psychol. 63, 105
- THEODORE, F. H. (1975), *External eye problems in the elderly*, Geriatrics, 30 (11), 69
- TOMLINSON, B. E., Walton, J. N. and REBEIZ, J. J., (1969), *The effects of ageing and cachexia upon skeletal muscle. A histopathological study*, J. Neural, Sci. 9, 321
- TOMONAGA, M. (1977) – *Histochemical and ultra-structural changes in senile human skeletal muscle*, J. Am. Geriatr. Soc. 25, 125
- VERREIST, G., (1963), *Further studies on acquired deficiency of color discrimination*, J. Opt. Soc. Am. 53, 185
- VIROLAINEN, E.S. and AANTAA, E. (1976), *The nystagmus threshold in turning test in different age groups and in patients suffering from otosclerosis*, Acta Oto-Laryngol, 81, 127
- WALLACE, J. G., (1956), *Some studies on perception in relation to age*, Br. J. Psychol. 47, 283
- WALSH, D. A. and THOMPSON, L.W. (1978), *Age differences in visual sensory memory. III*, Gerontologist, 33, 383
- WEALE, R.A., (1963), *The ageing Eye*, Harper na Row, Londres
- WOLF, E. (1967) *Studies os the slrinkage of the visual field with age*, Highw. Res. Res. 167, 1

## **DISCURSO E SUJEITO EM PRIMEIRO DE MAIO**

Contos Novos – Mário de Andrade  
Cristina Tischer Ranalli Aparecido\*

### **RESUMO**

*Os mecanismos de deitização estão presentes em todos os enunciados do cotidiano, por isso, são empregados inconscientemente pelo falante. São mecanismos que pela automatização da linguagem materna, nem sempre são analisados ou descobertos pelo consciente do falante. O locutor exerce um papel fundamental no ato da comunicação, já que ele deve organizar seu pensamento, seus recursos estruturais da linguagem, a fim de convencer o alocutário e fazê-lo entender seu enunciado. Sabe-se que nem sempre o locutor fala seu próprio enunciado. Muitas vezes ele reproduz o discurso de uma ideologia oculta arraigada na sociedade em que vive. Ao alocutário resta perceber as relações existentes na produção comunicativa e decidir sobre o anunciado apresentado. Afinal, os enunciados são compostos de segundas intenções, tecendo um jogo fascinante e infinito no campo lingüístico.*

**PALAVRA-CHAVE:** ideologia – locutor – alocutário

### **ABSTRACT**

*The processes of linguistics references are set in all kinds of statements in our everyday life, therefore, they are used unconsciously by speakers. They are processes which, with the mother tongue automation, not always are analyzed or discovered by the conscious speaker. The announcer has an important and an essential role in the communication act, as he has to organize his thoughts, his language structure resources, in order to persuade the addresser, and makes the addresser understand his statement. We all know that not always the announcer speaks his own statement. Most of the time he reproduces the speech from a certain hidden ideology from his own society. The only way out the addresser has, is to realize all the existent relation among communication production and he has to decide about the statement settled. At last, the statements are formed with hidden meanings, making an interesting, charming and endless game in the linguistic field.*

**KEY-WORDS:** ideology – announcer – addresser

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem por objetivo analisar alguns aspectos da obra de Mário de Andrade, especialmente em *Contos Novos*, publicado postumamente em 1947. Deter-se-á à análise de um conto em específico: *Primeiro de Maio*.

Em suas narrativas, Mário cria um narrador interessado em perceber e revelar determinados seres, os homens comuns atomizados nas relações sociais e, ao

---

\* Pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pelas Faculdades Padre Anchieta e Mestranda em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora do Ensino Médio na Rede Particular de Ensino.

mesmo tempo, alienados de seus próprios desejos. Assim, o narrador volta seus olhos para as circunstâncias pequenas, quase que insignificantes tomadas de consciência e grande alienação das classes menos favorecidas pelos padrões sociais vigentes naquela época e que não se tornou atemporal em nossa sociedade. Temos a ideologia como “ópio do povo”, gerando a alienação e o assujeitamento, tão visíveis em *Primeiro de Maio*. Partilhamos esse assujeitamento com o 35, personagem principal, e com ele adquirimos a consciência de que também somos assujeitados numa sociedade não muito diferente da dele. Somos, também, praticantes de uma ideologia oculta aos nossos olhos, assim como o 35 não podia perceber a ideologia que o dominava.

### **1- Contos Novos**

O livro é composto de nove contos, nove eventos nucleares que estruturam e dão significado à narrativa. Cada espaço, cada personagem, cada ação faz parte de uma narrativa maior, de um projeto central, que é olhar para o homem comum, anônimo e para a sua realidade, e por que não, identificar-se com essas situações e personagens. Anatol Rosenfeld (1973) aponta uma unidade profunda do conjunto narrativo em *Contos Novos*, afirmando que todos os contos “parecem variações de uma mesmo tema: o tema do homem disfarçado, do homem desdobrado em ser e aparência.” Mas essa unidade profunda não aparece às primeiras leituras. Na seqüência apresentada por Mário, o que surge é a heterogeneidade de assuntos, temas e procedimentos narrativos aparentes. Apenas uma leitura atenta e global pode desvendar o quebra-cabeças genialmente arquitetado por Mário de Andrade em sua obra.

Desde a década de 20, a tensão política no mundo se agravava. O caos político eclode na Segunda Guerra Mundial e, no Brasil, em 1922, há a fundação do Partido Comunista, com a ideologia marxista. Desde a Semana de Arte Moderna, vários tumultos aconteceram no cenário brasileiro. Foi uma época marcada por desencantos e desafios. O reflexo desse caos político e das novidades políticas que chegavam ao Brasil, como o Marxismo, resulta no conto *Primeiro de Maio*. Esse conto tem temática social, na qual trabalhadores honestos vivem situações de opressão e vão se descobrindo impotentes diante dela. Em outros contos o enfoque não é político, mas sim trivial sobre grupos sociais menos favorecidos do contexto brasileiro, principalmente os grupos sociais paulistas. A intenção está em mostrar o banal, o rotineiro através das atitudes mais automáticas que uma sociedade possa ter.

Assim Mário de Andrade vai perfilando situações e personagens que retratam a sociedade brasileira, revelando com maestria o verdadeiro brasileiro.

## 2- Primeiro de Maio

### 2.1- Aspectos Gerais dos Elementos da Narrativa.

Analisemos, pois, o conto em seus vários aspectos de estrutura: ação, tempo, espaço e personagens. Partamos, então, para a análise dos recursos narrativos do conto Primeiro de Maio de Mário de Andrade, publicado em *Contos Novos* em 1947.

Temos o foco narrativo em terceira pessoa, onisciente, que nos faz conhecer não só os aspectos físicos da personagem, mas principalmente os psicológicos “Estava bem disposto, até alegre...”, “Uma indecisão indiscreta o tornou consciente de novo que era Primeiro de Maio, ...”, “O 35 se sentiu bobo, impossível recusar, envilecido.” Nos faz perceber, também, o indivíduo anônimo de uma certa História, uma História que só valoriza e atribui identidade aos autores de grandes façanhas. Esse narrador onisciente, no decorrer do conto, vai abrindo espaço cada vez maior para o protagonista, o 35, fundindo-se com ele através do discurso indireto livre.

Quanto ao espaço, temos o espaço urbano (a cidade de São Paulo) “... ele bem afirmara aos companheiros da Estação da Luz...”, “Ele ficou parado assim, mais de uma hora, mas de duas horas, no Largo da Sé, diz-que olhando a multidão.”, “...pegavam fogo na igreja de São Bento...”.

O tempo cronológico é de apenas doze horas, mas poderíamos dizer que o tempo psicológico evolui em alguns anos na mente da personagem. O conto se passa no Primeiro de Maio -> tempo cronológico. Quanto ao tempo psicológico notamos o amadurecimento da personagem e a transição da adolescência, com toda a sua ideologia, até certo ponto pueril, para a fase adulta, com seus questionamentos e frustrações, “Porém ele se agradava daqueles músculos intempestivos, fazendo a barba.”. Há nesta transformação psicológica a tomada de consciência da situação social em que a personagem vive, embora não consiga percebê-lo de imediato, uma vez que sua atitude diante do espelho é mais narcisista que de tomada de consciência da realidade. Seu corpo estava se modificando pelo trabalho braçal, uma modificação um tanto quanto desarmônica. Era uma transformação decorrente da situação a que se sujeitava por sua condição social e não simplesmente porque estava crescendo.

A ação é predominantemente interna, embora vários acontecimentos ocorram na cidade de São Paulo que servirão de suporte para as reflexões da personagem. A ação externa é importante à medida que suscita na personagem o ato da reflexão. A personagem entra em conflito com os conceitos pré-estabelecidos pela sua vivência quando não consegue colocá-los em prática no mundo “real”. A ação interna fará com que a personagem entre em conflito, resolva o problema instaurado, mas no desfecho do conto percebemos que pouco foi mudado. A mudança interna da personagem não foi tão significativa a ponto de mudar sua condição social, pois tudo volta à mesma rotina, rotina esta que já era cômoda para a personagem. Mudar requer esforço, trabalho, manter o que se tem é fácil, tranquilo.

Na análise da personagem temos vários aspectos para explorar. O primeiro

aspecto, e de suma importância, é o fato de as personagens do conto não terem nome de batismo. São todos números. A personagem principal é o 35, que tem como amigos o 486 e o 22. Numerando as personagens, Mário de Andrade mostra a massificação da cidade de São Paulo, dos grandes centros urbanos do mundo. O próprio título é uma data comemorativa: Primeiro de Maio. O 35 vive num período histórico conturbado – ditadura getulista – e tenta entender o mundo que o cerca. Quer ser herói, mas se vê um covarde diante das situações de maior conflito. O 35 observa vários eventos pela cidade de São Paulo, tais como: as manipulações de trabalhadores, a imposição da ideologia nacionalista, a subordinação dos sindicatos ao Estado... Ele é movido pela ânsia trazida pelo dia que imaginava festivo e também pela alienação que a lógica do trabalho lhe impôs. O 35 não conhece o descanso do corpo, já que antes das seis da manhã está acordado, com os músculos prontos, revelando seu condicionamento social e alienação ideológica.

Mas esses números são mais que personagens, são evocações que Mário de Andrade faz para resgatar datas significativas na memória da luta operária. O 35 seria o ano de 1935, ano da primeira tentativa dos comunistas brasileiros chegarem ao poder. O 22 refere-se ao ano de 1922, ano da fundação do Partido Comunista Brasileiro. É também o ano da Semana da Arte Moderna, ano de implantação de uma mentalidade progressista na cultura brasileira. O 486, conforme interpretação de Frederico Barbosa (poeta e professor de literatura do Anglo) parece ser uma composição numérica alusiva aos 4 anarquistas americanos enforcados em Primeiro de Maio de 1886 em Chicago.

Para que o 35 não se sinta alienado, ele tenta unir a emoção à inteligência, pois mesmo que os pés o conduzam ao trabalho, ele procura comemorar “sua” data. Nessa ânsia de comemoração, o 35 se vê dividido e confuso. A data sugere luta trabalhista, mas ele só encontra o silêncio imposto pelo policiamento da ditadura getulista.

O 35 vive o conflito entre celebrar e lutar, mostrando-se dividido. Ele sabe que o dia Primeiro de Maio não é apenas um feriado e sim um dia para celebrar e depara-se com um Primeiro de Maio historicamente marcado pela repressão. O 35 acaba agindo, ora segundo a lógica dominante (celebração), ora segundo a lógica do dominado (luta). Deste conflito, vivido pelo 35, podemos observar a mudança que ele sofre neste período de doze horas do conto. Pela manhã, o sol é maravilhoso e o ar é feliz; à tarde o sol brilhante queimava, tornava-se pesado; às dezessete horas, hora da tão sonhada celebração, instaura-se um tom de melancolia, de conspiração, uma vez que o 35 adquire a consciência de sua impotência diante da ironia histórica. O dia do 35 acaba, e ele perde a inocência, além de se sentir o mais desamparado dos seres humanos. Ele adquire a consciência de que a cidade não ficou vazia por um acaso e começa a perceber na prática o significado daquilo que lia nos jornais e tantas vezes tinha dificuldade de entender. A ironia histórica que vive leva o 35 a ajudar o velho 22 através de uma consciência de classe, fazendo uso de uma teoria marxista sem ao menos saber que o fazia. Além da questão do sol, que

muda com a tomada de consciência do 35, temos outro elemento que sofre a mesma caracterização: as roupas cuidadosamente escolhidas representando as cores da bandeira nacional. Ele começa se achando “lindo”, depois “bem vestidinho” e por fim “ridiculamente vestido”.

O 35 é um trabalhador braçal que tenta colocar em prática sua ideologia, ou melhor, a ideologia que lhe é imposta, criando assim o efeito do assujeitamento do discurso. Ele tenta instruir-se lendo o jornal. Lê e chega à conclusão de que não entendeu a notícia, mas se acha importante e culto por conseguir reproduzi-la, “Com seus vinte anos fáceis, o 35, mais da leitura de jornais que de experiência...”, “Era em Madri, no Chile que ele não tinha bem lembrança se ficava na América mesmo...” Tentava livrar-se do condicionamento imposto pela sociedade, mas não conseguia livrar-se nem do caminho do trabalho “O caminho não era aquele, aquele era o caminho do trabalho.” “Querida passear e quando dava por si, ele estava indo ao trabalho novamente.” Cria-se, então, uma tensão entre pensamento e ação, imagem e consciência que constituem o dilema que move a intriga. A mente o leva a procurar o espaço da celebração, mas os pés o conduzem ao espaço do trabalho. Concretiza-se, assim, a alienação: pés e mente divididos.

Em analogia histórica, poderíamos dizer que o 22 era a base, o condutor do 35, já que o 22 era mais velho e no ano de 1922 foram dados vários passos importantes para a modernização do Brasil. O 35 era jovem, um aprendiz e sonhador num cenário conturbado. Havia conflitos nas Artes, na Economia e, principalmente, na Política. O 35 tentou ser herói, mas não conseguiu reunir forças suficientes para seguir os passos do 22 (que também tinha-se acomodado pelas próprias experiências vividas), pois no regime ditatorial de 1935 não havia espaço para heróis, apenas para “covardes”.

## **2.2 - Discurso e Sujeito.**

Um só texto é, normalmente, atravessado por vários discursos, quer sejam machistas, históricos, econômicos, políticos, quer sejam aparentemente neutros. O fato é que a neutralidade, em se tratando de discurso, não existe. “O discurso é um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos, por meio de sujeitos interagindo em situações concretas.” (CARDOSO, 1999). Assim sendo, o discurso será um veículo de concretização ideológica, psicológica, histórica, etc, além de ser o melhor representante de uma sociedade. Cada falante utiliza-se da linguagem dependendo de seu nível sócio-cultural, sócio-econômico e, principalmente, de sua intenção discursiva. Os enunciados que constituem o discurso são estruturados, arquetizados, selecionados e organizados mediante a intenção de um locutor (aquele que produz o enunciado).

“O discurso é um conjunto de enunciados, é um jogo estratégico de ação e reação, de pergunta e resposta, de dominação e esquiva, e também de luta; o espaço em que o **saber** e o **poder** se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar

a partir de um direito reconhecido institucionalmente.”, declara Foucauld em 1969. (apud CARDOSO). Percebemos essa luta claramente em *Primeiro de Maio*. O 35 trava uma luta constante entre celebrar e reivindicar, mas quando a luta chega ao nível discursivo, ele se acovarda por não confiar mais em seu próprio discurso. Ele está confuso e não se sente capaz de argumentar, de lutar pela sua ideologia, ou pelo menos pela ideologia que pensa ser sua.

Há alguns elementos que são indispensáveis para a produção de um discurso. São eles: locutor, aquele que diz algo. Em *Primeiro de Maio* é o 35; alocutário, aquele que recebe o enunciado, para quem se diz o que se tem para dizer. No conto o alocutário é o leitor; referente, o que dizer, determinado pelos sistemas semânticos de coerência. Temos, então, a era getulista com toda a opressão dos trabalhadores; uma forma de dizer, numa determinada língua e num determinado nível lingüístico levando-se em consideração o alocutário, pois este deve entender o enunciado a fim de estabelecer comunicação. Observamos no conto a construção em Língua Portuguesa, sem expressões estrangeiras, escrita numa linguagem coloquial, muito próxima do falar popular da cidade de São Paulo; contexto no sentido estrito, o aqui e o agora do ato do discurso. Temos um dia na vida de um operário que tenta comemorar a data de Primeiro de Maio; e contexto no sentido lato, as determinações histórico-sociais, ideológicas etc. A história se passa no tempo cronológico de doze horas, numa data comemorativa em pelo governo getulista. Observa-se que há referências a comemorações em alguns países, mas no Brasil, e mais especificamente em São Paulo, o que impera é a repressão social de um governo ditador.

A enunciação é um processo de apropriação da língua para dizer algo. Ao enunciar, o locutor marca sua posição no discurso por meio de determinados índices formais dos quais os pronomes pessoais constituem o primeiro ponto de apoio na revelação da subjetividade. Benveniste (1974) afirma que “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação – ela postula um alocutário.” No processo de enunciação, ao instituir-se um EU, institui-se, necessária e automaticamente, um TU (o alocutário). Portanto o EU e TU são os protagonistas da enunciação, sendo que o EU é pessoa subjetiva, enquanto o TU é pessoa não subjetiva.

Temos assim o 35 locutor como uma pessoa subjetiva. Ele produz a enunciação, já que o narrador onisciente lhe dá espaço para isso. Ele procura um alocutário para ajudá-lo a resolver seu conflito interno e, na maioria das vezes, acha um alocutário que não pode fazer nada por ele por ser esse alocutário o próprio leitor. O 35 é subjetivo, pois é determinado pela posição ideológica colocada em jogo no processo sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas num contexto comemorativo em um cenário político conturbado. O sujeito, o 35, opera seus enunciados em dois níveis: 1 – num nível inconsciente, ideológico, em que o sujeito “esquece”, apaga qualquer elemento que remeta ao exterior a fim de produzir determinado sentido; 2 – num nível pré-consciente ou consciente em que coloca fronteiras entre o que pode e deve ser dito e o que não pode ser dito. Essa operação

dá ao sujeito a ilusão de que seu discurso reflete o conhecimento objetivo que tem da realidade, de que é senhor de suas palavras, origem e fonte de sentido. O 35, ao recusar-se a trabalhar em data tão importante para todos os trabalhadores, assume uma postura de ilusão discursiva quanto à prerrogativa de que é dono de seus atos e suas enunciações, não sendo influenciado por ninguém ou por nenhuma ideologia sócio-política.

Essa ilusão, embora pareça negativa, é extremamente necessária para que a identidade se mantenha e para que o ser humano não se sinta tão insignificante diante do que lhe é mais natural – enunciar. Está instaurado, então, o assujeitamento do 35. Ele pensa que é dono de seus atos, mas na verdade é um mero instrumento, uma mera peça de um jogo sócio-político-cultural num Brasil que vive um momento peculiar na História de seu povo.

O 35 é transformado pelos próprios pensamentos e sentimentos marcados pela forte presença dos discursos indiretos livres, os quais figuram o pensamento conflitante: a alienada identificação com os “operários da nação”, noticiados pelos jornais que o 35 lê, e o desejo dos motins que o unem a seus pares de classe. Com a tomada de consciência, aprende que todos lhe são estranhos e que a realidade está no escondido, bem como percebe que o discurso tem o sentido oposto do que aparenta. Não há mais vínculo entre pensamento e ação, nem entre o eu e o outro, ou entre o corpo do indivíduo e o corpo social. Por fim a palavra “celebração” torna-se uma interrogação depois de tantas experiências vividas em tão pouco tempo.

No conto *Primeiro de Maio* podemos observar também duas representações da fala que são marcantes: 1 – a do pensamento, numa fala interna que reflete ou percebe sensivelmente as leis do mundo e as contradições da vida pessoal o social (conflito interno do 35 com sua tomada de consciência); 2 – a do pré-consciente, no momento em que reaparecem, descolados, desejos reprimidos, impulsos inconscientes (o 35 quer pôr fogo na Igreja de São Bento, quer bater na polícia, mas não faz nada disso, reprime seus desejos, seus impulsos). O 35 tem a dicção específica do semiletrado e sua identidade se inscreve também no vocabulário feito de palavras como “turumbambas”, “drento” e “fuças dum polícia”. Ele pensa “turumbambas” ao ler nos jornais a palavra desconhecida “motins”. Isso não o impede de se mover. Ele não domina o padrão culto da língua, mas aprende em suas andanças pela cidade de São Paulo. Percebe que o Palácio das Indústrias não é o SEU Palácio, e sim uma “fortaleza enfeitada” onde as forças getulistas querem manter aprisionados os proletários. Assim, toma a posição de um assujeitado que sabe sobreviver em meio a uma sociedade hostil para com as classes menos favorecidas.

Temos, portanto, um sujeito comum desprovido de poder de ação, fazendo parte do grupo de bodes expiatórios modernos, sem força para alterar a exterioridade do mundo e transformando-se a si mesmo a fim de virtualizar a possibilidade da transformação do indivíduo na História. Mário de Andrade revela um 35, representante da classe oprimida, em flagrantes da vida ficcional compreendendo-o como aque-

le que, embora no embate contra forças maiores são dominados e fracassam, impondo-se não como “desfibrados”, mas sim como subjugados. O 35 não tem consciência de seu assujeitamento, pois sendo humilde não consegue definir a própria ideologia político-social em que vive. A sua consciência de assujeitado está no subconsciente fazendo-o agir corretamente, segundo padrões pré-determinados, mas fazendo-o acreditar que age por livre e espontânea vontade. Suas decisões e atos são tomados mais como reflexo instintivo ativado pela necessidade de sobrevivência que pela tomada de consciência e desejo de mudar a realidade que lhe é apresentada.

### **2.3 - Elementos Dêiticos.**

“Nenhum texto apresenta de forma explícita todas as informações necessárias à sua compreensão: há sempre elementos implícitos que necessitam ser recuperados pelo ouvinte/leitor por ocasião da atividade de produção do sentido.” (Koch) As leituras feitas pelos diferentes leitores de um mesmo texto é natural, assim como o mesmo leitor pode ter leituras diferentes de um mesmo texto em momentos diferentes de sua vida. Há de se levar em consideração o contexto de quem enuncia e o contexto de quem recebe o enunciado. Assim sendo, o locutor tem que produzir um enunciado pensando em seu alocutário, por ser esse alocutário a razão do enunciado.

Nesta produção de enunciações temos que observar os atos da fala. Toda ato da fala é, ao mesmo tempo, locucionário (emissão de um conjunto de sons organizados de acordo com as regras da língua), ilocucionário (atribui a esse conjunto uma determinada força: pergunta, asserção, ordem, promessa...), e perlocucionário (destina-se a exercer certos efeitos sobre o interlocutor: convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo...).

Em *Primeiro de Maio* observamos a teoria do ato de fala. Temos um locucionário, ora na voz do narrador onisciente, ora na voz do protagonista, 35. Eles selecionam e organizam suas idéias para expô-las ao alocutário/leitor. Eles fazem uso do código da Língua Portuguesa para exporem suas realidades, suas observações e, no caso de 35, suas frustrações. O ilocucionário também aparece na voz do 35. Ele vive em pleno conflito nas doze horas do conto. Está sempre refletindo, perguntando-se, prometendo e quebrando suas promessas por não se sentir com coragem suficiente para cumpri-las. O perlocucionário aparece quando o 35 tenta convencer-se da celebração. Ele também toma uma postura medrosa quando se vê à beira de cometer algum “ato heróico”, por temer as autoridades locais, descritas pela postura e vestimenta.

Tendo como base a teoria do ato da fala no ato interlocucional, observamos a subjetividade que os enunciados produzem. Benveniste (1974) dedicou-se ao estudo da subjetividade na língua e destacou alguns marcadores importantes para a análise de enunciados. Há a distinção entre os pronomes da pessoa (1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>.) que

designam os interlocutores, os sujeitos da interlocução (eu, tu, nós, vós, você, vocês) e os pronomes da não pessoa (3ª.) que designam os referentes, seres do mundo extralingüístico de que se fala. Os verbos também são marcadores significativos, já que os verbos no pretérito perfeito simples, imperfeito, mais que perfeito e o futuro do pretérito do indicativo indicam um enunciado histórico com relatos de eventos passados sem envolvimento do locutor. Já os verbos no presente, pretérito perfeito composto e futuro do presente caracterizam a enunciação do discurso, uma enunciação que acontece através da apropriação da língua pelo EU e TU. Essa é uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte (alocutário), além da intenção do locutor de influenciar o alocutário de alguma maneira.

Neste contexto, somos capazes de identificar algumas marcas de enunciação: os elementos dêiticos. As referências dêiticas são formadas pelo conjunto dos mecanismos que fazem corresponder a certas unidades lingüísticas, não só as unidades internas do discurso, mas elementos que lhe são exteriores e que dizem respeito à situação de comunicação. Sua definição está associada a unidades lingüísticas cujo funcionamento semântico referencial (seleção e interpretação de códigos) implica levar em consideração certos elementos constitutivos da situação da comunicação.

No mecanismo de deitização, destacam-se três componentes básicos: pessoa, espaço e tempo formando, segundo Parret (apud BRANDÃO) o triângulo dêitico. Os pronomes pessoais constituem o primeiro ponto de ancoragem para a inscrição da subjetividade na linguagem. Em torno deles e a partir deles, a linguagem organiza os outros indicadores da dêixis. Podemos então afirmar que os pronomes formam o núcleo da célula dêitica, assim como o sol é o núcleo de nosso sistema solar.

Analisando *Primeiro de Maio* podemos observar a primeira instância do mecanismo de deitização, destacando um: A) Locutor – representado ora pelo 35, ora pelo narrador onisciente. A distinção entre eles acontece no começo do conto, pois o narrador funde-se com o 35, personagem principal, fazendo uso do discurso indireto livre. Há uma certa autonomia do 35 sobre o narrador que, por vezes, toma a posição de ouvinte dos fatos narrados pelo 35. B) Alocutário – representado pelo próprio leitor que acompanha, sofre, reflete e vivencia com o 35 suas experiências sem ter como ajudá-lo ou interferir na enunciação.

Na instância do locutor temos alguns marcadores de 1ª. pessoa. “Não you! Não sou besta! Quero dizer: sou sim!”, “...às quatorze horas venho aqui, não perco, mas devo ir, são nossos deputados no tal congresso, devo ir.” Essa marcação de 1ª. pessoa é predominantemente desinencial, uma vez que observamos a presença do EU através das desinências verbais dos verbos flexionados na primeira pessoa do singular.

Na instância do alocutário há uma subdivisão, pois temos o alocutário leitor, o alocutário personagem e o alocutário incluso no NÓS. O alocutário leitor não interfere em nada na enunciação, apenas toma conhecimento do drama vivido pelo locutor 35. O alocutário personagem é marcado pelos amigos do 35, o 486, o 22 entre

outros. Apenas o 486 e o 35 não estão trabalhando e o 22, com outros companheiros, caçoam da situação e da infantilidade do locutor 35. “Chegou lá (Estação da Luz), gesticulou o bom-dia festivo, mas não gostou porque os outros riram dele, bestas.”, “Mas um riso aqui, outro riso acolá, uma frase longe, os carregadores companheiros, era tão amigo deles, estavam caçoando.” O alocutário personagem é a base do desequilíbrio do 35. Eles começam a caçoar e a fazer o 35 refletir sobre a celebração. O 35 começa a se perguntar o porquê de tal reação de seus amigos. O 35 começa perceber que há algo de errado, ou pelo menos estranho em toda aquela situação. Portanto, o alocutário personagem é de suma importância na interlocução, pois é através dela que o conflito se instaura. O alocutário incluso no NÓS aparece na reflexão do 35 enquanto consciência de classe social e nos momentos em que ele quer lutar e não mais celebrar. “Vamos no Palácio do Governo, exigimos tudo do governo, vamos com o general da Região Militar, deve ser gaúcho, gaúcho só dá é farda, pegamos fogo no palácio dele.” A primeira pessoa do plural, marcada pelas desinências verbais referem-se ao 35 e todos os companheiros de luta que ele imaginar ter. Na verdade, ao utilizar o dêitico de primeira pessoa do plural, o 35 almeja poder fazer algo contra o regime opressivo que está vivenciando. Para isso ele precisa de companhia, pois já tem a consciência de que sozinho não pode fazer nada. A questão é que ele descobrirá que está sempre sozinho. A marca da coletividade através do NÓS só aparece em suas reflexões, em suas idealizações.

A indicação espacial se dá com o emprego dos advérbios LÁ e AQUI. No conto, temos a localização percorrida pelo 35 no centro de São Paulo. Ele sai de sua casa, vai para o Estação Luz, Praça da Luz, Palácio do Governo, cafés, bares, bancos, Prefeitura, Anhangabaú, Palácio das Indústrias, além das ruas por onde perambula. A locomoção neste território todo se dava à pé ou de bonde, mas o 35 era trabalhador da Estação da Luz e estava em contato direto e diário com o LÁ e o AQUI através dos passageiros da linha férrea. Além disso, o LÁ e AQUI também podem ser encontrados nas referências locais de São Paulo (aqui) e na leitura do 35 (lá), quando ele toma consciência da situação sócio-política de Paris, Cuba, Chile e Madri, sem ao menos ter certeza da localização geográfica de tais lugares. Ele só sabia que tais lugares eram distante de onde estava.

O tempo cronológico é de doze horas. Os verbos se apresentam, em sua maioria, no pretérito, típico de relatos, uma vez que o conto está em terceira pessoa com narrador onisciente. Os fenômenos meteorológicos parecem mudar no decorrer do dia, mas na verdade essa mudança se dá apenas no estado de espírito do 35. Ele, na verdade, se torna mais sensível, mais consciente e o dia assemelha-se aos seu instante emocional, sua consciência conflitante. O sol, pela manhã, brilha anunciando um belo dia, à tarde queima, tirando o ânimo de andar em busca das manifestações que não aconteciam nunca e no crepúsculo é melancólico, pois é o momento da tomada de consciência de que seu dia acabara e nada mudara. “Estava inquieto mas modorrento, que diabo de sol pesado que acaba com a gente, era por causa do sol.”

## 2.4 - O Processo Ideológico:

A linguagem humana é concebida de maneiras diversas no curso da história. Em *Primeiro de Maio* identificamos o conceito da linguagem humana como forma de ação ou interação, pois como lugar de interação possibilita aos membros da sociedade praticar os mais diversos tipos de atos, que vão exigir semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriores inexistentes. Instaura-se um jogo que se joga na sociedade, na interlocução para transmitir, impor ou aceitar uma ideologia.

A lingüística do discurso é uma lingüística que se ocupa das manifestações lingüísticas produzidas por indivíduos concretos em situações concretas, sob determinada condição de produção. Sabemos que o 35 é um ser fictício, mas não podemos negar que todo personagem dentro de seu mundo fictício é real. Por outro lado, enquanto personagem, representa um indivíduo do mundo real. Afinal, quantos 35 encontramos diariamente a nossa volta? Assim sendo, a lingüística do discurso pode auxiliar na interpretação do 35 enquanto representante de uma determinada condição de produção lingüística em seu contexto histórico-cultural e que faz uso de uma enunciação específica para exteriorizar seus pensamentos, seus conflitos, sua evolução.

A função da comunicação é persuadir, argumentar e neste contexto, mesmo inconscientemente, o ser humano não encontra dificuldades. Sabemos que o uso da língua é essencialmente argumentativa, procurando dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa. Ducrot afirma que toda língua possui, em sua gramática, mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados, pois ela está inscrita na própria língua. Portanto, o locutor de um enunciado faz uma seleção de palavras para organizá-las, a fim de que sua enunciação atinja seu objetivo de convencer, agradar, assustar ou persuadir o alocutário/ouvinte. As pessoas detentoras de maior facilidade com a seleção e organização das estruturas lingüísticas, certamente farão melhor uso dos recursos que a língua tem a oferecer e obterão sucesso social pela aplicação de sua habilidade lingüística em prol da defesa e persuasão de suas ideologias.

A linguagem, sem sombra de dúvidas, é instrumento de poder. Ela cria a imagem do mundo, mas é também produto social e histórico, além de influenciar o comportamento humano. Segundo Stálin (apud FIORIN), as classes sociais usam a linguagem para transmitir suas representações ideológicas, sendo então o veículo de tais representações. Portanto, a linguagem é, ao mesmo tempo, autônoma em relação as formações sociais e determinada por fatores ideológicos, pois não existem idéias fora dos quadros da linguagem, a visão de mundo não existe desvinculada da linguagem e a ideologia será vista como algo imanente a realidade e, conseqüentemente, será indissociável da linguagem. A linguagem pode ser instrumento de libertação ou opressão, de mudanças ou conservação, pois quando um enunciador reproduz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa

forma contribui para reforçar as estruturas de dominação.

O discurso materializa as representações ideológicas, já que o discurso é o lugar das coerções sociais, enquanto o texto é o espaço da liberdade individual. O homem, como animal racional que é, organiza seu discurso como quer para exprimir o que quiser, embora o “árbitro” da discursivização não seja o indivíduo, mas sim as classes sociais. Todo conhecimento está comprometido com os interesses sociais, e a ideologia é uma visão de mundo, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social através do discurso. A ideologia é constituída pela realidade, constituinte da realidade e determinada pelo nível econômico. Numa formação social, há tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais e, neste contexto, a ideologia dominante será a ideologia da classe dominante. Temos em nossa sociedade uma produção capitalista, portanto a ideologia dominante é a ideologia burguesa. O discurso é, ao mesmo tempo, prática social cristalizada e modeladora de uma certa visão de mundo.

Segundo a ideologia marxista, numa formação social há dois níveis de realidade: essência e aparência, ou seja, um profundo e um superficial, um não-visível e um fenomênico. Marx afirma que a “linguagem é a consciência real”, pois o homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala. Temos assim as bases teóricas do assujeitamento. Não somos senhores de nossas palavras, somos sim representantes de uma ideologia dominante. A linguagem para Marx é determinada pelas condições sociais do enunciador.

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. Esse assujeitamento é convencional, embora pareça natural, e inconsciente, pois é passado através da educação das gerações.

Em *Primeiro de Maio* temos um 35 assujeitado, idealista e conflitante. Ele, inconscientemente, tenta se instruir lendo o jornal, pois percebe a importância e a força da linguagem. Ele desconfia das pessoas do Palácio das Indústrias por perceber que eles são mais fortes que ele. Ele tenta acreditar que não tem nada a perder, mas não consegue ter confiança em seu próprio discurso por perceber sua insignificância social. Marx afirmou que o proletariado não teria nada a perder senão seus grilhões e que esse proletariado teria o mundo a ganhar. Mas o 35 não tinha coragem e forças suficientes para lutar contra um regime político tão austero. O 35 tem vontade de lutar, mas tem medo, provavelmente esse medo vinha das opressões políticas de sua época. Ele não queria correr o risco de perder sua liberdade, mesmo que fosse uma liberdade mascarada. Ele se contentaria com o pouco que lhe cabia na parcela social por não saber viver de outro modo. Acaba concluindo que é feliz e ajuda seus companheiros de trabalho no final do dia. Afinal, ali era seu território, ali ele conhecia todas as regras do jogo e não correria nenhum “risco de vida”. Ali ele se sentia livre e inteiro.

## **Conclusão**

O ser humano deve desfazer a ilusão idealista de que o homem é senhor absoluto de seu discurso. Ele é um servo da palavra, já que temas, figuras, valores, juízos, etc. provêm das visões de mundo existentes na formação social. Portanto, somos todos seres assujeitados e dominados por fatores sócio-econômicos de uma política capitalista. A escravidão é, seja ele branca ou negra, antes de mais nada, uma categoria econômica da mais alta importância, uma vez que sem ela se atingirá a anarquia, a total decadência do comércio e da civilização moderna.

Neste contexto, a linguagem, em seus vários aspectos de análise, tem posição de destaque. É através dela que o ser humano comunica, informa, narra, luta, celebra, persuade, impõe, conquista, etc. O ser humano é um perito da linguagem, pois desde os primeiros anos de vida aprende a fazer uso de seus recursos, para tirar proveito das situações cotidianas. Com o tempo, ele aperfeiçoa seu domínio e elabora melhor seus enunciados, mas sem abandonar as funções básicas aprendidas desde cedo.

Em *Primeiro de Maio*, temos o 35 como representante da maioria dos brasileiros. O 35 é um homem comum, humilde, com pouca instrução, assujeitado, mas com desejo de mudanças. A questão não é a importância social da mudança, mas sim o ato de mudar, de reivindicar. O problema é que, como a maioria dos brasileiros, o 35 não encontra forças suficientes para modificar sua condição de vida. Ele tenta, mas as barreiras são tantas que ele resolve voltar ao seu mundo alienado, assujeitado e fragmentado. Ele vive em conflito e não gosta do que sente. Por fim, prefere sua condição de subalterno para que possa encontrar a felicidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Introdução à análise da narrativa*. (1995) São Paulo. Scipione.

ANDRADE, Mário de. (1998) *Contos Novos*. São Paulo. Estadão.

BRAIT, Beth. (1987) *A personagem*. São Paulo. Ática. Série Princípios.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. (1997) *Subjetividade, argumentação e polifonia*. São Paulo. UNESP.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. (1999) *Discurso e Ensino*. Belo Horizonte. Autêntica.

CHAUÍ, Marilena. (1998) *O que é ideologia*. São Paulo. Brasiliense.

- FIORIN, José Luiz. (2000) *Linguagem e ideologia*. São Paulo. Ática. Série Princípios.
- GIMENEZ, Alaíde. (1997) *Contos Brasileiros II*. São Paulo. Scipione.
- GUIMARÃES, Eduardo. (1995) *Os limites do Sentido*. São Paulo. Pontes.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo. Contexto. (memo)
- MARX, Karl. *Pensamento vivo de Marx*. Rio de Janeiro. Ediouro.
- MOISÉS, Massaud. (1987) *A análise literária*. São Paulo. Cultrix. p. 84-116.
- MOISÉS, Massaud. (1992) *Dicionário de termos literários*. São Paulo. Cultrix. p. 100.
- REBELLO, Ivone Daré. (1999). *A caminho do Encontro – uma leitura de Contos Novos*. São Paulo. Ateliê Editorial.
- ROSENFELD, Anatol. (1996) *Texto / Contexto I*. São Paulo. Perspectiva. p. 185-200.

## **LETRAS ANIMADAS**

### **UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE CINEMA E LITERATURA, EM DOIS MOMENTOS DE POLICARPO QUARESMA**

*Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia\**

#### **RESUMO**

*Este artigo tem por objetivo estudar a obra Triste Fim de Policarpo Quaresma (1911), de Lima Barreto, paralelamente à sua adaptação cinematográfica, Policarpo Quaresma - Herói do Brasil (1998), de Paulo Thiago, levando a cabo uma análise que visa a estabelecer relações entre as realizações literária e cinematográfica. O estudo tanto do romance como do filme, bem como da área de intersecção entre ambos, visa a trazer à tona questões pertinentes, entre elas uma que emerge provavelmente como central: a de identidade do brasileiro.*

#### **ABSTRACT**

*This article has the objective of studying Triste Fim de Policarpo Quaresma (1911), of Lima Barreto, parallelly its cinematographic adaptation, Policarpo Quaresma - Herói do Brasil, of Paulo Thiago, going ahead with a analysis wich intends establish relations between the literary and cinematographic realizations. The studing of the novel and the film, besides the intersection area between them, intends to bring important questions, among them one that probably emerges as the central: the identity of the brazilian.*

***“O homem, por intermédio da Arte, não fica adstrito aos preconceitos e preceitos do seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça; ele vai, além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo.”***<sup>1</sup>

*Lima Barreto*

Crítico, satírico, revelador e estilisticamente arredo, o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, rompe com a literatura de receitas éticas e estéticas pré-concebidas, submissa a padrões estrangeiros, bastante presente no Brasil do início do século XX. Em virtude do estilo despojado - articulado na espontaneidade de vocábulos e frases provenientes da linguagem oral ou mesmo jornalística - e de uma temática nitidamente voltada para o contexto social, com enfoque bastante crítico e revelador, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* apresenta-se como uma

---

\* Jornalista, pós-graduando em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras Padre Anchieta, Jundiaí/SP.

1. Lima Barreto, *apud* Francisco de Assis Barbosa, *Lima Barreto, Lima Barreto, Coleção Nossos Clássicos*, p. 6.

obra representativa do pré-modernismo<sup>2</sup> na literatura. O estilo narrativo simples e objetivo, bem como o conteúdo de crítica social e revisão de valores tornam o romance uma obra referencial na história da literatura brasileira. Recentemente, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* foi adaptado para o cinema, pelo dramaturgo Alcione Araújo. Dirigido por Paulo Thiago, o filme *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil* (1998) traz às telas uma obra de incontestável atualidade, que há muito aguardava para ser reconstruída em nosso cinema.

Tendo sido publicado em folhetim em 1911 e, em 1915, em livro, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é considerado por muitos a obra-prima de Lima Barreto. O romance, narrado em terceira pessoa (narrador onisciente), relata a trajetória de um patriota ferrenho, Policarpo Quaresma, tendo como palco o Brasil recém-República, um país no qual proliferam “idéias fora de lugar”<sup>3</sup>. Com fortes cores autobiográficas e de instigante crítica de costumes - tanto no espectro formal como no de conteúdo -, o romance dedica-se a revelar o patético do patriotismo que sucumbe à mediocridade das “politicalhas”. O protagonista é o major solteirão, funcionário público, estudioso aficionado pelo Brasil. Sua paixão pela pátria o leva a empreender projetos de reforma, objetivando a prosperidade da nação. A partir de então, podemos resumir a trajetória de Quaresma em três projetos ou fases principais: a reforma pela cultura (donde sobressai a questão da língua), a reforma pela agricultura (figurada pelo “Sossego”, com destaque para a questão agrária) e a reforma política (defesa da ordem e do poder instituído). Ou seja, a trajetória de Quaresma pode ser resumida em três palcos: o escritório, o campo e a trincheira. Uma boa síntese desse itinerário pode ser lida a seguir:

Divertido e colorido no início, o livro se desdobra no sofrimento patético do major Quaresma, incompreendido e martirizado, convertido numa espécie de Dom Quixote nacional, otimista incurável, visionário, paladino da justiça, expressando na sua ingenuidade a doçura e o calor humano do homem do povo.

Dividido em três partes, há uma forte unidade nos episódios da obra, que funcionam não só como três atos da vida de Policarpo Quaresma, mas também como três quadros da vida brasileira. A primeira parte retrata o burocrata exemplar, patriota e nacionalista extremado, interessado pelas coisas do Brasil: a música, o folclore e o tupi-guarani, que pretende transformar na língua oficial do Brasil.

Na segunda parte, desiludido com as incompreensões, o major Quaresma se retira para o campo, onde se empenha na reforma da agricultura brasileira e no

---

2. O pré-modernismo não chega a ser uma escola literária ou um movimento. Trata-se, na verdade, da designação de um período que abrange uma vasta produção literária, correspondente aos primeiros 20 anos do século XX. Variadas tendências e estilos literários estão inseridos no pré-modernismo, o que nos leva a observar, neste período de transição, tanto traços conservadores como traços de inovação. Dentre os escritores mais representativos do pré-modernismo estão Euclides da Cunha, Graça Aranha, Monteiro Lobato e Lima Barreto. Embora os escritores pré-modernistas ainda estivessem presos ao modelo realista-naturalista, observa-se em suas obras um interesse particular pela realidade brasileira, manifesto na denúncia, no regionalismo, nos tipos humanos marginalizados e na ligação com fatos políticos, econômicos e sociais contemporâneos, além da busca de uma linguagem mais coloquial e objetiva - esta última característica não comum a todos, mas bastante presente na obra de Lima Barreto. (Cf. [www.netliteratura.hpg.com.br](http://www.netliteratura.hpg.com.br) ).

3. Cf. Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, *Trincheiras de Sonho*, p. 35.

combate às inexpugnáveis saúvas.

Na terceira parte acentua-se a sátira política. Motivado pela Revolta da Armada, Quaresma apóia Floriano Peixoto e, aos poucos, vai identificando os interesses pessoais que movem as pessoas, desnudando o tiranete grotesco em que se convertera o “Marechal-de-Ferro”<sup>4</sup>.

No escritório, a reforma cultural proposta por Quaresma abarca especialmente a oficialização do tupi-guarani, língua plenamente adaptada aos nossos “aparelhos vocal e cerebral”, nada tendo a dever às manifestações culturais estrangeiras - trata-se da “emancipação idiomática”. Incompreendido e ridicularizado, e após uma amarga estada num hospital psiquiátrico, o major toma o campo como novo palco de luta. Incrementar a produtividade agrícola, já tão naturalmente favorecida pela suposta “superfertilidade” do solo brasileiro, combater as pragas naturais (saúvas) e sociais (burocracia, jogo de interesses), com o objetivo de levar a cabo uma reforma agrária. Mas o projeto soçobra, vítima não só das saúvas e da superestimação do solo, mas também dos interesses políticos. Sendo informado acerca de uma tentativa de golpe contra o marechal Floriano Peixoto, Quaresma deixa o campo e parte de volta à cidade, desta vez para as trincheiras, no intuito de defender a ordem estabelecida. Aproveita para levar o manuscrito de seu projeto de reformas às mãos do marechal que, por sua vez, subestima o major. Mesmo assim, Quaresma pega em armas e, finalmente, ao reagir com argumentos contra a truculência do ditador que tanto defendera, vê-se condenado à morte. O fim, irônico e ao mesmo tempo trágico, marca uma espécie de evolução dialética da trajetória do protagonista. Do escritório, no burgo, Quaresma passa ao campo, tendo em vista sorte melhor. Novamente não obtém sucesso e, dessa oposição (cidade / campo; reforma cultural / reforma produtiva) temos a superação (conflito político) que leva ao aniquilamento. Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo faz considerações importantes ao se referir ao “Percurso de Policarpo”:

Assim, chamamos de Percurso de Policarpo a síntese de três caminhos que se bifurcam no personagem-título: a) a busca da origem na discussão sobre a cultura e, conseqüentemente, nacionalismo, em diálogo com as tradições romântica e naturalista; b) o anseio de autoconhecimento, enquanto ser humano frente ao mundo técnico, moderno e global, para decifrar o “enigma” de nosso destino; c) o conhecimento crítico como meta e empreendimento do discurso literário. A composição formal do romance produz o movimento simultâneo desses caminhos em direção ao leitor que, ao compartilhar desse universo pela leitura, responde com inquietação porque as noções gerais orientadoras do seu cotidiano, na História, ficam esfaceladas, em fragmentos, e só com melancolia pode costurá-los.<sup>5</sup>

Dessa forma, percebemos três aspectos “encarnados” no protagonista: (1) nacionalismo, questão da origem ou identidade; (2) a perspectiva existencial e, finalmente, (3) a criticidade - esta última permeando diversos setores do romance. A

4. Fernando T. de Andrade, *Literatura II, Coleção Objetiva* livro 27, p. 57.

5. Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, *Trincheiras de Sonho*, p. 26.

propósito, Policarpo Quaresma, o personagem-título, é um verdadeiro “discurso encarnado”, à medida em que, quando não sintetiza, faz o contraponto em relação ao universo captado pela ótica realista de Lima Barreto. Aprofundando-se nesse aspecto, Antônio Arnoni Prado chama a atenção para uma particularidade interessante da narrativa; trata-se de

(...) como se completam na fisionomia intelectual do herói as trajetórias de Policarpo Quaresma e Ricardo Coração dos Outros. Coração dos Outros, o violeiro anônimo cujo papel no romance é incorporado à recuperação social dos temas orais que caracterizavam os despossuídos em geral dos subúrbios, é um artista marginal que parodia o academismo e afronta, pela primeira vez em tom de desacato, a intangibilidade dos nossos bardos do Silogeu.(...) A trajetória de Coração dos Outros ganha um novo sentido quando ajustada às duas visões que organizam o projeto crítico do livro: a do narrador e a do major Quaresma. A do narrador porque fixa o desencontro e mostra ao leitor que, sendo uma voz à margem, Coração dos Outros é um contraste vivo repellido pelo sistema, projetado de fora para dentro e, como tal, sujeito à banalização e à indiferença. Não é por acaso que os três momentos de sua passagem (confronto social, incorporação ao meio e diluição que o submete) acabam desfigurados enquanto gesto de rebeldia no instante em que o narrador transforma Coração dos Outros numa espécie de duplo de Quaresma.

Na verdade, se é Coração dos Outros quem reclama uma poesia para além dos critérios dominantes, é o narrador que, à sombra dele, revela o limite estreito de seus passos e distingue, no porte miúdo da aventura, a ausência de qualquer perigo. Esse modo de consciência recupera o contraste, pois através dele o narrador mergulha na crise do sistema e se impõe, ao nível da enunciação, como instância vicária da ruptura.<sup>6</sup>

Quanto a isso, Prado aponta entre ambos os personagens uma distinção significativa: enquanto Coração dos Outros é um “contraste vivo repellido pelo sistema, projetado de fora para dentro e, como tal, sujeito à banalização e à indiferença”, Policarpo Quaresma é “projetado de dentro para fora”, apresentando, então, uma necessidade dramática substancialmente mais complexa. Essa distinção é fundamental para uma melhor compreensão do “jogo” narrativo e, conseqüentemente, do discurso literário em sua plenitude.

Quanto ao estilo, podemos perceber em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* nítidas influências do Realismo-Naturalismo<sup>7</sup>. Não obstante, pela linguagem e abordagem do tema, o romance irá romper com algumas concepções da literatura próprias do início do século XX, contribuindo para a consolidação de um ideário pré-modernista que inspiraria a literatura modernista. No âmbito formal, o romance inova pelo fato de contrariar um conjunto de padrões estéticos bastante sedimentados na época, atrelados ao “gramaticalismo” ortodoxo e aos exercícios de retórica estéreis, ou seja, símbolos da artificialidade de nossa *Belle Époque* - personificada em Rui Barbosa, Coelho Neto e Afrânio Peixoto, entre outros. Em seu romance, Lima Barreto

6. Antonio Arnoni Prado, *Lima Barreto - O crítico e a crise* p. 30.

fará uso de uma linguagem despojada, objetiva, incorporadora de coloquialismos ou tipicidades do linguajar, numa tentativa clara de reproduzir a fala - e não só a fala, mas o espírito, individual e da sociedade - carioca da Primeira República. Com nuances jornalísticas, percebemos uma aproximação da estética documental. Essa opção de estilo irá contribuir significativamente para a fidelidade - ou ao menos para a forte impressão de fidelidade - do retrato de época, o que, por sua vez, culminará num ideal estético amplamente defendido pelo autor: o texto baseado na expressividade espontânea e natural. Inclusive, sobre esse aspecto, vale a pena ressaltar que Lima Barreto critica os partidários do artificialismo tradicional no próprio contexto de seu romance. Um exemplo disso é a passagem em que o narrador refere-se a Armando Borges<sup>8</sup>, marido de Olga:

De fato, ele (Armando Borges) estava escrevendo ou mais particularmente: traduzia para o *clássico* um grande artigo sobre “Ferimentos por arma de fogo”. O seu último truque intelectual era este do clássico. Buscava nisto uma distinção, uma separação intelectual desses meninos por aí que escrevem contos e romances nos jornais. Ele, um sábio, e sobretudo, um doutor, não podia escrever da mesma forma que eles. A sua sabedoria superior e o seu título acadêmico não podiam usar da mesma língua, dos mesmos modismos, da mesma sintaxe que esses poetastros e literatecos. Veio-lhe então a idéia do clássico. O processo era simples: escrevia do modo comum, com as palavras e o jeito de hoje, em seguida invertia as orações, picava o período com vírgulas e substituía *incomodar* por *molestar*, *ao redor* por *derredor*, *isto* por *esto*, *quão grande* ou *tão grande* por *quamanho*, sarapintava tudo de *ao invés*, *empós*, e assim, obtinha o seu estilo clássico que começava a causar

7. É comum o emprego dos termos Realismo e Naturalismo associados. Embora sejam movimentos literários bastante próximos, apresentam distinções relevantes. O Realismo, movimento literário que surgiu na Europa na segunda metade do século XIX, caracteriza-se essencialmente pelo combate ao romantismo e ao idealismo, pela crítica à sociedade burguesa e à falsidade de seus valores e instituições, pelas referências ao materialismo e pelo caráter cientificista. Além disso, o Realismo também apresenta objetividade de expressão, descrições minuciosas e tendência à universalização de conceitos. Concentrando influências provenientes do positivismo de Augusto Comte, do determinismo de Hippolyte Taine e da lei de seleção natural de Charles Darwin, a literatura realista tem como obra fundadora e representativa do gênero o romance *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert. No Brasil, o Realismo tem como marco a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis. Já o Naturalismo é muitas vezes encarado como a exacerbação do Realismo, ou seja, o Realismo levado às últimas consequências. Enfatiza o materialismo da existência humana, à medida em que pretende mostrar o homem como produto de um conjunto de “forças” naturais, como brinquedo dos instintos. Para o escritor naturalista, influenciado por teorias científicas, o homem é um simples produto biológico cujo comportamento resulta da pressão do ambiente social e da hereditariedade psicofisiológica. O romance naturalista irá descrever o homem sem nenhuma interferência de ordem pessoal ou moral (pelo menos em tese), tal como num experimento de laboratório, com extremado objetivismo, fidelidade e frieza da narrativa. Sendo assim, dentre os mais recorrentes temas abordados pelos naturalistas estarão o erotismo, a agressividade, a violência e a degenerescência. Cientificista ao extremo, o romance naturalista é marcado pela vigorosa análise social a partir de grupos humanos marginalizados, pela tentativa de formulação de “regras” e pela referência ao embate instinto (natureza) x razão, onde observa-se a ineficiência da falsa moral burguesa em sua tentativa de reprimir a natureza humana. No Brasil, o Naturalismo foi inaugurado com o romance *O Mulato* (1881), de Aluísio de Azevedo. Contra o tradicionalismo romântico, o Realismo-Naturalismo é uma arte engajada, de compromisso com o seu momento presente e com a observação do mundo objetivo. (Cf. [www.netliteratura.hpg.com.br](http://www.netliteratura.hpg.com.br)).

8. Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, p. 131.

admiração aos seus pares e ao público em geral <sup>9</sup>.

Essa passagem sintetiza de forma bastante ilustrativa o criticismo de Lima Barreto em relação à mediocridade e hipocrisia dos pseudo-intelectuais. Justamente nesse aspecto reside um dos núcleos argumentativos desse ideal estético que viria abrir novos horizontes para a literatura posterior (Modernismo). A linguagem despojada, a objetividade e a espontaneidade de expressão constituem o cerne das inovações de âmbito formal presentes em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, romance no qual “a vida carioca é transposta para as páginas (...) com extrema simplicidade e realismo”<sup>10</sup>.

Outra carga de inovações estará presente no âmbito do conteúdo do romance de Lima Barreto. A opulência estilística combatida na frente formal é, de certa forma, produto do desejo de subverter os padrões dos romances tradicionais. Sobre isso, o próprio Lima Barreto comentava:

A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações. No mais, é uma continuação do exame de português, uma retórica mais difícil a se desenvolver por este tema sempre o mesmo: D. Dulce, moça de Botafogo, em Petrópolis, que se casa com o Dr. Frederico. O Comendador seu pai não quer, porque o tal Dr. Frederico, apesar de doutor, não tem emprego. Dulce vai à superiora do Colégio das Irmãs. Esta escreve à mulher do Ministro, antiga aluna do colégio, que arranja um emprego para o rapaz. Está acabada a história <sup>11</sup>.

O escritor criticava, então, o “vazio” social dos romances de sua época, e buscava uma experiência de aproximação da temática social, e real (tão cara aos autores russos), em relação ao universo ficcional do romance. Dessa forma, conforme podemos notar, tais experiências no âmbito do conteúdo contribuirão para a consolidação de um ideário pré-modernista, composto de subtemas como a crítica à subserviência ao estrangeiro, a denúncia contra o preconceito social, o resgate do ideal da terra virgem, a pesquisa folclórica e a crítica à burocracia e aos pseudo-intelectuais/artistas. No âmbito da crítica contra a mediocridade e a hipocrisia, especialmente dirigida às esferas políticas, militares e acadêmicas, Lima Barreto irá desnudar os mecanismos escusos que se movimentam por trás de uma cortina de aparências, revelando assim as causas espúrias e patéticas do atraso ou “indesenvolvimento” do país. A máquina burocrática será alvo predileto do escritor, que irá confeccionar toda sorte de estereótipos ou caricaturas, conferindo a todo o romance um forte teor alegórico. Sobre isso, vejamos:

A caracterização do funcionalismo público é um dos subtemas mais interessantes do romance. Por ter sido funcionário público, o autor captou os traços que distinguem o serviço no Brasil, transpondo-os para o plano da ficção. De fato, o perfil dos funcionários públicos do romance, dos quais o mais importante é o próprio

9. Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, p. 131.

10. “Para Entender *Triste Fim de Policarpo Quaresma*”, in Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Coleção Vestibular, O Estado de S. Paulo, p. 184.

11. Lima Barreto, *apud* Francisco de Assis Barbosa, *Lima Barreto Coleção Nossos Clássicos*, p. 12.

presidente da República - também caricaturado -, resulta numa interessante alegoria contra a burocracia, formada por pessoas sem consistência moral ou profissional. Nesse sentido, o livro é uma sátira impiedosa e bem-humorada ao Brasil oficial, de generais sem batalha (Albernaz) e almirantes sem navio (Caldas)<sup>12</sup>.

Aliás, outro aspecto interessante diz respeito às críticas que o escritor dirige aos positivistas, conforme podemos comprovar, por exemplo, na passagem a seguir:

(...) Eram os adeptos desse nefasto e hipócrita positivismo, um pedantismo tirânico, limitado e estreito, que justificava todas as violências, todos os assassinatos, todas as ferocidades em nome da manutenção da ordem, condição necessária, lá diz ele, ao progresso e também ao advento do regime normal, a religião da humanidade, a adoração do grão fetiche, com fanhosas músicas de cornetins e versos detestáveis, o paraíso enfim, com inscrições em escritura fonética e eleitos calçados com sapatos de sola de borracha!...

Os positivistas discutiam e citavam teoremas de mecânica para justificar as suas idéias de governo, em tudo semelhante aos canatos e emirados orientais.

A matemática do positivismo sempre foi um puro falatório que, naqueles tempos, amedrontava toda a gente. Havia mesmo quem estivesse convencido que a matemática tinha sido feita e criada para o positivismo, como se a Bíblia tivesse sido criada unicamente para a Igreja Católica e não também para a Anglicana. O prestígio dele era, portanto, enorme <sup>13</sup>.

Corrente de pensamento muito em voga no Brasil República, o positivismo enraizou-se em diversos setores da sociedade brasileira (vide “ordem e progresso”). Contudo, não nos esqueçamos também que, embora critique os positivistas, o escritor apresenta claras influências de Taine e Brunetiére.

Conforme pudemos observar, na esfera formal Lima Barreto subverte os padrões “artificialescos” tradicionais, impondo um estilo despojado e informalizado; na esfera do conteúdo, ataca a mediocridade e a hipocrisia vigentes além dos limites da própria literatura, retratando a sociedade sob uma lente que denuncia as mazelas que corroem o país. De forma lúcida, inteligente e inovadora, Lima Barreto faz um retrato de seu tempo, com fragmentos autobiográficos e imagens de apurada percepção do espaço ao seu redor. Uma sociedade sob uma lente de aumento, sob o crivo de um observador implacável. Um país de entranhas à mostra - “o rei está nu”.

Passemos agora ao filme. Concluído em 1997 e lançado em circuito nacional no ano seguinte, *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil*, dirigido por Paulo Thiago, é baseado no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. A diferença dos títulos é explicada pelo próprio diretor como um ato de preservação da catarse - algo essencial no cinema - uma vez que o título original do romance denuncia de antemão o desfecho da saga do protagonista, em contraste com o teor de crítica

12. “Para Entender Triste Fim de Policarpo Quaresma”, in Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Coleção Vestibular, O Estado de S. Paulo, p. 182.

13. Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, p. 115.

rascante presente ao longo de toda a narrativa<sup>14</sup>. No filme, podemos perceber uma arguta sensibilidade no que tange aos temas mais controversos do país. O Brasil da Primeira República vai às telas pautado por questões de ordem política, econômica e social bem nossas conhecidas, mesmo hoje. Legisladores fanfarrões e incoseqüentes, doutores charlatães, militares patéticos, políticos sanguessugas, burocratas ineptos, latifundiários retrógrados, um estadista de aparências. A corrupção, o tráfico de influências e os falsos moralismos são enfocados com freqüência. Exemplo disso - e uma das passagens do filme que mais retomam a acidez da crítica barretiana - é a festa de noivado de Ismênia, filha do general Albernaz. Nessa seqüência resume-se magistralmente toda uma gama de vícios que assola o país, com tintas bastante contemporâneas - bajulação, truculência, corporativismo, paternalismo, clientelismo, etc. Dessa forma, o filme apresenta um elevado teor de crítica social, compassada ironia e oscilação entre a tragédia e a farsa. A crítica ao "ordem e progresso" positivista vem à tona não só no âmbito do protagonista, como no dos personagens periféricos. Revela-se um Brasil recém entregue ao regime republicano, sem uma identidade genuína.

"Com todos os seus problemas, Policarpo Quaresma é o melhor sinal de que o cinema nacional perdeu a vergonha de mostrar seu país, com suas glórias e decepções, e de se mostrar a ele"<sup>15</sup>, observa Haroldo Ceravolo Sereza. Tendo nascido num período comumente designado como o de "retomada do cinema nacional"<sup>16</sup>, o filme foi considerado pela crítica "(...) a grande nova tentativa no gênero histórico urbano"<sup>17</sup>. De certa maneira, surge como um contraponto à onda de filmes "globalizados" que marca também esse período de retomada. Carlos Alberto Mattos menciona, em seu artigo "A coca-cola e o cocar", o debate entre dois extremos da cinematografia desse período: num deles, *For All - O trampolim da vitória* (1998), de Luiz Carlos Lacerda; no outro, *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil*. Segundo ele,

Policarpo é um herói-panacéia, que atende a todas as tradicionais megademandas do país: nacionalismo, justiça social, reforma agrária, liberdade política. (...) Paulo Thiago incorpora com prazer a retórica do personagem, a ponto de seu filme assemelhar-se a uma diatribe do próprio Policarpo. (...) É um filme à procura de um outro Brasil que não esse, revisionista, que produz *For All*.

Para chegar a isso, a adaptação minimizou a ironia com que Lima Barreto tratou do assunto. O visionarismo de Policarpo era uma forma de Lima tematizar o seu próprio drama de escritor marginal, mulato e desapegado aos modismos do seu tempo. Ele sabia que suas idéias libertárias e críticas quanto à submissão do Brasil

14. Nossa Língua Portuguesa. TV Cultura. São Paulo, 02/06/1998.

15. Haroldo C. Sereza. *Filme troca língua inglesa pelo tupi*. Folha de S. Paulo, 29/05/1998, Ilustrada, p. 5-8.

16. O período de retomada do cinema nacional pode ser compreendido como o que se inicia com *Carlota Joaquina* (1995), de Carla Camurati, e provavelmente vai até *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil* (1998), de Paulo Thiago - muito embora qualquer delimitação do período estritamente entre dois filmes seja sempre questionável. Atualmente, é bem provável que estejamos vivendo não exatamente ainda o período de retomada, mas o de resultado da agitação no panorama cinematográfico brasileiro entre 1995 e 1998 (Cf. Alfredo Luiz Paes de O. Suppia e outros, *Luz, Câmera, Nação! - Uma coletânea de entrevistas sobre a atual fase do cinema brasileiro*).

17. Lúcia Nagib. *Obra mostra que faz sentido crer no país*. Folha de S. Paulo, 29/05/1998, Ilustrada, p. 5-

ao tação econômico e cultural estrangeiro, associadas ao alcoolismo, o condenavam à suspeita de loucura. O *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é o equacionamento artístico desse dilema: num mundo em que a regra é ceder e aproveitar, o extremo da pureza e da ética é a loucura. O filme retira a dimensão brechtiana do livro, trocando-a por uma nostálgica profissão de fé no sonho - um sonho vago, afinal, que resume todos os sonhos do Bem. O bom-mocismo impede que *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil* dê conta da complexidade da proposta de Lima Barreto. O grito maluco, ambíguo, de Lima, vira um lamento impotente em nome de um punhado de generalidades<sup>18</sup>.

Embora se costume afirmar que *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil* ameniza o pessimismo e a ironia niilista presente no romance original, percebemos que o filme reproduz de maneira esteticamente viável o “espírito” da obra de Lima Barreto - senão em sua totalidade, ao menos uma “cepa”. Intercalados à trajetória farsesca, emergem passagens de grande tensão e melancolia, as quais concorrem para um ritmo de constante oscilação, de alternância entre o cômico e o melancólico, passando pelo patético e o altamente reflexivo, de maneira que a narrativa se enriquece de significado.

Como já fora dito, o filme apresenta uma razoável fidelidade<sup>19</sup> ao romance no qual foi baseado, muito embora também mostre diferenças marcantes, as quais lhe rendem traços nitidamente autorais. Num primeiro momento, podemos demarcar as seguintes diferenças entre as obras literária e cinematográfica: (1) o Rio de Paulo Thiago não imita exatamente o mesmo Rio retratado por Lima Barreto, este triste, sombrio e pobre<sup>20</sup>; (2) o filme inicia a narrativa um pouco mais à frente, e se estenderá um pouco mais no final, deixando em aberto uma mensagem de perseverante otimismo que não está presente no desfecho amargo do romance; (3) alguns personagens presentes no romance não estão presentes no filme, e vice-versa, e determinados personagens são menos explorados no filme do que no romance, e vice-versa; (4) Policarpo Quaresma, embora seja apresentado no filme de forma bastante próxima da que é retratada no romance, ganha uma substancial materialidade em comparação com seu equivalente literário - o Policarpo original, praticamente todo “idéia”, cede lugar a um personagem bem mais corporalizado, tendo sua sexualidade explorada de maneira efetiva; (5) a passagem do manicômio é mais explorada no filme do que no romance, dando vazão a personagens inexistentes na obra de Lima Barreto; e, finalmente, (6) a questão do negro ou a problemática do racismo não são exploradas no filme como no romance.

Um dos pontos mais importantes a ser discutido é o da sexualidade do protagonista. Enquanto o protagonista do romance apresenta-se como um personagem

18. *Id.*, *ibid.*, p. 44.

19. Refiro-me aqui à fidelidade à narrativa, ou melhor, ao enredo do romance original.

20. “Para o espectador habituado aos dramas contemporâneos, é quase inevitável o choque, quando, de repente, o filme se abre com uma profusão de sombrinhas, cartolas e charretes, tudo com muito verde, amarelo e outras cores fortes. Essa ênfase colorida no figurino e no cenário de época já evidencia uma das várias alterações importantes introduzidas por Paulo Thiago, o diretor, e Alcione Araújo, o roteirista, no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma, a obra-prima de Lima Barreto*”. *Lúcia Nagib*. Obra mostra que faz sentido crer no país. Folha de S. Paulo, 29/05/1998, *Ilustrada*, p. 5-8.

praticamente assexuado, o do cinema não nega seus impulsos. Vemos, no filme, a trajetória de um Quaresma igualmente solteirão, mas que se envolve, primeiramente, com a filha de Albernaz, Ismênia, numa passagem que revela uma faceta não mostrada em nenhuma página do romance: a virilidade do major. Mais à frente, no sítio “Sossego”, também há uma passagem - bastante poética, por sinal - que remete à sexualidade do protagonista. Num terceiro momento, quando está prestes a ser executado, Quaresma e Olga se beijam, confirmando algo que era bastante suspeito desde o início do filme: a paixão do major pela afilhada. Nesse momento, Quaresma fala: “então isso é o amor!”. Tinha devotado sua vida inteira à pátria, aos estudos do Brasil, ao engrandecimento da nação; uma paixão juvenil pelo país que lhe tomou a vida inteira e, só agora, pouco antes da morte, houvera assumido o amor verdadeiro entre homem e mulher. O amor de Quaresma pela afilhada Olga, bem mais explicitado no filme, é um diferencial importante deste em relação ao romance. Juntamente com a atração sexual por Ismênia, o amor por Olga dá ao Policarpo do cinema traços mais humanizados, uma maior complexidade enquanto personagem. Sobre isso, o próprio Paulo Thiago afirma:

Não há herói crível sem algum erotismo. O Policarpo Quaresma de Lima Barreto, do jeito que é no cinema, ficaria ou como um velho “gay”, ou como alguém com problemas sexuais. Precisava de um herói, patético, ridículo, farsesco e quixotesco, mas de um herói. Como o Quixote amava sua Dulcinéia del Toboso.<sup>21</sup>

Esse projeto de corporalização de Quaresma - passando por sua erotização - promove, como afirma Paulo Thiago, uma maior identificação com o personagem. Sobre esse aspecto, tomemos o depoimento de Paulo José, ator que interpretou Policarpo Quaresma no cinema:

Policarpo era um misógino mesmo. Um solitário de hábitos absolutamente metódicos. E eu não veria qualquer inconveniente em mantê-lo assim no filme. Já a opção do Alcione Araújo (o roteirista) e do Paulo Thiago (o diretor) foi que, do ponto de vista da comunicação do personagem, seria mais interessante se ele tivesse um pouco mais de carne, de impulso sexual direto. Isso aumentaria a possibilidade de identificação. Acho que, do ponto de vista estratégico, essa modificação foi interessante, embora pudesse ter sido feita de outro modo. Ele está impregnado de Brasil, lê metodicamente, dedica-se ao estudo do tupi-guarani, e isso faz com que sua sexualidade seja sublimada e devotada a uma causa, a de reformar o país.<sup>22</sup>

A erotização de Quaresma não só dá mais materialidade ao personagem como traz mais seriedade à forma com que é tratada a questão do patriotismo. Segundo Lúcia Nagib, “Sua figura franzina do livro adquire porte e materialidade, conseguindo

21. Alfredo Luiz Paes de O. Suppia, trecho de entrevista com o diretor Paulo Thiago, 29/11/2000.

22. Lúcia Nagib. *O triste fim de um herói com caráter. Folha de S. Paulo*, 29/05/98, Ilustrada, p. 5-8. A propósito da entrevista de Paulo José à Lúcia Nagib, no jornal *Folha de S. Paulo*, vale a pena lembrar como o personagem cinematográfico de Policarpo Quaresma é associado, pelo próprio ator, à uma antítese do Macunaíma de Joaquim Pedro de Andrade. Este, “o herói sem nenhum caráter”, baseado na obra de Mário de Andrade, simbolizaria o jeitinho brasileiro, que caracterizaria o perfil do colonizado. Enquanto Macunaíma não faz questão de ostentar nenhuma dignidade, Policarpo Quaresma é “todo caráter”, e doa-se por completo à causa patriótica.

mesmo conquistar mulheres e exibir um erotismo ausente no romance”<sup>23</sup>. Isso contribui para uma maior identificação espectador-protagonista. A propósito, Ismênia e Olga serão diretamente arrebatadas nesse processo de corporalização de Quaresma - personagens bastante fortes no filme e que, de certa maneira, se contrapõem. Segundo Paulo Thiago, “(...) de um lado, a mulher (Ismênia) consumida pelas estruturas sociais do patriarcalismo das famílias tradicionais que chega a um beco sem saída, e de outro, a nova mulher que está nascendo, Olga. Ela é uma mulher que pensa o futuro, que segue as idéias do Policarpo”<sup>24</sup>. Dessa forma, lembremos que a força dessas personagens femininas é algo que se destaca no filme, enquanto que, no romance, tal força não ganha a mesma dimensão.

Outra característica importante do filme é a extensão do episódio do manicômio. O hospício de *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil* será um “quarto palco” significativo na trajetória do protagonista. Entre a reforma cultural, do idioma, e a reforma rural, Quaresma empreende uma verdadeira revolução no hospício. Planta uma “semente de reforma” na instituição, à medida em que põe em dúvida a coerência do sistema vigente no sanatório. Discute com o diretor: - “Quem dita a norma? Não podemos nivelar a humanidade pela média!” - e, finalmente, participa da “tomada de poder” por parte dos internos. A ampliação da passagem do hospício - que no romance é tratada *en passant* - é interessante por dois motivos principais: primeiro, porque serve para reforçar a noção de que Quaresma não é um louco; segundo, porque critica um procedimento muito comum na época (e ainda atualmente): o de se taxar como loucos aqueles que têm idéias contrárias ao *establishment*. Segundo Paulo Thiago,

O tema do hospital foi desenvolvido não só por sua veia cômica mas justamente para mostrar que Policarpo “não era louco”. Ao contrário, ali torna-se um insurgente, convencendo e mudando as idéias do psiquiatra e comandando uma transformação geral na instituição. A questão da loucura era naquela época uma forma de aprisionar e enquadrar os homens que pensavam diferente das normas vigentes <sup>25</sup>.

Embora discuta em maior profundidade a questão da loucura, a problemática do racismo, tão presente no romance - bem como em toda a obra de Lima Barreto - , encontra-se volatilizada no filme. Sobre isso, comenta Paulo Thiago:

A questão negra na obra do Lima Barreto é muito profunda e vasta. Ele tem um romance só sobre isso, *Clara dos Anjos*. Se eu fosse entrar nesse tema, teria de fazer um filme dentro do filme <sup>26</sup>.

A esta altura, vale a pena lembrar que a adaptação de um livro para o cinema é, há muito tempo, algo desvinculado do mero critério de fidelidade. Trata-se de uma reconstrução em outro dispositivo, em outra linguagem, o que extrapola a questão da fidelidade a modelos de origem, dando vazão a uma obra autônoma e igualmente original. Daí as críticas ao teatro filmado e a teóricos do cinema como o alemão

23. Lúcia Nagib. *Obra mostra que faz sentido crer no país*. Folha de S. Paulo, 29/05/98, Ilustrada, p. 5-8

24. Paulo Thiago, “O personagem inviável, uma tradição brasileira”, *Cinemais*, nº 11, p. 29.

25. Alfredo Luiz Paes de O. Suppia, trecho de entrevista com o diretor Paulo Thiago, 29/11/2000.

26. Lúcia Nagib. “*Brasil precisa de Policarpus*”, afirma diretor. Folha de S. Paulo, 29/05/1998, Ilustrada, p. 5-8.

Sigfried Kracauer, segundo o qual apenas as literaturas realista e naturalista - destaque para Émile Zola - renderiam boas produções cinematográficas. Com respeito às adaptações literárias, agora no âmbito da *política dos autores*, Jean-Claude Bernardet cita Claude Chabrol e Eric Rohmer, para os quais "(...) *The Rope (Festim Diabólico*, de Alfred Hitchcock) encontra-se mais perto de *Crime e Castigo* (F. Dostoiévski) que qualquer adaptação cinematográfica que se tenha feito do romance"<sup>27</sup>. O que afirmam Chabrol e Rohmer vai ao encontro da idéia do "cinema-cinema", em detrimento do "cinema-literatura", ou seja, a crítica à primazia da fidelidade ao enredo, trazendo à tona uma nova noção que privilegia a reconstrução do "espírito" da obra literária<sup>28</sup>. Numa perspectiva em que a literatura e o cinema são manifestações artísticas autônomas, detentoras de linguagens específicas, abre-se um leque de novas possibilidades para que o filme não seja um produto subordinado ao livro, uma mera reprodução da literatura em outro dispositivo, e sim uma obra capaz de trabalhar um discurso efetivamente novo e enriquecedor.

O Rio de Janeiro de *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil* é colorido e pitoresco, enquanto que o retratado nas páginas do romance de Lima Barreto é sombrio, pobre, desesperançoso. O romance é claramente comprometido com o retrato da sociedade de época, em caráter de testemunho, jornalístico ou documental, captado pela lente de quem o escreveu. O filme também procura fazer um retrato de época, mas de forma mais "flexibilizada"<sup>29</sup>. Isso denota uma diferença marcante do filme para com o livro, justificada por Paulo Thiago na constatação de que fazer cinema implica em alijar detalhes periféricos à trama central:

Lima Barreto, por ser um escritor do Realismo brasileiro, tem a necessidade de traçar um panorama da sociedade. Então, muitas vezes ele se perde em descrições. Se o filme caminhasse por aí, perderia o núcleo dramático do Policarpo e o tom de fábula.<sup>30</sup>

De toda maneira, o filme concentra o "espírito de época" com razoável fidelidade. Sua trilha sonora colabora bastante para isso, sendo baseada na musicografia do período que relata, o Brasil da Primeira República. Nos créditos iniciais do filme, ouvimos o chorinho de Chiquinha Barbosa, orquestrado, em companhia das ilustrações de Fernando Pimenta, inspiradas em charges de caricaturistas da época, da revista *Ilustrada* - tudo isso já com o objetivo de "aclimatar" o espectador. A propósito, o som, tanto diegético quanto extra-diegético (trilha sonora), apresenta-se como um recurso bastante significativo no que se refere à narrativa. As modinhas ento-

27. Jean-Claude Bernardet. *O Autor no Cinema*, p. 18.

28. Para os críticos do *Cahiers du Cinéma*, defensores da *politique des auteurs*, o filme subordinado ao romance pela ditadura da fidelidade ou mera reprodução concorre para a corrupção do cinema; em contrapartida, o filme que refere-se à literatura por outros meios ou valores, que não o enredo, tem a oportunidade de buscar nesta um caráter dignificante.

29. Devemos aqui levar em conta dois aspectos: em primeiro lugar, diferentemente do romance, o filme olha essencialmente para o passado, ainda que procure, nitidamente, fazer referências ao presente; em segundo lugar, trata-se da visão de um artista sobre a obra de outro artista. Não há como negar a influência das ideologias em todo esse processo.

30. Lúcia Nagib. "*Brasil precisa de Policarpus*", afirma diretor. *Folha de S. Paulo*, 29/05/1998, *Ilustrada*, p. 5-8.

das ajudam a narrar a história, que é dividida nos seguintes blocos, segundo o diretor: apresentação do personagem, loucura, terra, guerra e conclusão<sup>31</sup>.

Agora, concentremo-nos na figura do protagonista, Policarpo Quaresma, talvez, por motivos óbvios, o ponto de maior convergência entre o romance e o filme - embora o segundo apresente, como já fora mencionado, um personagem bem mais materializado. O ator Paulo José tem grande mérito nesse processo de se levar às telas o personagem barretiano. “Desempenhando um papel que deverá ficar na história, e sem jamais cair no exagero caricatural, ele faz pairar sobre tudo o desconforto de sua perplexidade diante de um mundo que não responde a seus desejos”<sup>32</sup>. No âmbito das personagens, além da interpretação memorável de Paulo José, as participações de José Lewgoy, Tônico Pereira, Antônio Calloni e Othon Bastos, entre outros, também contribuem significativamente para o teor crítico na esfera da farsa e do patético, tão marcantes no filme. Esses e outros atores estarão interpretando personagens de extrema importância para o tom farsesco, patético, ora cômico, ora trágico, compondo, assim, uma galeria de tipos que denunciam os mais profundos e banalizados vícios da nossa sociedade. “Procurei fazer um filme que mexe com a farsa, que mexe com o humor, o humor como instrumento de crítica social, na linha da *charge* política”, declara Paulo Thiago. Essa é uma das características mais marcantes do filme: o tom de *charge*, pois, ao mesmo tempo em que ironiza e satiriza, com muito bom humor, a narrativa não perde sua criticidade ou caráter de convite à reflexão. Inclusive, esse tom de *charge* é ratificado nos letreiros finais de *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil*, ilustrados por caricaturas de episódios do filme, no traço de Paulo Caruso.

Finalmente, tratemos agora do fato de o filme estender um pouco mais o desfecho da narrativa. Vemos Quaresma ser executado, pronunciando pouco antes dos tiros um brado em tupi-guarani, seguido de “viva o povo brasileiro!”. Aos prantos, Olga vai ao encontro do padrinho morto. O filme se encerra com imagens de uma embarcação em movimento, acompanhada de uma canção extra-diegética<sup>33</sup> (“...virou poema, virou cinema...”). Trata-se de um desfecho que deixa em aberto uma visão mais otimista do que a do romance. Embora tenha se desiludido profundamente, chegando a se queixar de uma vida devotada à pátria, totalmente em vão, Quaresma externa, momentos antes de sua morte, uma curiosa esperança – ou melhor: resignação -, na forma de uma exaltação ao povo brasileiro. “Pode-se até dizer que o filme leva o patriotismo de Quaresma mais a sério que o romance”<sup>34</sup>; esse desfecho de curioso otimismo, que contrasta com a amargura do universo barretiano, tem boa parte de sua lógica nessa característica: o filme trata do patriotismo de Quaresma de forma menos corrosiva, bem mais simpática, deixando como que “uma luz no fim do túnel”. Sobre esse aspecto, Paulo Thiago declara:

31. *Nossa Língua Portuguesa*. TV Cultura, São Paulo, 02/06/1998.

32. Lúcia Nagib. *Obra mostra que faz sentido crer no país*. *Folha de S. Paulo*, 29/05/98, Ilustrada, p. 5-8

33. A canção é extra-diegética porque não faz parte da diegese. Apenas o espectador toma conhecimento dela - ela não ocorre no nível da história que ainda está em curso.

34. Lúcia Nagib. *Obra mostra que faz sentido crer no país*. *Folha de S. Paulo*, 29/05/98, Ilustrada, p. 5-8.

Não me agrada o *happy end*. Prefiro o cinema que deixa as questões em aberto. No filme, ele (Policarpo) é fuzilado, sim, mas a questão que ele coloca fica em aberto através do personagem Olga e do Ricardo Coração dos Outros. Procurei dar a idéia de que as coisas podem continuar porque existe uma falha trágica no personagem do Policarpo, que é a seguinte: um homem sozinho não muda a história, e ele pensa assim. Essa é uma falha trágica, pois para que a história seja modificada é preciso que o processo seja coletivo, que envolva o maior número de pessoas. Fica nítido no filme que isso pode continuar através de Olga e do Ricardo, da divulgação das idéias do Policarpo.<sup>35</sup>

Dessa forma, o desfecho do filme tem uma tônica diferente da de seu equivalente literário: fica “em aberto” de forma explícita. A densidade conferida aos personagens Olga e Ricardo Coração dos Outros torna-os eventuais “elos de continuidade” dos ideais de Policarpo. A trajetória do protagonista tem um fim amargo, porém, embora sua empresa não tenha resultado em reformas significativas para o país - a burocracia, a corrupção e a mesquinha permanecem -, fica mais clara uma mensagem de esperança, uma vez que Olga e Ricardo apresentam-se como solidários a Quaresma, e mobilizam-se - Olga, por exemplo, enfrenta taxativamente o marido, e depois o próprio Floriano Peixoto. Essa indignação por parte de Olga e Ricardo, produto do enfrentamento com os poderosos, revela uma motivação ou anseio de reformas no país (uma espécie de “semente” plantada por Policarpo), ainda que isso se dê por outros caminhos. No livro, o desfecho amargo, abrupto, juntamente com a menor densidade (ou mesmo materialidade) dos personagens Olga e Ricardo conferem ao fim do romance uma tônica bem menos otimista que a verificável no filme, talvez até niilista. No entanto, o que afirma Paulo Thiago em relação à falha trágica do protagonista de seu filme é plenamente aplicável ao protagonista do romance. É bem provável que, a despeito do tom intensamente irônico, crítico (o “rir da própria desgraça”), o romance valha-se do protagonista para exacerbar, e muito, o nível do meramente patético ou quixotesco, no objetivo de denunciar a problemática de uma sociedade que, em troca de benefícios mesquinhos e comodismos, contribui com a manutenção de um sistema massacrante que nada tem de justo ou igualitário - pelo contrário, é perversamente elitista e individualizante. Daí uma das maiores aproximações entre o perfil do personagem Policarpo Quaresma e seu criador, Lima Barreto. Há muito de Lima Barreto em Policarpo Quaresma - este acena ao leitor como um alter-ego do autor. Embora no romance tenhamos um final mais amargo e, no filme, um desfecho mais otimista, na figura de Quaresma converge uma certa finalidade dramática comum a ambas as realizações: a de conclamar a necessidade de conscientização e mobilização coletivas, à medida em que esforços pontuais, singulares, por mais hercúleos ou épicos que sejam, tendem a ser qualificados como loucura, utopia, ou ainda, traição. Ao mesmo tempo em que ocorre essa conclamação, realça-se a estupidez da “trupe” que condena o indivíduo em sua luta quixotesca, bem como a mesquinha das elites que massacram qualquer alternativa de mu-

35. Paulo Thiago, “O personagem inviável, uma tradição brasileira”, *Cinemais*, nº11, p. 31.

dança visando benefícios coletivos. "Policarpo, como muitos outros ao longo da história brasileira, é um personagem inviável."<sup>36</sup>, declara Paulo Thiago. E é justamente nessa inviabilidade que tomam forma os reais problemas que nos afligem; é no porquê dessa inviabilidade que reside o porquê de nossa própria situação, de nosso subdesenvolvimento, o porquê de uma sociedade à deriva. Policarpo movimenta um cenário que vem à luz revelando seus vícios mais obscuros. E são esses personagens inviáveis, que expõem as mais profundas feridas do nosso esgarçado tecido social, que acabam por se tornar mártires de uma história controversa. Como afirma o próprio cineasta, gente que não só morre pelo Brasil, mas morre de Brasil<sup>37</sup>.

Perguntado acerca do que representa Lima Barreto para a literatura e o cinema brasileiros, o cineasta Paulo Thiago faz comentários importantes, que levam, inclusive, à uma melhor compreensão de seu filme:

Lima Barreto é um pré-modernista. Suas idéias e sua visão de mundo são modernas, mas seu estilo, realista. Também não é um escritor de textos bem acabados. O jornalismo marca sua obra, quase sempre de idéias e fantasias, entretchos e histórias incríveis, mas de estilo duro, descritivo demais. Bom frasista, o escritor também era um narrador freqüentemente repetitivo. E o que o cinema, porém, busca nos escritores? Seu estilo? Sua técnica narrativa? Estilo e técnica narrativa são coisas que o cinema terá de criar ele mesmo. O cinema busca histórias, *plots*, entretchos, situações dramáticas, idéias originais. Neste sentido Lima Barreto é uma fonte inesgotável. Seu livro *Isaias Caminha* daria um fantástico filme, muito atual, sobre o poder da mídia, assim como *Clara dos Anjos*, sobre o racismo velado da sociedade brasileira, além de contos impagáveis como *O Homem que Falava Javanês*, e tantos outros. As questões que Lima Barreto levanta em sua obra - o poder, a problemática dos humilhados e desfavorecidos, o Estado, a corrupção - tornam-no um autor atualíssimo. Acho que seus textos podem dar muitos outros filmes, alguns até com adaptações diretamente contemporâneas. Essa é a força dos grandes artistas, visionários como Lima Barreto. Mais um exemplo: seu *Cemitério dos Vivos* daria um grande filme sobre a loucura no Brasil de hoje<sup>38</sup>.

Sendo assim, reconhecemos em *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil* uma obra que, através do próprio poder atualizador do veículo fílmico<sup>39</sup>, resgata valores e conceitos de uma de nossas mais importantes obras literárias. Temos, então, uma potencialização da atualidade do romance de Lima Barreto, no qual, originalmente, são discutidos temas praticamente atemporais ou transtemporais da realidade brasileira - por exemplo, a problemática dos sem-terra, da loucura<sup>40</sup>, da discrepância

36. Paulo Thiago, "O personagem inviável, uma tradição brasileira", *Cinemais*, nº11, p. 31.

37. Cf. *Id.*, *Ibid*, p. 31.

38. Alfredo Luiz Paes de O. Suppia, trecho de entrevista com o diretor Paulo Thiago, 05/12/2000.

39. Aqui refiro-me, sutilmente, a uma abordagem fenomenológica do cinema e de sua impressão de realidade.

40. Uma curiosidade: o filme despertou interesse por parte dos integrantes do movimento anti-manicomial no país, tendo sido exibido em determinados círculos de psiquiatras (Cf.: entrevista com o cineasta Paulo Thiago no programa *Nossa Língua Portuguesa* - TV Cultura, São Paulo, 02/06/1998).

sócio-econômica, entre outras. Esse cruzamento de uma obra de 1911, embora por si só atual ou profética, com o trabalho de adaptação realizado por um roteirista e um diretor no final deste século - mais o poder atualizador inerente ao veículo fílmico -, propiciam, para o espectador, uma riqueza de significação, de estímulo à reflexão, enfim, uma multiplicidade de signos que reforçam ainda mais o valor desse universo barretiano. Sobre esse aspecto, Paulo Thiago sintetiza a mensagem de seu filme, da seguinte maneira:

A mensagem de *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil* é uma mensagem de resgate do idealismo, da ética, da cultura nacional e do amor à pátria. (...) a mensagem de otimismo, de amor e de iniciativa em contraposição ao pragmatismo, à acomodação e ao descaso fica bastante clara. E um fato curioso é que o filme acaba por identificar episódios atualíssimos inseridos num retrato de épocas passadas<sup>41</sup>.

É bem provável que a mensagem de ambos os Policarpós, tanto o do cinema como o do romance, extrapole a questão do amor e do patriotismo rumo a algo mais complexo: a busca de uma identidade. Essa busca de identidade seria a única maneira pela qual se torna possível o pleito por uma sociedade mais justa. Ansioso por se posicionar-se face ao mundo, por reconhecer-se, Policarpo Quaresma personifica um discurso que discute a postura de um povo “órfão”, que não se (re)conhece, eternamente em busca do “pai” ou, então, profundamente desiludido com os paradigmas impostos pelo “Mito da Origem”. De qualquer forma, podemos ver nesse estudo que a problemática da nossa identidade foi muito bem trabalhada por Lima Barreto, no início do século, e, décadas depois, retomada com sensibilidade e apuro artístico, por um cineasta também comprometido com uma doutrina importante: fazer da arte um instrumento de reflexão. “Em Policarpo, o grande desafio era trabalhar o patético e a farsa, coisa que nunca tinha feito. (...) Fui descobrindo que poderia trabalhar o humor, que o humor é a porta do trágico e um instrumento muito forte para a platéia tomar consciência das coisas”<sup>42</sup>, declara Paulo Thiago. A propósito, a freqüente oscilação entre o cômico e o melancólico, ora sutil, ora mais incisiva, é uma característica esteticamente significativa no filme. Comicidade ou tragicidade, esses dois lados de uma mesma moeda representam, de certa forma, o universo por onde Policarpo Quaresma trilha seu caminho: o de um país ironicamente pujante e desolado, que ri, tragicamente, de todas as suas contradições.

Considerando-se o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e o filme *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil* - independentemente das peculiaridades das obras de Lima Barreto e de Paulo Thiago -, podemos perceber que ambas as obras consolidam o legado de um personagem polêmico, ao mesmo tempo carismático e patético, bastante sintomático, um Dom Quixote dos trópicos para onde convergem e ressoam questões relevantes e sempre atuais acerca da sociedade brasileira. Quaresma é o contraponto, é quem põe à prova uma realidade que vem se estabelecen-

41. Alfredo Luiz Paes de O. Suppia e outros, *Luz, Câmera, Nação! - Uma coletânea de entrevistas sobre a atual fase do cinema brasileiro*, p. 144.

42. Paulo Thiago, “O personagem inviável, uma tradição brasileira”, *Cinemais*, nº11, p. 32.

do há alguns séculos e que, em se furtando de vozes que a questionem, vai ganhando força nos bastidores. Lima Barreto deu à luz um personagem que, décadas depois, mantém um intrigante caráter de atualidade. Nas palavras de Paulo Thiago, que resumem perfeitamente esse espírito:

Ao reler *Policarpo*, achei que o livro era um instrumento para uma nova compreensão do país. Há a possibilidade de o Brasil se encontrar e se definir. E, na medida em que esse personagem sério, idealista, é trabalhado com humor, está-se discutindo a ambigüidade do brasileiro, que mistura o drama com o riso <sup>43</sup>.

E é o Policarpo, espécie de fragmento do escritor, de projeção, assim como Isaías ou Clara, o pivô, ora estudado, de uma trajetória de questionamentos. Ao mesmo tempo em que põe à prova, é testado pela realidade social, e entrega-se de tal maneira ao seu projeto de revigorar o país que, notadamente, “morre de Brasil”. Pivô de um experimento delicado, o de um homem que busca a realização de um projeto sincero, e que vai culminar no colapso da exposição de muitas das nossas feridas. No entanto, ainda que seja vítima de um experimento trágico, sua recorrência se faz eternamente necessária, especialmente fora do universo ficcional. Ainda segundo Paulo Thiago,

Temos muitos Policarpós espalhados por aí. Darcy Ribeiro era um Policarpo, no sentido maior. Betinho também. São sonhadores, pessoas que querem o melhor para o Brasil e chegam a ser patéticas em suas propostas, muitas vezes absurdas. O Brasil precisa de mais Policarpós <sup>44</sup>.

Tanto no filme como, especialmente, no romance de Lima Barreto, apreendemos a seguinte mensagem: o valor da denúncia da injustiça. Aí reside toda a força da obra barretiana, na crítica e na autocrítica, no olhar para si próprio e na busca do que há de original e genuíno, dentro de si mesmo - ainda que isso se dê por uma maneira que, parafraseando Nelson Rodrigues, beire o “narcisismo ao contrário”. Por aí há uma brecha por onde se espia a trilha da igualdade social, e não pelos protocolos que recobrem a mediocridade dos que preferem não ver, por interesse ou covardia, o que realmente se passa ao nosso redor.

Outro aspecto que se percebe face ao livro e ao filme: o caráter de atualidade das obras de grandes artistas. Perguntado pelo porquê de haver escolhido Policarpo Quaresma, um personagem tão anacrônico dentro do processo social e político atual, para transformar em filme, Paulo Thiago resume em três tópicos os atrativos do personagem barretiano:

Primeiro, seu nacionalismo exacerbado, um patriotismo exagerado, recuperado hoje, num momento em que se fala de globalização, internacionalização, de perda das identidades (...). O outro tema dele é o visionarismo, o sebastianismo. Policarpo é um personagem dominado pelo sonho, pela utopia de mudar o mundo através das idéias (...). E, finalmente, a idéia de que Policarpo é um anti-Macunaíma. O filme é sobre um herói de muito caráter, porque o Macunaíma - o herói sem

43. Lúcia Nagib, “*Brasil precisa de Policarpós*”, afirma diretor, *Folha de S. Paulo*, 29/05/1998, Ilustrada, p. 5-8

44. *Id.*, *Ibid.*, p. 5-8.

nenhum caráter - ficou muito popular no Brasil (...) <sup>45</sup>.

Esses três aspectos observados pelo diretor são importantes para que analisemos o personagem barretiano. Seu nacionalismo, embora não negue um teor de autocrítica no romance, emerge atualmente como uma resposta à globalização, americanização ou simplesmente ao entreguismo cultural - precedido pelo econômico - tão comuns ao Brasil de hoje. O visionarismo, no filme, resgata o valor das utopias, aquela necessidade de sonho inestimável para que os homens prossigam na luta por um mundo melhor - ou ainda, resgate das Grandes Narrativas ou Idéias, que reforçam, no personagem de Quaresma, seu caráter notadamente moderno, em contraposição a um universo que desacredita, na prática, qualquer ideal de emancipação <sup>46</sup>. E, embora no romance tal visionarismo seja tratado com tintas irônicas, aparentemente como prerrogativa dos loucos, não devemos crer que se trate de uma condenação das utopias - muito pelo contrário, trata-se, isto sim, de um alerta contra o poder sufocador da burocracia, da sociedade instituída ou, até mesmo, do alvorecer da pós-modernidade. Em terceiro, é impossível deixarmos de observar Policarpo Quaresma como o oposto de Macunaíma, o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade. Ambos interpretados no cinema por Paulo José, designam dois extremos do homem brasileiro: Macunaíma é o malandro que dá "jeitinho" em tudo, encarna o colonizado que não faz cerimônia em se entregar a expedientes que lhe garantam algum benefício, ainda que fugaz; Quaresma é o extremo oposto: entrega-se de corpo e alma à causa do país; sua integridade acabará por lhe custar a própria vida, o que nos leva a pensar se, num país de Macunaímas, os Policarpós não estão fadados à eterna condição de mártires.

Em resumo, podemos chegar à conclusão de que a obra de Lima Barreto é um documento que comprova a necessidade de olharmos para nós mesmos, de rirmos, de nos indignarmos, enfim, de não nos deixarmos ficar estáticos ante a desigualdade que insiste em pairar sobre nossas cabeças. Daí toda a força de sua atualidade, todo o brilho que mobiliza artistas posteriores a retrabalhar sua obra, a repensar Lima Barreto, recriando-o nos diversos suportes midiáticos, tanto os que conhecemos hoje, quanto os que ainda estão por vir.

### **BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DE SUPORTE (incluindo Internet, fontes videográficas e infográficas):**

ANDRADE, Fernando Teixeira de. (1987). *Literatura II, Coleção Objetivo - Sistema de Métodos de Aprendizagem*, Livro 27. São Paulo: Cered.

ATHANÁZIO, Enéas. (1982). *O Mulato de "Todos os Santos"*. São Paulo: Veja.

45. Paulo Thiago. "O personagem inviável, uma tradição brasileira". *Cinemais*, nº 11, p. 30.

46. Sobre a relação da modernidade com as Idéias ou narrativas de emancipação, Cf.: *O Pós-Modernismo*

- BARBOSA, Francisco de Assis. (1960). *Lima Barreto, Coleção Nossos Clássicos*. Rio de Janeiro: Agir.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. (1999). *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: O Estado de S. Paulo / Klick.
- BERNARDET, Jean-Claude. (1994). *O Autor no Cinema*. São Paulo: Brasiliense: Edusp.
- DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO TUDO. (1977). São Paulo: Abril. Vol. 2.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. (1998). *Trincheiras de Sonho - Ficção e cultura em Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LITERATURA BRASILEIRA. <http://www.netliteratura.hpg.com.br>
- NAGIB, Lúcia. *O triste fim de um herói com caráter*. Folha de S. Paulo, Ilustrada, 29/05/1998.
- \_\_\_\_\_. *Obra mostra que faz sentido crer no país*. Folha de S. Paulo, Ilustrada, 29/05/1998.
- \_\_\_\_\_. *“Brasil precisa de Policarpus”*, afirma diretor. Folha de S. Paulo, Ilustrada, 29/05/1998.
- NICOLA, José de. (1995). *Literatura Brasileira das origens dos nossos dias*. Ed.15. São Paulo. Scipione.
- NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA. *TV Cultura*. São Paulo, 02/06/1998.
- NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. (1999). São Paulo: *Encyclopaedia Britannica do Brasil*, Vols. 9, 10, 11 e 12.
- PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto - O crítico e a crise*. (1989). São Paulo: Martins Fontes.
- RAMOS, Luciano. <http://www.minc.gov.br/textos/olhar/filmesretomada.htm>
- SEREZA, Haroldo C. *Filme troca língua inglesa pelo tupi*. Folha de S. Paulo, Ilustrada, 29/05/1998.

SUPPIA, Alfredo Luiz Paes de Oliveira e outros. (1998). *Luz, Câmera, Nação! - Uma coletânea de entrevistas sobre a atual fase do cinema brasileiro*. Campinas: editora independente.

SUPPIA, Alfredo Luiz Paes de Oliveira. *DQ / Entrevista com o diretor Paulo Thiago*. Rio de Janeiro-RJ, 29/11/2000.

---

\_\_\_\_\_. *DQ / Entrevista com o diretor Paulo Thiago*. Rio de Janeiro-RJ, 05/12/2000.

### **Filmografia:**

Policarpo Quaresma - Herói do Brasil (1998)

Direção: Paulo Thiago

Produção: Gláucia Camargos

Roteiro: Alcione Araújo

Cenografia: Sérgio Silveira

Figurinos: Kika Lopes

Direção de Fotografia: Antonio Penido

Montagem: Gilberto Santeiro

Com Paulo José, Giulia Gam, Ilya São Paulo, Antonio Calloni, Antonio Pedro, Bete Coelho, Chico Diaz, Cláudio Mamberti, Carlos Gregório, David Pinheiro, Fernando Eiras, José Lewgoy, Jonas Bloch, José Dumont, José Loureiro, Marcélia Cartaxo, Nelson Dantas, Othon Bastos, Paulão e Tonico Pereira

Vitória Produções Cinematográficas Ltda.

123 min. • Livre • Cor • Português • Brasil

## A LITERATURA E O LEITOR

Lúcia Granja\*

### RESUMO

*Este artigo discute, de maneira didática, as relações entre a Literatura e Leitor, focando a abordagem na discussão de algumas correntes da teoria da literatura a respeito do assunto.*

**Palavras-Chave:** *Literatura – Leitor – Estética da Recepção- Estética do Efeito.*

### ABSTRACT

*This article discusses, in a didactic way, the relations between Literature and its readers. The commentaries about the different tendencies of the theory of literature narrow the focus of this discussion.*

**Key words:** *Literature – Reader – Esthetic of Reception – Esthetic of the Effects*

Se procurarmos entender a literatura como uma forma de comunicação verbal, podemos começar a discutir a relação entre leitor e literatura, baseando-nos no esquema da comunicação, o qual supõe que, para que ela aconteça sem falhas, é necessário que haja um emissor, o qual fala para um receptor, através de um canal, utilizando um código que possibilite o deciframento de uma mensagem, tudo isso inserido em um contexto. Se transpusermos esse esquema para a Literatura, temos, em determinado contexto, um autor (emissor) que escreve para ser lido por um público (receptor). Esse escritor utiliza-se geralmente de um código lingüístico-verbal, mas não só se pensarmos nas relações contemporâneas entre poesia e imagem, por exemplo. Seu canal, atualmente, é principalmente o livro, mas também o jornal, que foi importantíssimo meio para a literatura no século XIX; além disso, temos, hoje em dia, como canais, além do muro grafitado, todos os recursos possibilitados pela tecnologia moderna.

No passado, os autores foram estudados de acordo com suas vidas, fontes de influência, estilo, impressões de leitura do crítico, relação entre o texto e o espelhamento com a realidade, por meio da psicologia das personagens etc. A partir do século XIX, surgiram as disciplinas que se propuseram a estudar a Literatura com especificidade, o que no século XX convergiu para o desenvolvimento da teoria da literatura como a disciplina que estuda o fenômeno literário: textos, autores e história. Nesse panorama de estudos, os teóricos passaram a incluir, lentamente, o leitor no processo de realização da obra literária. A partir da segunda metade do século XX, a crítica, os acadêmicos e os escritores, começou a se preocupar com a

---

\* Doutora em Letras ( Departamento de Teoria da Literatura, área Literatura Brasileira) pela UNICAMP. Professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta.

inserção do leitor na discussão teórica sobre literatura, valorizando a produção do texto literário, mas nunca em detrimento do efeito e recepção da obra.

Hoje em dia, os estudos a respeito do tema apontado devem-se principalmente ao trabalho de teóricos como Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, da Escola de Constança, na Alemanha. No entanto, antes deles, outros já se haviam envolvido com preocupação semelhante. Um exemplo, é o clássico ensaio de Jean-Paul Sartre, *O que é Literatura? (Qu'est que c'est la littérature?)*. Nele o filósofo e escritor já havia se perguntado para quem se escreve, reconhecendo o papel da consciência na leitura, momento em que o objeto literário se realiza. A operação de escrever, de acordo com Sartre, implica na de ler e esses dois atos conexos são realizados por agentes distintos. Depois dele, na década de 1960, Wayne C. Booth introduziu em seu livro *Retórica de Ficção (The rhetoric of fiction)*, o conceito de leitor implícito, calcado no de autor implícito. Segundo o teórico, o autor nunca se retira totalmente da obra, deixando uma espécie de substituto, o autor implícito, que controla a ausência do autor e tem um correspondente no texto, o leitor, o qual é também um fruto de sua construção. A partir de então ficou cada vez mais explícita a necessidade de investigar o papel do leitor no processo de realização do fenômeno literário.

Parece explicável e compreensível que a discussão da crítica em torno do papel do leitor se coloque mais explicitamente no contexto da modernidade, pois, antecipando a teoria, como é de se esperar, a narrativa, ou seja, a arte em si, passou a exigir cada vez mais a presença do leitor no preenchimento do sentido do texto. Basta olharmos para algumas narrativas modernas para entendermos o referido fenômeno: na série de romances *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, a memória, as associações livres tomam o lugar de um enredo cronologicamente desenvolvido. Recentemente, em José Saramago, uma sociedade inteira de cegos, salvo uma única exceção que ainda consegue enxergar, não tem nome e a incompletude dessas personagens vai se reiterando, ao longo do romance, ainda que a complexidade psicológica delas vá ficando mais evidente, por meio de epítetos: a rapariga dos óculos escuros, o médico, o primeiro cego etc. Que sociedade é aquela? Não é realisticamente demarcada e tampouco o é o tempo com precisão. O que há no romance de mais preciso são as metáforas, como a cegueira que reduz o Homem a uma condição menos que animalésca. Tudo isso aponta, como vimos, para o trabalho árduo que a narrativa moderna propõe a seu leitor.

Outro exemplo interessante que podemos citar, apesar de essa ser uma narrativa que nem mesmo podemos enquadrar rigidamente na “modernidade”, é o romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis. O romance machadiano, que não podemos rotular como como modernista, mostra um “pressentimento” de características que viriam a povoar as narrativas do século XX. Vemos, em praticamente toda obra de Machado, mas em *Dom Casmurro* especificamente, o grande escritor brasileiro a “advinhar” a importância que a narrativa moderna daria para o leitor e a postergar, portanto, os efeitos que essa sua obra poderia produzir, uma vez que o público brasileiro da época não estava exatamente preparado para essa participação. Dom Casmurro, Bentinho da maturidade convertido em narrador, se pergunta

no último capítulo, se a Capitu da praia da Glória ( que ele julga tê-lo atraído com o melhor amigo, Escobar), já existia dentro da menina da rua de Matacavalos, ou se esta teria sido convertida naquela “ por efeito de algum caso incidente”<sup>1</sup>, ou, como diz de outro modo, se já estava a fruta dentro da casca. Wayne C. Booth poderia nos explicar, de acordo com os conceitos que elaborou, que há no livro de Machado de Assis um “substituto do autor”, um autor implícito, que constrói um leitor também implícito. Depois do enlevo amoroso do início da narrativa, das infelicidades do Casmurro, das pistas que o narrador espalha por sua narrativa em primeira pessoa, unilateral portanto, o leitor real, se sem experiência e desatento, poderia responder prontamente, e afirmativamente, à indagação do narrador : “ sim, a fruta amadureceu, já estava dentro da casca”. Já o leitor que se deixa conduzir pelo leitor implícito, se usasse todo o seu *repertório*, segundo a definição de Jauss e Iser, certamente voltaria às marcas implícitas do texto que, provavelmente, o conduziria a outra interpretação.

A partir de Wayne C. Booth, Wolfgang Iser, juntando os conceitos do primeiro às suas próprias preocupações teóricas, vai elaborar a “Estética do efeito”. Suas idéias nos mostram que o texto literário carrega um potencial que se realiza no processo de leitura. Assim sendo, o polo artístico de uma obra é o texto do autor, mas a realização dessa obra só ocorre por meio do leitor. O sentido, portanto, não preexiste à obra e a incompletude do texto desfaz-se apenas no processo da leitura. O leitor real, de acordo com seu repertório, bagagem histórica e cultural, acata melhor ou pior as indicações do leitor implícito, percebido na estrutura textual. Mesmo que o leitor real não possa completar com sua bagagem essas indicações, a experiência estética em si acarreta mudanças no pressuposto do leitor e sua realidade.

Apoiado no pensamento que Iser vinha produzindo, Jauss ministrou em 13 de abril de 1967 uma polêmica aula inaugural para o semestre letivo na Universidade de Constança<sup>2</sup>. Nela, o crítico apresentou uma reelaboração da “existência nada mais que miserável”<sup>3</sup> da História da Literatura naqueles dias, a qual ainda se constituía ( e com certeza não deixou ainda de se constituir), como o estudo da Literatura por meio de grandes painéis histórico-literários globais ou de época para as literaturas nacionais. Jauss propôs uma nova maneira de conceber a História Literária, criticando a Teoria da Literatura e alguns de seus conceitos, e apoiando seus comentários no questionamento das idéias de teorias tão antagônicas quanto as escolas formalista e marxista. Assim sendo, rejeitou o conceito *imanência* do formalismo, ou seja a separação entre linguagem poética e não poética como forma de definir o texto literário; por outro lado, rejeitou também a teoria marxista que mostra a literatura apenas como espelhamento da realidade social, o que, em muitos casos, apresenta resultados ingênuos para as análises que vinculam, sem medi-

1. MACHADO DE ASSIS, 1986: p 944, vol.1

2. Esta aula está publicada no Brasil como JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*.

3. JAUSS, 1984: p 9.

ação, fatores econômicos e de classe social à multiplicidade dos fenômenos literários. Apesar de criticar as duas escolas, Jauss encontra uma vantagem no formalismo: a historicidade, a princípio negada pela valorização da sincronia, que procura opor linguagem poética à prática, reapareceu durante a construção do método formalista, o que obrigou os formalistas a repensar os princípios da diacronia, revalorizando questões como o gênero e a série literária.

A partir daí, Jauss desenvolveu suas teses sobre as vantagens de uma nova visada da História da Literatura. Segundo ele, a cadeia de recepções enriquece a obra de arte de geração em geração. Desse modo, a historicidade da literatura não estaria ligada à análise "post factum" dos fatos literários, mas à experiência dinâmica da obra. Sendo assim, a leitura crítica escapa ao psicologismo quando leva em conta sistemas referenciais a partir dos quais se monta o efeito e recepção da obra, inserindo-a em uma posição determinada dentro de um contexto para a criação de significação histórica. Tudo isso quer dizer que a história da literatura passa a poder ser vista de forma particular, longe dos grandes esquemas da história geral. A função social da literatura realizar-se-ia, assim, quando a expectativa do leitor adentrasse o horizonte da vida poética, e esse interferisse em seu entendimento de mundo.

As colocações de Jauss são, sem dúvida, instigantes e nos fazem pensar que nosso entendimento de literatura esteja talvez desgastado. Nesse sentido, apontam-nos uma forma menos ingênua de pensar, na atualidade, as relações entre literatura e história e literatura e sociedade.

Resta-nos, porém, a nós, professores de literatura, uma questão de interesse. As leituras, as recepções do texto literário que nos chegam, são sempre a dos críticos e leitores especializados. Vejamos um exemplo, a partir de *Dom Casmurro* novamente. Em 1917, o crítico Alfredo Pujol escreveu sobre esse livro:

"Passemos agora a *Dom Casmurro*. É um livro cruel. Bento Santiago, alma cândida e boa, submissa e confiante, feita para o sacrifício e a ternura, ama desde criança sua deliciosa vizinha, Capitolina(...). Esta Capitu é uma das mais belas e fortes criações de Machado de Assis. Ela traz o engano e a perfídia nos olhos cheios de sedução e graça. Dissimulada por índole, a insídia é nela, por assim dizer, instintiva(...)"<sup>4</sup>

Hoje em dia, a leitura tão emocional de Pujol nos parece, no mínimo, exagerada, pois outros leitores, mais especializados ainda, nos legaram outras percepções: Helen Caldwell, na década de 60, descobriu o artifício da obra, a idéia insidiosa de emprestar a Otelo a credibilidade do narrador. John Gledson e Roberto Schwarz, depois dela, puderam identificar os interesses propriamente sociais do livro, ligados à ordem paternalista da sociedade brasileira do século XIX.

O que nos resta, portanto, é refletir sobre uma forma mais democrática de incluir a recepção do leitor comum no rol das leituras constitutivas das várias experiências históricas produzidas pela leitura de uma determinada obra literária. Esse desafio, porém, não pode ficar restrito ao professor, mas deve se voltar, novamente, para uma discussão mais ampla, que inclua a participação dos críticos, escritores,

4. Citado por Roberto SCHWARZ em "A poesia envenenada de *Dom Casmurro*": SCHWARZ, 1997: p 10-11

teóricos da literatura etc. O maior desafio desse trabalho, mais até do que descobrir quais são as canais de manifestação do leitor comum, sem voz audível, talvez seja encontrar espaço para manifestação da voz da sociedade a respeito das discussões acadêmicas.

### **Referências Bibliográficas**

BOOTH, Wayne C. ( 1980) *A retórica de ficção*. Lisboa: Arcádia.

CALDWELL, Helen. *The Brazilian Othello of Machado de Assis*. ( 1960) Berkeley: University of California Press.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo*.( 1991). São Paulo: Companhia das Letras.

JAUSS, Hans Robert. (1994) *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática.

MACHADO DE ASSIS. (1986) *Dom Casmurro*. In: *Obra completa*. 3 vols. Rio de Janeiro: Aguilar. Vol 1.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. ( 1980). 7 vols. São Paulo: Globo

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira* ( 1999). Lisboa: editorial Caminho.

SARTRE, Jean-Paul ( 1958). *Qu'est-ce c'est la littérature*. Paris: PUF

SCHWARZ, Roberto. *Duas Meninas*. (1997). São Paulo: Companhia das Letras.



## A ÉTICA DO HUMOR POLÍTICO

Maria Cristina de Moraes Taffarello\*

### RESUMO

*Lidando com um texto de humor político, nosso propósito básico é mostrar seus objetivos e temas de crítica; além disso, apontar a relevância desse tipo de texto para o estudo lingüístico de questões básicas não só da Análise do Discurso, mas também da Semântica e a da Pragmática.*

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso; script; polifonia; ironia.

### ABSTRACT

*Dealing with a text of political humor, our basic purpose is to point out its objectives and criticism's themes; furthermore, to show the relevance of this type of text for the linguistic study of the basic issues not only in Discourse Analysis, but also in Semantics and Pragmatics.*

**KEY-WORDS:** discourse; script; polyphony; irony.

### Introdução

Nosso objeto de análise é um texto de Millôr extraído do livro *Humor nos tempos de Collor*, de Jô Soares (1992): *Vade retro*, PC (em anexo), cujo tema de crítica à mentira é ricamente explorado. Publicado durante a presidência de Fernando Collor de Mello, é inevitável que fatos e nomes da época venham à tona.

“Apenas os chistes que têm um propósito correm o risco de encontrar pessoas que não querem ouvi-los”. Esse é o comentário de Freud (1905:109) a respeito da distinção, calcada sobretudo na reação do ouvinte-alvo, entre chiste tendencioso e chiste ingênuo, embora tal distinção não se tenha sustentado integralmente. A respeito disso merecem destaque duas observações. A primeira se refere ao efeito chistoso: os chistes inocentes têm, em geral, um efeito moderado, provocando um leve sorriso em seus ouvintes, talvez até, em parte, devido ao conteúdo intelectual. Os chistes tendenciosos, ao contrário, fazem o riso explodir. A partir dessa constatação, Freud (1905:116) levanta a seguinte suspeita: “Já que ambos os tipos podem ter a mesma técnica, podemos suspeitar de que os chistes tendenciosos, em virtude de seu propósito, devem ter fontes de prazer disponíveis, às quais os chistes inocentes não teriam acesso.” Note-se a relevância do propósito no caso do chiste tendencioso.

A segunda observação se liga justamente aos propósitos dos chistes: os tendenciosos (e só eles, pois os inocentes teriam um objetivo em si mesmos), têm um

---

\* Doutora em Lingüística pela UNICAMP. Professora de Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta. Professora do curso de Pós-Graduação em Criatividade e Produção de Textos, nas Faculdades Padre Anchieta.

propósito *hostil*, de agressividade, sátira ou defesa, ou um propósito *obsceno*, de desnudamento. A esses acrescenta ainda o que denomina humor *cínico* (blasfemo, crítico) e humor *cético*, que ataca não “uma pessoa ou uma instituição, mas a própria certeza de nosso conhecimento, uma de nossas capacidades especulativas” (Freud,1905:136).

Num outro momento (Freud,1905:155-6), admite que os chistes nunca deixam de ser tendenciosos, “mesmo se o pensamento neles contido é não tendencioso e apenas serve aos interesses intelectuais teóricos. Eles perseguem um segundo objetivo: promover o pensamento, aumentando-o e guardando-o da crítica.” Porém, seu humor nem sempre é crítico, pois muito freqüentemente os chistes veiculam discursos conservadores ou até reacionários, sobretudo no campo da sexualidade e do racismo; certamente isso não é totalmente válido para o humor político, como o próprio Freud entrevê e, em trabalhos mais recentes, se confirma.

Resumindo, queremos frisar que o objetivo de crítica social nos interessa mais de perto, mas cremos difícil dissociá-lo do objetivo de denúncia e de correção, sobretudo por se tratar de textos de humor político. Buscaremos demonstrar isso em nosso texto, sobretudo com base nas teorias sobre os vários tipos de crítica, abordados por Possenti (1998), e na distinção entre chistes difamatórios e expositores, feita por Raskin (1985).

### **Alguns fundamentos teóricos**

Ducrot (1987) considera dois tipos de polifonia: a) intertextualidade explícita (discurso relatado, citações, referências, argumentação por autoridade etc.: quando, no mesmo enunciado, há mais de um locutor, responsável pelo enunciado; b) intertextualidade implícita: quando, no mesmo enunciado, há mais de um enunciador. Com base nessa visão pragmática de Ducrot, que entende o sentido de um enunciado como uma representação (no sentido teatral) de sua enunciação, Mainguenu (1993:77) explica também a polifonia como um mecanismo que leva a distinguir, numa enunciação, dois tipos de personagens: os enunciadores e os locutores. Define ainda o enunciado irônico como aquele que “faz ouvir uma voz diferente da do ‘locutor’, a voz de um ‘enunciador’ que expressa um ponto de vista insustentável. O ‘locutor’ assume as palavras, mas não o ponto de vista que elas representam.” Como o texto em questão é bastante irônico, será imprescindível para sua análise essa visão polifônica da linguagem.

Como vamos analisar um texto de humor político, nos apoiaremos ainda na visão semântica de humor desenvolvida por Raskin (1987:17), segundo o qual os componentes de uma piada são: a) uma mudança do modo de comunicação *bona-fide* (isto é, confiável) para o não *bona-fide*; b) o texto ser intencionalmente chistoso; c) dois *scripts*<sup>1</sup> (parcialmente) sobrepostos compatíveis com o texto; d) uma rela-

1. A noção de *script* é usada, sobretudo na área de Linguística Textual, como um dos diversos tipos de modelo cognitivo, ou seja, um feixe estruturado e formalizado de informação semântica inter-relacionada. Koch e Travaglia (1990:60) esclarecem tal noção como “conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, os rituais religiosos (batismo, casamento, missa), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas.”

ção de oposição entre os dois scripts; e) um gatilho, óbvio ou implícito, entre os dois scripts.

Em relação ao instigante tópico do *humor político*, em primeiro lugar, teceremos comentários sobre a constância de alguns temas criticados e sobre as estratégias empregadas, seguindo os passos de Possenti (1998) num estudo discursivo-pragmático - sendo que as análises de cunho pragmático se justificam pela necessidade de, muitas vezes, ter de recorrer a determinada situação histórica ou a características próprias de um político, supostamente reconhecidas pelos leitores/ouvintes, o que se coaduna perfeitamente com as análises de nosso texto. Retomaremos vários exemplos de Possenti, por sua clareza e adequação a nossos propósitos. Nossa convicção é a de que, embora haja elementos que são típicos de alguns governos ou de alguns governantes, a maioria dos elementos invocados em textos de humor político são constantes. Isso poderá ser, em parte, testado num segundo momento da exposição do tema do humor político, quando tomaremos por base Raskin (1985), que discrimina duas classes de piada política, a que agride e a que expõe, dependendo também do alvo a ser atingido.

Possenti (1998:110 e seguintes) expõe basicamente os seguintes temas de crítica política:

a) crítica à *classe dos políticos*, independentemente dos diversos regimes ou personalidades envolvidos. O exemplo escolhido evidencia a oposição de *scripts* vida longa / vida breve (morte desejada), comum nesse tipo de humor:

FHC vai consultar uma vidente. A bruxa lhe diz:

- Aqui vejo muito claro. Tu vais morrer num dia de festa pátria.

- Bom, mas que dia?

- Não sei, mas qualquer que seja o dia em que morras, vai ser uma verdadeira festa.

b) crítica a *determinada concepção de política*. Para exemplificar, eis a piada de um bêbado num comício:

O candidato está fazendo um discurso e, lá pelas tantas, diz:

- Se eu for eleito, prometo que haverá trabalho para todo mundo.

O bêbado comenta:

- Já começou a perseguição.

O que se pode deduzir deste caso é a concepção de que o "político é o responsável pela solução de nossos problemas, e não o representante de outros sujeitos, de um grupo ou classe." (Possenti, 1998:111). Em outras palavras, muitos eleitores esperam soluções milagrosas dos políticos por eles escolhidos.

c) crítica a temas particularizados

- *crítica à ditadura*:

Um cachorro polonês e um tcheco encontram-se na divisa dos dois países, quando se dá o seguinte diálogo:

- O que é que você veio fazer aqui?

- Comer um pouco. E você?

- Ladrar um pouco.

Neste caso, o par de *scripts* opostos censura / liberdade se sobrepõe até mesmo ao par abundância / penúria.

- crítica à *corrupção*, ou inscrição no topos<sup>2</sup> “político é corrupto”.

Dois turistas encontram um cemitério brasileiro (argentino etc.). Vêem uma lápide na qual se lê: ‘Aqui jaz um político e um homem honesto’. E um dos turistas comenta:

- Que estranho. Os brasileiros (argentinos etc.) enterram duas pessoas no mesmo túmulo.

A ambigüidade dos predicados do morto é o mecanismo lingüístico usado.

- crítica à *mentira*

Deus convocou Bill Clinton, Boris Ieltsin e FHC para anunciar-lhes que o mundo vai acabar. Clinton, em uma mensagem em cadeia nacional, anuncia a seu povo:

- Tenho de lhes dar uma notícia boa e outra ruim. A boa é que Deus existe, tal como supúnhamos. A ruim é que o mundo vai acabar.

Ieltsin diz a seu povo:

- Tenho de lhes dar duas más notícias: ao contrário do que nós pensávamos, Deus existe. E, além disso, o mundo vai acabar.

FHC, por sua vez, diz aos brasileiros:

- Tenho de lhes dar duas boas notícias: Deus existe... e todos os problemas do Brasil vão se resolver em poucos dias.

Tal tema predomina, como já se disse, no texto a ser analisado.

- crítica à *presunção*: contra o político que “pensa que é Deus”:

FHC (ou Collor) pensa que é o momento de decidir onde será enterrado quando morrer. Telefona ao primeiro ministro de Israel. Após as saudações protocolares, FHC lhe diz:

- Mudando de assunto, quanto me cobrarias se escolhesse Jerusalém como minha última morada?

- O que te parece 500.000 dólares?

- Impossível. Tem de ser menos dinheiro, senão o povo me mata.

- Por menos dinheiro, nada feito. Pode esquecer de ser enterrado em Jerusalém.

- Mas, Primeiro Ministro, pense bem. Não acha que é muito dinheiro por três dias?

A interpretação desta piada reivindica o conhecimento partilhado da morte e posterior ressurreição de Cristo, decorridos três dias daquela.

- crítica à *burrice*, que pode se manifestar através de vários mecanismos: desconhecimento de uma figura popular (Itamar Franco foi objeto de uma charge

---

2. A noção de *topos* (plural *topoi*), lugar comum argumentativo, foi emprestada de Aristóteles e desenvolvida por Ducrot (1989). Apresenta três propriedades básicas: universalidade, generalidade e natureza gradual. Exemplificando: *Está fazendo calor, vamos à praia* apresenta o *topos*: “o calor torna a praia agradável”.

que explorava seu encontro com o Presidente do BID, cujo nome é Iglésias, a quem teria dito que gostava de música romântica e possuía seus discos - confusão entre o economista e o cantor Julio Iglesias); tomada no nome próprio como se não o fosse (o presidente americano Truman e o presidente brasileiro teriam travado o seguinte diálogo numa visita daquele ao Brasil: "- How do you do, Dutra? ; - How tru you tru, Truman?" ); exposição da burrice dos políticos através da inteligência de outro (há anedotas americanas, por exemplo, que exploram a suposta burrice de Clinton – na verdade, por oposição à suposta inteligência excepcional de sua esposa Hillary).

- Para encerrar, há piadas que exploram aspectos muito circunstanciais, incluindo às vezes tópicos característicos dos chistes obscenos:
  - Sabés lo que dicen a Menen?
  - No.
  - OB: porque está en el mejor lugar, pero en el peor momento y sirve para todos los deportes.

Possenti (1998:114) mostra que esta piada envolve numerosos ingredientes: estar no melhor lugar retoma uma avaliação, supostamente compartilhada, sobre não haver nada melhor do que fazer sexo, pelo menos para o homem; retoma o tabu segundo o qual a menstruação é um empecilho para a atividade sexual; e supõe o conhecimento de um *slogan* publicitário do absorvente OB (serve para todos os esportes), além do conhecimento de que Menen, pelo menos no início de seu primeiro mandato, tentava aparecer com esportistas, comparecendo a eventos esportivos junto a atletas, vestindo uniformes e posando para fotos.

Baseando-nos ainda, e sobretudo, em Raskin (1985:222-46), que dedica um capítulo ao humor político, concordamos com o fato de haver duas classes básicas de piada política, conforme o alvo a que se dirijam. As *piadas difamatórias* (*denigration jokes*) atacam uma pessoa, um grupo, uma idéia ou uma sociedade inteira; as *piadas expositoras* (*exposure jokes*) visam a desmascarar um regime político, fazendo referência a eventos não amplamente publicados e normalmente suprimidos por tal regime.

Em relação às piadas difamatórias, faz a seguinte classificação:

a) de uma figura política

As piadas difamatórias de uma figura política são bastante comuns e se baseiam na simples oposição entre um *script* e sua negação. Mais precisamente, na oposição do tipo bom / mau, embora haja outras maneiras de mostrar que nem sempre uma pessoa com cargo político o ocupa como deve.

Resumindo, podemos lidar com as seguintes oposições de *script*:

- bom / mau;
- competência / incompetência;
- conhecimento / desconhecimento;

- honestidade / desonestidade (corrupção);
- não-sexo / sexo;
- vida longa / vida curta (morte desejada);
- pessoa conhecida / pessoa desconhecida.

Embora Raskin (1985:226) afirme que um líder político nunca é atacado como pessoa, mas somente como figura pública que, supostamente, não deve possuir o(s) traço(s) alegado(s), mas exatamente seus opostos, tal hipótese é difícil de se sustentar: temos a convicção de que, se isso é verdadeiro, em parte, para piadas nas quais não ocorrem nomes próprios, não o é para “crônicas” humorísticas publicadas em periódicos ou na mídia em geral, que é o caso do texto aqui estudado, pois ele cita nomes próprios, os quais remetem às pessoas que, de uma forma ou de outra, participaram do governo Collor. Freud (1905:110) endossa tal convicção: ao explicar a não necessária inter-influência entre chistes verbais e conceptuais, de um lado, e chistes inocentes e tendenciosos, de outro, alerta para o fato de que os chistes que “jogam com” nomes próprios têm freqüentemente um propósito “insultante e ferino”, embora sejam verbais.

b) de um grupo ou instituição políticos

Raskin (1985:227) afirma que, quando um grupo ou instituição política é difamada, a piada é normalmente sobre um membro ou membros desse grupo ou instituição. Porém, tal pessoa acaba sendo destituída de suas individualidades. A complexidade maior ou menor dessas piadas decorre do fato de sua mensagem variar conforme a natureza e o propósito dos grupos e instituições em causa. Dá como exemplo uma piada russa dos meados de 1890: “Como você reconhece um russo liberal? Muito facilmente. Ele tem um mordomo negro que pega seu sobretudo no *hall*.”

Neste caso, há basicamente dois temas sendo criticados: além da crítica à classe dos políticos como um todo, também se critica a falsidade das atitudes dos políticos diante de suas promessas, convenientemente de acordo com o dito de puro cinismo: “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.” Os russos liberais daquela época, por exemplo, não praticavam o que pregavam, sobretudo a igualdade e amor aos simples, oprimidos e desprivilegiados. São, pois, casos bastante alusivos, isto é, utilizam-se de associações e inferências.

c) de uma idéia ou *slogan* políticos

Se no primeiro tipo de piada difamatória o alvo humano é tratado como uma pessoa não privada, pelo menos na opinião de Raskin, e, no segundo tipo, como alguém não individualizado, neste caso há uma despersonalização total do alvo da piada. Uma idéia abstrata, um credo, um mote ou slogan é que são difamados, embora a piada seja direcionada contra pessoas, cuja idéia ou slogan sejam difamados. Um exemplo de piada soviética dos anos 60: “No capitalismo, o homem explora o homem. No socialismo, acontece o inverso” (Raskin, 1985:229). Uma das suas tendências é ridicularizar o patriotismo, o que acaba levando a difamar toda uma sociedade.

Quanto ao segundo tipo de piada apontado por Raskin, as piadas expositoras, estas são classificadas da seguinte forma, conforme exponham:

a) traços nacionais

Esse tipo de piada se aproxima do humor étnico, diferenciando-se dele somente pelo fato de que o *script* principal é: o que o grupo nacional ou entidade nacional alvejados devem ser e a negação desse *script*.

Os traços aludidos podem envolver vários *scripts*: a *irreverência* e desrespeito a autoridade dos americanos, a *praticidade / racionalidade* dos judeus, a *estupidez* dos tártaros e a *obediência cega / hipócrita* dos russos etc. Como exemplo do primeiro caso, isto é, o desrespeito a autoridade dos americanos, há uma piada soviética da década de 50, citada por Raskin (1985:230):

Dois pilotos, um americano e outro britânico, estão atravessando o Atlântico e se aproximando das Ilhas Britânicas. "Acabamos de atravessar a costa britânica", disse o britânico com orgulho. "Que se dane sua costa!", responde o americano. "Estamos voando sobre Londres.", diz o britânico alguns minutos depois. "Que se dane sua Londres!", diz o americano. "E este é o Palácio de Buchingham. Nossa rainha mora aqui." "Que se dane sua rainha!", diz o americano. "Neste caso", explode o britânico, "que se dane seu presidente!" "Dane-se nosso presidente!", concorda o americano.

Acrescentamos aqui as piadas que envolvem os brasileiros como povinho, como exemplo (à medida que podemos recuperá-la da própria memória):

Na época em que Deus estava criando o mundo, um anjo observou: "Puxa Deus, não é justo que o Brasil seja tão privilegiado: país imenso, com clima tropical, sem neve, sem terremoto. Como pode?!" "É", responde Deus, "mas você não imagina o povinho que vai habitar toda essa maravilha!".

Se pensarmos no topos: "Cada povo tem o político que merece", podemos associar, indiretamente, tal piada à crítica a determinada concepção de política, talvez atribuída a um povo, como sugere Possenti (1998).

b) expressão política

Esse tipo de piada *expõe a natureza repressiva* de um regime, aludindo ao *script* reprimido de prisão e / ou terror. Sustentando-se primeiro no *script* largamente publicado (e também aludido) do regime livre e popular, nega-o em seguida. O exemplo a seguir expõe a natureza repressiva do fascismo: "Esta é nossa bela liberdade no Fascismo - tudo o que não é proibido é compulsório." (Larsen, 1980:54, apud Raskin, 1985:232).

Além disso, tais piadas podem *expor a falta de liberdade (freedom) política e de liberdade (liberties) civil*. Um exemplo vem da Alemanha Oriental da década de cinqüenta: "As bases da democracia socialista foram criadas quando Deus fez Eva e disse a Adão: 'E agora escolha você mesmo uma mulher'."

Soma-se a esses casos o *script* da liberdade / não liberdade de expressão. É interessante observar que esse *script* "incorporou a oposição padrão em que muitas piadas políticas são baseadas: uma pessoa deve dizer somente boas coisas sobre um regime opressivo e todas as suas manifestações e não a verdade sobre ele." (Raskin, 1985:234).

c) escassez

Decorrentes ainda de regimes políticos repressivos e hipoteticamente provedores das necessidades de sua população, tais piadas são baseadas no script da abundância e de sua realística negação. Vejamos um exemplo:

Alguns economistas eminentes da Alemanha Oriental são convidados pela África para modernizar a área do Saara. Nada muda no primeiro ano, nada muda no segundo. No terceiro ano, o Saara fica sem areia. (Larsen, 1980:85, apud Raskin, 1985:235).

d) situações políticas específicas

Piadas desse tipo são sempre alusivas : a alusão é normalmente um script enciclopédico particular, *evocando a situação comprometedor ou indesejável*. Aqui também pode haver combinações desse script básico com os vistos anteriormente (*script* difamador de um líder, de escassez, de repressão), resultando num uso alusivo da oposição a vida é boa / a vida não é boa, que caracteriza várias piadas políticas. Exemplificando:

Nancy Reagan insistia na livre distribuição de manteiga excedente do governo aos verdadeiramente necessitados. Ela dizia: "Mesmo estas pobres pessoas devem ter algo para mergulhar suas caudas de lagosta." (monólogo de Johnny Carson, NBC, fevereiro de 1982, apud Raskin, 1985:136).

Para entender esta piada, o ouvinte deve ter internalizada uma série de *scripts* correspondente ao conhecimento descrito a seguir:

- O governo está, realmente, distribuindo manteiga ao pobre;
- Os Reagans são freqüentemente descritos como ricos e amigos dos ricos;
- Caudas de lagostas são caras, e os pobres não as podem adquirir.

Além disso, não se pode deixar de lado a intertextualidade ligada à frase normalmente atribuída a Maria Antonieta (Viena 1755 – Paris 1793), esposa de Luís XVI, da França, dirigida ao povo que sofria de fome: "Na falta de pão, que comam brioche."

Essas alusões, ligadas a uma época e local determinados, fariam um chiste falhar se desconhecidas pela audiência ou pelo leitor.

Raskin conclui que, embora novas situações políticas introduzam novos scripts e criem novas piadas, seus tipos e princípios básicos permanecem os mesmos. Com certeza, essa afirmação se adaptará à nossa análise.

Finalizando esse assunto sobre piadas combinatórias, isto é, aquelas em que pode haver combinação do *script* básico de uma situação indesejável com outros scripts, como o da escassez, da repressão etc., Raskin (1985:237) observa que tais piadas "são intercambiáveis de país a país e de regime a regime, conforme as mesmas variedades de traços indesejáveis caracterizem o alvo." O mesmo ocorre em relação aos textos longos de humor<sup>4</sup>.

Na verdade, todas as piadas e textos de humor que envolvem política desejam

4. Embora nossa análise se limite a um caso apenas, tivemos ocasião de comprovar tal afirmação na tese de doutorado recém-defendida.

criticar, difamar seu alvo, seja por questões éticas ou morais, ou por vingança, ou por puro prazer, ou por quantas formas houver de classificar o humor.

### **Uma prática do tema de crítica à mentira**

Um texto ímpar em relação ao tema de crítica à mentira é o *Vade Retro PC* (traduzido para o nível popular de linguagem, seria: "Se mande, PC"), sobretudo em relação ao último parágrafo. Após todas as acusações contra Collor e Paulo César Faria (conhecido por PC), apontadas pela CPI, aquele negou que estivesse mantendo contato com seu chefe de campanha. Esta afirmação foi certamente considerada mentirosa por todo o mundo. E é exposta de maneira engenhosa, neste trecho, que, neste sentido, pode ser considerada um exemplo típico de ironia, se esta for definida como o faz Ducrot, já visto: um locutor põe um enunciador em cena, e os enunciados são atribuídos a ele; ou seja, o locutor não assume tais pontos de vista. Podem ser assim compreendidos enunciados como "uns jamais o viram" (são eles que o dizem...) outros o viram uma ou duas vezes (são eles que o dizem...) outros mal passaram por ele etc. São particularmente interessantes os depoimentos (e de fato fornecidos mais ou menos nestes termos, embora mais detalhadamente, à CPI) atribuídos pelo locutor ao *dr. Ermírio*, o do *dr. Odebrecht*, o da *dona Zélia*<sup>5</sup>, que com ele tiveram (teriam tido...) negócios de monta, o que supõe alguma forma de contato. Mais interessante ainda, numa escala de possíveis mentiras, é a atribuição irônica de uma voz ao presidente Collor, que, embora PC tenha sido seu chefe de campanha, declara que nunca mais o viu depois da posse. Entra aqui o par de *scripts* opostos pessoa conhecida / desconhecida, ao lado do da honestidade / desonestidade, é claro, como responsáveis pela interpretação do humor. A palavra volta em seguida ao locutor, que, em tom exclamativo, explicita todo seu espanto em passagens como *Porém o mais estranho no PC só agora se desvenda*, ou ainda *Repito, que estranho esse PC!*. O jogo consiste no fato de que o locutor faz de conta que aceita a palavra de todos os implicados com PC de alguma forma, e passa a considerar, assim, que este é que é estranho. Os outros são apenas ingratos. É claro que, para apreender o efeito de humor, ou de ironia, o leitor deve dar-se conta de que provavelmente deve ler o texto assim: todos eles estão mentido, PC não é nada estranho (só o seria se eles tivessem dito a verdade e se o fim dos contatos tivesse dependido dele). Se bem que o final do texto é suficientemente explícito para nem cobrar do leitor espertezas excepcionais. Ao assumir que todas essas personagens, sobretudo Fernando Collor, são ingratas, o locutor deixa claro que não acreditou em nada do que elas declararam. Que, no fundo, estão todos abandonando PC a sua sorte.

---

5. Cremos dispensável esclarecer a quem tais nomes se referem.

## **Conclusão**

Concluindo, esse trecho pode ser lido, portanto, como uma crítica mordaz à falta de ética, abrangendo sobretudo a mentira, tema comum no humor político, de acordo com Possenti (1998).

É evidente a conveniência de considerar a análise do texto de humor, sobretudo político, dentro de um quadro teórico semântico e discursivo-enunciativo, abarcando, de forma especial, a polifonia. Outra observação é quanto à força argumentativa de conscientização e denúncia desse texto, ironicamente revelador de um mundo de interesses pessoais e corrupção.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DUCROT, O. (1987) *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes.

FREUD, Sigmund (1905) *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

MAINGUENEAU, D. (1993) *Novas tendências em análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes.

RASKIN, V. (1985) *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht, Reidel.

\_\_\_\_\_ (1987) *Linguistic heuristics of humor: a script-based semantic approach*. International journal of the sociology of language, 65 : 11-25.

SOARES, Jô. (1992) *Humor nos tempos do Collor: Jô Soares, Veríssimo e Millôr Fernandes*. Porto Alegre: L&PM.

POSSENTI, S. (1998) *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas Campinas*, Mercado de Letras.

## **ANEXO**

## MILHÃO

23/7/92

## Vade retro, PC

Que espantoso esse personagem! Eu seria um homem estressado com um só dia de sua labuta. E olhem que sempre trabalhei muito, às vezes excessivamente. Me boquiabre o esforço incessante de PC para obter mais e mais — 10 milhões hoje, mais 20 amanhã, até atingir, no exiguo prazo de dois anos, um bilhão e meio. Estou falando de dólares. Camargo Correia, Ermírio de Moraes e o doutor Marinho, pra chegar perto disso, gastaram 50 ou 60 anos de trabalho e de expertise (viram com que finura evitei o esperteza?). Eu, menos esperto-esperto do que todos eles, em 54 anos de trabalho — com a sorte de emplacar grandes sucessos numa das fontes mais generosas do trabalho intelectual, o teatro — tendo hoje um patrimônio de aproximadamente um milhão (de cruzeiros!) mensais de aposentadorias e, também aproximadamente, um milhão (de dólares) em bens. E olhem que, só com isso, possuo tudo que é invejável — apartamento na V. Souto, estúdio na

General Osório, e este poderoso PC (!) 486 que vos fala. E chega, e basta, e não preciso mais.

Toda fortuna, a partir de meia dúzia de milhões de dólares, ultrapassa qualquer ambição pessoal, mesmo a mais desmedida, e entra na perigosa e doentia área do poder. E aí o céu, e a neurose, são os limites.

Porém o mais estranho no PC só agora se desvenda. Lidando em tantas áreas, fazendo, desfazendo, ordenando, comandando, comprando e vendendo bens e almas, ele era absolutamente desconhecido ou... invisível. De todos os interrogados na CPI, uns jamais o viram, outros o viram uma ou duas vezes, outros mal passaram por ele, um o viu numa festa, o dr. Ermírio parece que o viu mas não se lembra, o dr. Odebrecht acha que ele é alto e louro, dona Zélia nem sabe se é careca. E o próprio presidente, que entregou a ele toda a sua campanha e parte fundamental de sua vida financeira, jamais o viu depois que tomou posse. Repito, que estranho esse PC! E constato — que ingratos todos, sobretudo esse Fernando!

ENGROSSAR  
O ENTRA  
PRA ETÁ!

NÃO PURO DIZER NADA, NÃO, MAS, SE A COISA CONTINUAR A ENGROSSAR  
DESS JEITO, O COLLOR É BASTANTE HOMEM PRA FICAR POR LÁ.





## **“LA EDUCACION INFANTIL, UNA PROMESA DE FUTURO”**

JOSE JUAN AMAR AMAR\*

### **RESUMEN**

*El presente ensayo recopila una importante cantidad de hechos científicos que demuestran la importancia de los primeros siete años de vida en el desarrollo humano, y destaca el valor que se le asigna a la educación infantil como factor clave en la potencialización del ser humano en distintas dimensiones, tales como la psicológica, emocional, cognitiva, comunicativa, estética y otras, demostrando que nunca es demasiado temprano para aprender.*

*Después de estos antecedentes conceptuales el autor describe, con base en datos oficiales, lo que significa ser niño en América Latina y el Caribe, donde aproximadamente el 50% de ellos viven en condiciones de pobreza; y concluye con una propuesta educativa adaptada a las condiciones en que viven estos niños y que se denomina “Hogares Comunitarios de Bienestar”, que fue desarrollada por la Universidad del Norte durante 20 años y cuyos elementos técnicos sirvieron de base para un programa nacional que hoy atiende a un millón quinientos mil niños.*

**PALABRAS CLABES:** niños carentes – programas de ayuda – hogares comunales

### **ABSTRACT**

*This essay puts together a great number of facts that shows the importance given to the first seven years of life on human development, and puts up the importance that must be given to the children's education as the key for the potenciality of human being in determined areas such as the psychology one, the emotional one, the cognitive one, the comunicative one, the esthetic one, and others.*

*After these concepts are given, the author comes to a description, based in real facts, on the meaning of being a child in Latin America and Caribe, where about 50% of the children live under poor and bad conditions of life; then he proposes an educational system adapted to the real living conditions of these children named “Confort Community Centers”. These Centers were developped by the University of North (Colombia) for 20 years. Based on these technical elements a national program was created and now it helps a million and five hundred children.*

**KEY WORDS:** children in poverty state, help programs, community houses

Hasta hace muy pocos años en la mayor parte del mundo había un profundo desconocimiento y una falta de interés enorme por lo que ocurriera en los primeros años de vida. Incluso cuando se hablaba de derecho a la educación, se pensaba que ésta se iniciaba en la educación primaria como si antes de esta edad los niños no existieran.

---

\* Psicólogo - Universidad de Chile , Ph. D. con grado mayor en Psicología Social, Columbia Pacific University, Decano de la División de Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad del Norte – Barranquillas, Colombia

Gracias en gran medida a la Psicología, la educación de los primeros siete años empezó a cobrar importancia. Podemos decir que a Sigmund Freud se debe, en gran medida, el haber iniciado una serie de trabajos que le permitieron inferir que las experiencias tempranas eran las más significativas en la formación de la persona. Hoy, la Psicología nos ha entregado suficientes conclusiones para demostrar que, desde la concepción hasta los ocho primeros años de vida, ocurren una gran cantidad de fenómenos fundamentales para nuestro desarrollo bio-psicológico. En el plano del desarrollo intelectual, los trabajos de Piaget, que explican el crecimiento de la inteligencia y las demás características de las distintas etapas del desarrollo del pensamiento, han sido básicos para establecer las diferencias entre el ser niño o adulto. También han sido importantes los trabajos de este autor y colaboradores sobre la formación del juicio moral, y el papel que en este campo juegan las primeras interacciones del niño con los adultos. Es importante también citar los estudios longitudinales del psicólogo Bloom, quien llegó a la estimación de que el 50% del cociente de inteligencia total podrá ser predicho a la edad de 4 años y un 30% entre los 4 y 8 años, demostrando que las curvas de crecimiento mental suben rápidamente en la primera infancia, para alcanzar una posición casi horizontal al término de la adolescencia. También han sido importantes los trabajos de Howard Gardner sobre inteligencias múltiples, que demuestran la inmensa ventaja cuando se desarrollan los tipos de inteligencia en los primeros años. Además, los estudios sobre nutrición y desarrollo infantil de Ernesto Pollit, Mora, Nelson Ortiz y otros autores, nos muestran datos relevantes sobre la relación entre nutrición y peso de la corteza cerebral, desarrollo cognoscitivo, interacción social y desarrollo afectivo. Todos los estudios coinciden en que los niños que han sufrido desnutrición grave y crónica en la primera infancia, poseen problemas en su función cognoscitiva y el progreso en la escuela se hace amenazante. Hoy también se sabe que la adquisición de la identidad psicosexual se logra casi totalmente en estos primeros siete años. Igualmente, para la formación del autoconcepto y las habilidades de interacción social, son cruciales las experiencias en la edad infantil.

En las últimas décadas especialmente, la Biología y la Psicología nos han sorprendido con nuevos descubrimientos sobre el valor de ser niño y el papel activo que ellos tienen para autoimpulsar su propio desarrollo. Al respecto se señala que hoy se sabe que los niños están activamente involucrados en la conformación de su propio desarrollo exactamente desde el día de su nacimiento, e incluso antes de eso. Los niños de diez días de edad ya son capaces de imitar expresiones faciales y por medio de ello, de modelar el comportamiento de las personas que los cuidan. Un simple experimento de Brazelton demuestra cuán fuertes son los lazos con los cuales los niños atrapan a sus padres. En la así llamada 'cara quieta' se instruye a los padres para que mantengan sus caras inmóviles cuando miran a sus niños de dos semanas durante unos pocos minutos. Los niños no esperan que esto se haga crecientemente desagradable. Más notable, sin embargo, es que muchos padres no pudieron mantener sus caras quietas durante el tiempo requerido: sucumbieron a la

presión de sus hijos.

También a un nivel más sutil, los niños manifiestan control sobre su medio ambiente: actualmente hay evidencias substanciales de que las madres que amamantan a sus hijos 'a solicitud' de ellos no quedan embarazadas mientras están lactando a sus bebés, en contraste con las madres que lo hacen con un horario fijo. Aparentemente el primer tipo de bebé estimula en la madre la liberación de una hormona que suprime la fertilización. Haciendo esto, estos bebés realmente promueven un espaciamiento, un proceso que aumenta sus oportunidades de vida (Garfield, 1986). Así lo confirmó J. Cyril en su intervención en la Conferencia Mundial (1990): «Aunque totalmente dependientes de los encargados de prestarles atención inmediata, todos los niños de pecho están equipados desde el mismo momento del nacimiento con una amplia gama de capacidades que les facilitan tanto la supervivencia como un desarrollo sano»<sup>1</sup>, ya que a los 6 años el cerebro estará formado en un 90%.

Cuando los niños se hacen mayores, la fortaleza de su capacidad de «aprendizaje auto-generado» aumenta, y con ella la calidad de las señales que ellos producen. La experiencia con las así llamadas «líneas telefónicas de niños» muestra, por ejemplo, cuán capaces son los niños de analizar situaciones complejas, bastante adultas y de ofrecer soluciones (Cytrynbaun, 1987).

Otro hecho importante de los descubrimientos de los últimos años, es el trabajo de Gamble y Zingler (1986), donde se «dan algunas claves en cuanto a lo que pueda suceder con el carácter psicológico de los niños que han sido expuestos a excesivas privaciones. Ellos argumentan que de los subsistemas que los niños emplean para su funcionamiento social, emocional e intelectual, la inteligencia es la más resistente al impacto del medio ambiente. Es probable que las habilidades cognoscitivas de los niños permanezcan intactas incluso cuando las cosas se hacen bastante difíciles y ásperas para ellos durante un largo tiempo. Sin embargo, la personalidad, motivación y actitudes son más fáciles de ser modificadas o influenciadas. Los niños que han sufrido bastante pueden perder la esperanza, su curiosidad, su confianza en los adultos o en los otros niños. Estos subsistemas quizás son incluso más importante que la inteligencia ya que determina la autoconfianza y el autoconcepto del niño. Los niños con imágenes dañadas de sí mismos no es probable que confíen siquiera en sus propios instintos»

Estos y otros múltiples datos permiten afirmar, en sentido figurado, que todas las bases del diseño humano se logran en los siete primeros años de vida, por lo que es imperioso asegurar no sólo su nutrición y su salud, sino también una excelente calidad de experiencias, especialmente relaciones con otros niños y con adultos, porque lo que no se hace en esa edad produce pérdidas que probablemente difícilmente se puedan superar.

Todos estos estudios muestran que los primeros años de vida del niño, desde

---

1. CYRIL, J. Dalais. La Aportación de los adultos en los infantes durante la primera infancia. p.p. 119-130. En: La educación infantil: una promesa de futuro. Madrid: Fernández ciudad S. L., 1992. p. 20.

su fecundación hasta los 7 años de edad, son la base para un crecimiento sano y equilibrado. Es un periodo caracterizado por un rápido crecimiento y por cambios producidos por su interacción con el entorno. "Estas influencias pueden ser positivas o negativas determinando en gran medida cómo será el futuro alumno, el futuro adulto, las futuras generaciones y la sociedad"<sup>2</sup>.

La infancia no tiene una segunda oportunidad. Un niño con buena salud, bien nutrido, con interacciones positivas con sus padres y personas cercanas y con ambiente que favorezca su crecimiento y su aprendizaje será un bien que le favorecerá toda la vida. Al contrario, cuando estos no se dan, su impacto negativo lo limitará en todo su ciclo vital.

Las investigaciones demuestran que, por ejemplo, los déficit intelectual se convierten en acumulativos ya que "los niveles actuales y futuros del desarrollo intelectual están condicionados y se ven limitados por los niveles previos de desarrollo alcanzado"<sup>3</sup>.

Los niños con déficit existentes en los que se haya incurrido debido a las privaciones pasadas tendrá menos posibilidades de evolucionar hasta alcanzar niveles nuevos y más avanzados de estímulos derivados del entorno, aún en el caso de proporcionarlos dicho entorno.

Pero aparte de estas consideraciones centrales en el desarrollo humano, los organismos internacionales y, especialmente, las Naciones han evaluado una serie de datos de naturaleza socioeconómica que han permitido que la infancia en algunas naciones pase a ser parte de las políticas públicas.

Al respecto, el valor social y económico de la atención integral a la infancia puede ser obtenido de una fácil deducción basada en lo que se conoce del impacto generador que tiene una persona cuando su desarrollo físico, cognoscitivo, emocional y social está en mejores condiciones de contribuir al desarrollo de su sociedad, que otra que no lo esté. Existen suficientes evidencias investigativas que indican que las naciones con una mayor productividad y con reducción de costos, son producto de un mejor desarrollo de los niños durante los primeros años de vida.

Según Robert Myers, la cadena causas-efectos sigue más o menos el esquema siguiente: «la asistencia y educación durante la primera infancia mejora las capacidades tanto físicas como mentales afectando a la tasa de matrícula, avance y rendimiento de los niños durante la escolarización. La escolarización se asocia a cambios importantes en las habilidades (para obtener y utilizar conocimientos) y capacidades de visión (como por ejemplo la capacidad para influir sobre el propio futuro) que a su vez afectan a la capacidad tecnológica y de adaptación y a la productividad económica tanto en el sector industrial como en el agrícola o de servicios»<sup>4</sup> (Rogoff, 1980; Grawe, 1979; Lockheed, Lau y Jamison 1980; Colclough,

2. POWER, Colin. La educación infantil como parte de los sistemas educativos. En: La Educación Infantil, una promesa de futuro. Documento de un debate. Fundación Santillana. Madrid: Fernández Ciudad. VI Semana Monográfica (diciembre de 1991a)

3. POWER, Colin. La educación infantil como parte de los sistemas educativos. En: La Educación Infantil, una promesa de futuro. Documento de un debate. Fundación Santillana. Madrid: Fernández Ciudad. VI Semana Monográfica (diciembre de 1991b)

1980).

Otra forma de ver el valor económico de la atención integral a la infancia es mediante el ahorro en los costos, reduciendo las pérdidas laborales, disminuyendo la posterior necesidad de programas de asistencia o bienestar social, rebajando los costos de la sanidad y mejorando la asistencia de los sistemas educativos mediante reducciones en las tasas de repetición y de abandono de los estudios antes de tiempo (Galinsky, 1986; Berruta-Clement, y otros, 1984; Ministerio da Saude, 1983; Myers, 1990).

De hecho, en países industrializados como los Estados Unidos de Norteamérica, existen estudios donde se demuestra que por cada dólar que el Estado deja de invertir en las personas en sus primeros años de vida, debe invertir posteriormente tres dólares.

1 CYRIL, J. Dalais. La Aportación de los adultos en los infantes durante la primera infancia. p.p. 119-130. En: La educación infantil: una promesa de futuro. Madrid: Fernández ciudad S. L., 1992. p. 20.

2 POWER, Colin. La educación infantil como parte de los sistemas educativos. En: La Educación Infantil, una promesa de futuro. Documento de un debate. Fundación Santillana. Madrid: Fernández Ciudad. VI Semana Monográfica (diciembre de 1991a)

3 POWER, Colin. La educación infantil como parte de los sistemas educativos. En: La Educación Infantil, una promesa de futuro. Documento de un debate. Fundación Santillana. Madrid: Fernández Ciudad. VI Semana Monográfica (diciembre de 1991b)

4 MEYERS, Robert. La generalización de la educación durante la primera infancia. P.P. 39-45. En: La educación infantil, una promesa de futuro. Fundación Santillana. Madrid: Fernández ciudad. 1990, p. 45.

Otro factor económico clave para mirar el valor de la atención integral al niño es lo relacionado con las tasas de rentabilidad. Al respecto, el estudio, muy conocido, de Psacharopoulos citado por Barker (1981) utilizando datos obtenidos de un gran número de países en desarrollo, refleja que las tasas de rentabilidad privada proporcionan una media del 29% para la enseñanza primaria, del 19% para la secundaria y del 24% para la enseñanza superior. Como contraste, las tasas de rentabilidad social proporcionan un 27% para la enseñanza primaria, un 16% para la enseñanza secundaria y sólo un 13% para la enseñanza superior.

El autor llega a la conclusión que dichas cifras tienen claras implicaciones políticas. Debería concederse la máxima prioridad a la atención a nivel infantil y educación primaria como forma de inversión humana.

Aparte de estas consideraciones, las grandes transformaciones económicas y sociales que se han ido extendiendo y profundizando, han convertido a la educación infantil como un elemento clave, especialmente en los sistemas educativos de los países industrializados hasta el punto de que ya forma parte estable del sistema educativo.

---

4. MEYERS, Robert. La generalización de la educación durante la primera infancia. P.P. 39-45. En: La educación infantil, una promesa de futuro. Fundación Santillana. Madrid: Fernández ciudad. 1990, p.

En América Latina recién se están dando cuenta que la educación cada vez mas precoz de los niños es una de los cambios radicales de la cultura humana y responde al anhelo de ofrecer a todos una igualdad de oportunidades en su vida desde bases cada vez mas sociales con el convencimiento de que cuando más temprana sea la intervención educativa, mayor será la calidad de vida de los niños.

En Europa 75 de cada 100 niños de 3 años de edad en adelante frecuentan actualmente instituciones de educación infantil y la conocida frase del pedagogo Boris Witkin, según la cual “nunca es demasiado temprano para aprender; se ha llegado a extremos increíbles como el ‘Betler Babies Institute’ de Estados Unidos de Norteamérica, donde niños anteriores a los 3 años hablan japonés, tocan violín, identifican cuadros de grandes pintores y manejan con soltura el ordenador para hacer cálculos”.

### **La educación infantil en América Latina**

A pesar de estos datos sorprendentes sobre el papel que la educación puede desempeñar en los primeros años de vida, ser niño en América Latina y el Caribe es muy diferente. Se calcula que desde el año dos mil, 19 de 20 nacidos sobreviven en el primer año de vida, pero aproximadamente el 50% de los que sobreviven lo hacen en condiciones de pobreza que los pone en riesgo permanente de dañar su desarrollo físico, mental, social y emocional, y a pesar de que se ha demostrado que estos niños tienen elevadas capacidades de resiliencia, quinientos mil de ellos mueren anualmente antes de cumplir cinco años de vida y millones de ellos son privados de su derecho a un desarrollo sano y normal, y si logran sobrevivir, lo más probable es que tengan una vida sin gratificaciones y sin opciones de ser socialmente útiles.

En América Latina, desde la década del 70, se inició el fin de las políticas distribucionistas, con una reducción significativa del gasto público en el área social, afectando severamente las políticas sociales básicas, un ejemplo de esta situación es que, según Unesco, hace 20 años en promedio las naciones latinoamericanas y del Caribe destinaban 100 dólares por habitante para la educación y hoy sólo destinan aproximadamente 60 dólares.

A pesar de esta situación, algunos gobiernos y ONGs han desarrollado en la región interesantes programas. Así en la última década, en América Latina, al hacer frente al problema de la infancia han prevalecido dos orientaciones: una, hacia los niños de los sectores económicos medio y alto, con un enfoque de tipo educativo centrado en metodologías relativamente divergentes, especialmente de Dewey, Montessori y Piaget, que, en cierto modo, hacen énfasis en escuelas pequeñas con estructura abierta en las cuales el niño se movería libremente, y construiría su propia experiencia de aprendizaje, partiendo de actividades y materiales que despertaran su interés, recogiendo los preceptos de Froebel sobre el valor que tienen las actividades lúdicas como la fase más elaborada del desarrollo infantil.

Otra, es el enfoque que ha estado dirigido a los millones de niños que constituyen la amplia franja de la pobreza y cuya existencia se debate en un alto riesgo de vida

por la serie de carencias para satisfacer necesidades básicas como la alimentación, la salud y la vivienda, en un ambiente precario, caracterizado por el hacinamiento en los domicilios, la carencia de servicios públicos elementales, ingresos familiares insuficientes, pésimas condiciones de higiene, y con nulas o escasas oportunidades educativas.

Para estos millones de niños ha prevalecido un enfoque médico del problema, que se centra en la lucha por la sobrevivencia y desarrolla programas tendientes a satisfacer las necesidades básicas, especialmente salud y nutrición.

Es probable que ninguno de estos enfoques, tanto aquel que se reduce a la lucha por la sobrevivencia, como el que se enmarca en el círculo material y afectivo de la familia para extenderse luego a instituciones escolares formales, responda adecuadamente a nuestra realidad.

Por esto, desde 1976, la Universidad del Norte de Barranquilla, en asociación con el Gobierno colombiano y con la ayuda técnica y financiera de la Fundación Bernard van Leer de Holanda, iniciamos un proyecto de atención integral al niño con un enfoque diferente: «Percibimos al niño inmerso en un sistema cambiante de múltiples relaciones que conforman su espacio vital»<sup>5</sup>. Por tanto, lograr una visión integral de la atención a la infancia no puede reducirse a satisfacer necesidades básicas como salud y nutrición. Tampoco basta actuar sobre el círculo de sus padres o de su centro infantil. «Es necesario también incidir masivamente sobre la sociedad en general para formar una conciencia colectiva que respete y practique los derechos del niño, y que lo reconozca como persona en proceso de formación, con una lógica propia para mirar el mundo que lo rodea, con necesidades y expectativas que no sean equivalentes a las del adulto»<sup>6</sup>.

Por eso, estudiando la inmensa experiencia de la Fundación Bernard van Leer en diversas partes del mundo, llegamos a la conclusión de que el problema de la atención a la infancia debería ser concebido como un proyecto político, de tal manera que, partiendo de una comunidad, pudiéramos ir diseminando la experiencia con el fin de incidir en el conjunto de la vida nacional.

Podemos decir que la experiencia de lo que denominamos «Proyecto Costa Atlántica» sobrepasó todas nuestras expectativas. Partimos de una serie de principios básicos, de los cuales los más importantes son los siguientes:

a) *Una educación integral del niño que propenda hacia el cambio total de su condición de vida.*

b) *La mayor influencia educadora debe basarse en la participación de la familia, especialmente los padres como agentes educativos de sus propios hijos.*

c) *El desarrollo de los niños debe verse como parte fundamental del desarrollo de su comunidad, por medio de la organización, la participación y la autogestión para transformar sus condiciones adversas del vida.*

d) *Liberación de las potencialidades de los padres y la comunidad para crear cultura alrededor de las necesidades e intereses de los niños.*

---

5. UNICEF, «Ajuste con rostro humano», Madrid, Siglo XXI Editores, 1987.

6. *Ibídem.*

e) *Dejar en las comunidades locales el poder para decidir sobre las orientaciones de sus propios hijos.*

f) *Relacionar la educación de la infancia como parte importante de un proyecto nacional.*

Nuestra experiencia es muy amplia, y no es la intención contarla en detalle. Digamos solamente que el resultado del desarrollo de este proyecto fue asumido por el Gobierno colombiano, y lo que empezó en una comunidad con 60 niños, después se amplió a 6 comunidad, de allí a 127, y hoy, el Gobierno, mediante el Instituto Colombiano de Bienestar Familiar, retomó sus principales componentes para brindar atención a un millón y medio de niños, con la participación de aproximadamente 120.000 madres comunitarias, lo que constituye el programa de “Hogares Comunitarios de Bienestar”, que es una de las experiencias más exitosas en América Latina.

Sin embargo, deseamos en este artículo referirnos a sólo a los aspectos que hemos aprendido sobre el desarrollo del niño y el papel de los adultos en su formación.

### ***El Programa de Hogares Comunitarios de Bienestar***

En las últimas décadas se han planteado numerosas estrategias que tratan de satisfacer las necesidades de los niños en sus primeros años. Se ha dado mucho énfasis —sin mayor justificación— a las virtudes de la preescolaridad formal como un medio de contrarrestar los efectos perjudiciales de la pobreza o para crear un ambiente propicio en los primeros años de vida. Tanto los centros de educación preescolar como las guarderías son extremadamente costosos, y necesitan de un adulto por cada 15 ó 20 educandos, instalaciones fijas y equipamiento. Una cobertura a nivel nacional estaría fuera de las capacidades económicas de la mayoría de los países, aunque fuera la fórmula que más se adecuara a sus necesidades.

Existe, por tanto, la necesidad de encontrar otras posibilidades alternativas basadas en un entendimiento de las necesidades reales de los niños en sus primeros años, y de cómo éstas pueden ser satisfechas de manera efectiva, sin necesariamente comprometerse en el establecimiento de modelos formales. Estos modelos formales, basados en instituciones específicas, son, en cualquier caso, frecuentemente importados de otros lugares y mal adaptados a las condiciones particulares de muchos países del Tercer Mundo.

Su efectividad en estos medios deber ser aún demostrada. Se basan normalmente en materiales de aprendizaje estandarizados y en principios culturales que pueden no tener relación con los estilos de vida característicos de las comunidades pobres.

En consecuencia, se trata más bien de un proceso que asegura que el niño logre el bienestar físico, social y mental a través del fortalecimiento de las familias, y especialmente de los padres, en su tarea educativa.

Para nosotros ha sido fundamental partir con una educación infantil no tradicio-

nal a la que llamamos Hogares Comunes del Niño (H.C.N.) y que el Gobierno colombiano asumió con el nombre de Hogares Comunes de Bienestar.

El Hogar Comunitario del Niño (H.C.N.) es un proyecto específico que resulta de un proceso de promoción comunitaria que tiene como base la búsqueda de alternativas de solución a las diferentes y complejas necesidades sentidas del niño y la familia.

El Hogar Comunitario del Niño es la forma como se organiza una comunidad y se integra en torno a la solución de problemas comunes, tales como las necesidades del niño, con el objeto de darles una respuesta colectiva. Es la actitud de las personas, las familias y las comunidades ante su futuro más tangible: los niños. Es la actitud de construir, hoy, el mañana, gracias a pequeñas, pero cada vez mayores acciones de tipo colectivo; es la actitud de ir forjando, desde ahora, las soluciones de grupo que exige cada sociedad del mañana, menos individualista y más participativa.

Por eso, cuando se mencionan los Hogares Comunitarios del Niño, no se hace referencia a un espacio físico (casa, escuelas, hogar, etc.), sino simplemente a una condición, situación o más bien, al resultado del proceso comunitario, mediante el cual una casa y hogar (conglomerado, población o grupo extensivo) se organiza e integra (en referencia al término comunal) para hacer frente a los problemas de los niños y sus familias.

Las necesidades del niño y la familia son complejas. Son multisectoriales, porque se refieren a diversos sectores del desarrollo, tales como: educación, salud, seguridad social, ingreso y empleo, etc. Al trabajar por un Hogar Comunitario del Niño no se está impulsando únicamente un centro de atención al menor, sino que, más propiamente, se trabaja con la comunidad para intervenir positivamente sobre sus necesidades más apremiantes. El Hogar Comunitario del Niño es, entonces, un punto de unidad e integración; un gran motivo para enfrentarse socialmente a los hechos.

El proceso de promoción comunitaria del niño y las familias es, precisamente, el conjunto de acciones sistemáticas que agrupan a una comunidad e induce métodos y mecanismos operativos que la conduzcan al logro de mejores condiciones de vida. Este proceso lleva a múltiples proyectos específicos relacionados con los sectores de desarrollo que se encuentran más deprimidos en dicha sociedad y que estén relacionados con las necesidades del niño y la familia. El Hogar Comunitario del Niño es uno de los proyectos específicos, el más importante de ellos, porque surge cuando la promoción comunal pasa de ser una actitud a un proyecto concreto de atención integral al menor con participación de todos los involucrados.

Esta modalidad exige unas condiciones educativas diferentes a las tradicionales. Los padres de un barrio se reúnen y eligen a las madres que educarán a los hijos en sus casas. A cada hogar seleccionado asisten 15 niños. Allí satisfacen sus necesidades de salud, nutrición, educación y desarrollo psicoafectivo. El gobierno asume ciertas funciones de apoyo que no están al alcance de las comunidades, por ejemplo: capacitación, pautas para la nutrición, entrega la dirección a una Junta Administrativa elegida por la comunidad para la captación y administración de los

recursos.

La base del proceso es la organización de la comunidad; cuando se organizan no sólo crean la conciencia sobre las necesidades de sus hijos y cómo responder a ellas, sino que pueden también generar formas de organización que tienen un carácter permanente y que pueden sustituir después de cualquier intervención especial para ponerlos en marcha. El sostenimiento de estos grupos de padres es vital para permitir que aquellos que se sientan despojados de sus derechos no sean desengañados una vez más.

Al final, la acción de la comunidad es probablemente el único medio viable para el establecimiento de formas de organización convencionales. Sin embargo, las comunidades preocupadas para ayudar a sus niños, como en el caso de Colombia, pueden, por ejemplo, unirse para crear opciones nuevas en una educación y atención inicial no formal que esté de acuerdo a las realidades de la comunidad local.

### **CITAS BIBLIOGRAFICAS**

CYRIL, J. Dalais(1992) *La Aportación de los adultos en los infantes durante la primera infancia.* p.p. 119-130. En: *La educación infantil: una promesa de futuro.* Madrid: Fernández ciudad S. L., p. 20.

MEYERS, Robert(1990) *La generalización de la educación durante la primera infancia.* En: *La educación infantil, una promesa de futuro.* Fundación Santillana. Madrid: Fernández ciudad. p. 45.

POWER, Colin(1991) *La educación infantil como parte de los sistemas educativos.* En: *La Educación Infantil, una promesa de futuro.* Documento de un debate. Fundación Santillana. Madrid: Fernández Ciudad. VI Semana Monográfica

POWER, Colin(1991) *La educación infantil como parte de los sistemas educativos.* En: *La Educación Infantil, una promesa de futuro.* Documento de un debate. Fundación Santillana. Madrid: Fernández Ciudad. VI Semana Monográfica

UNICEF(1987) «*Ajuste con rostro humano*», Madrid, Siglo XXI Editores, 1987a.

UNICEF, (1987)«*Ajuste con rostro humano*», Madrid, Siglo XXI Editores.

VAN OUDENHOVEN, Nico (1990): *La educación: una promesa de futuro.* Madrid: Fundación Santillana.

## **SONDANDO "AS ORIGENS DA VIRTUDE", AS ORIGENS DO COMPORTAMENTO SOLIDÁRIO, COM MATT RIDLEY**

### **RESENHA BIBLIOGRÁFICA**

*Sérgio Hayato Seike\**

Quem de nós tem a coragem de assistir a uma necropsia? É difícil saber, mas certamente muitos optariam por não a presenciar se lhes fosse dada a possibilidade da escolha. Para grande número de pessoas, é demasiado impressionante, ou repugnante ver um ser humano como nunca o vira antes, com as entranhas expostas. Porém, pode haver algo no homem mais chocante ainda do que nossos órgãos internos: o âmago dos nossos comportamentos, exposto pela dissecação contundente que nos proporciona a biologia evolutiva.

A grande efervescência intelectual e passional, detonada há 150 anos por Charles Darwin, foi, com o passar do tempo, amainada nos meios acadêmicos pela aceitação geral de sua teoria. Desde então, o foco das atenções voltou-se mais ao refinamento e ao estudo da abrangência do processo de evolução por seleção natural, do que propriamente à sua comprovação. Um dos pontos mais polêmicos gira em torno da unidade, do objeto da seleção natural. Por certo tempo, o impasse esteve dividido entre os que defendiam que a seleção natural atua sobre o grupo e os que argumentavam ser sobre o indivíduo (conhecidas, respectivamente, como seleção de grupo e seleção individual). V.C. Wynne-Edwards, defensor da primeira hipótese, escreveu em 1962 que grupos compostos por indivíduos que agissem para o bem coletivo, por exemplo, limitando a sua própria reprodução de tal forma a resguardar os recursos comuns do esgotamento, levariam vantagem sobre grupos que não o fizessem. Pouco depois, porém, W.D. Hamilton e C.G. Williams, em publicações independentes, abalariam essa teoria de forma quase definitiva. O argumento utilizado por eles, da sobrevivência diferencial de alelos gênicos dentro das populações, implica em dizer, de forma simplificada, que a seleção natural age sobre os indivíduos muito antes de agir sobre o grupo como um todo. Em outras palavras, características benéficas ao indivíduo seriam selecionadas antes de características benéficas ao grupo. Aplicando esta teoria ao exemplo anterior, indivíduos que possuíssem a característica de se reproduzirem muito, acabariam dominando o grupo com seus descendentes, que também teriam esta característica, não permitindo a formação de grupos compostos por indivíduos de baixa procriação, como os imaginados pelos defensores da seleção de grupo.

O resultado do debate pendeu fortemente a favor da seleção individual, ao menos como mecanismo geral. Mas, para seus partidários ortodoxos, pareciam per-

---

\* Mestre em Ciências Biológicas (Ecologia) e professor das Faculdades Padre Anchieta.

sistir ainda alguns antigos percalços. Por que abelhas operárias sacrificam a própria vida para defender a colmeia? Por que salmões entregam toda a energia que possuem, ao custo de suas vidas, no ato derradeiro da reprodução? O argumento de que o indivíduo se beneficia destes comportamentos não se sustenta, pois o indivíduo morre. Procurar situar esses e outros fenômenos semelhantes dentro do quadro da seleção individual foi razão de noites maldormidas de muitos evolucionistas.

No entanto, a nova linha de pensamento surgida do argumento genético utilizado por Williams e Hamilton e definitivamente estabelecida pelo segundo, trouxe luz também a essa questão: a unidade da seleção não seria o grupo, tampouco o indivíduo – seria o gene. Richard Dawkins tornou a teoria conhecida como “o gene egoísta” ao sintetizá-la, sob diferentes facetas, em seu extraordinário livro homônimo. Sob esta nova perspectiva, a persistente névoa que envolvia os problemas anteriores dissipou-se. Uma abelha operária garante a sobrevivência de um número muito maior de seus genes salvando a colmeia, repleta de irmãs e com a rainha mãe reprodutora, do que salvando sua própria vida estéril com o comprometimento de seus familiares. Os salmões, que têm a capacidade de se reproduzir uma única vez, investem toda a energia que possuem no processo de acasalamento, garantindo a passagem do maior número possível de seus genes à próxima geração, muito mais do que fica em seu próprio corpo. Genes variantes, que determinam estratégia diferente, como abelhas “covardes” ou salmões “econômicos” que produzem menos ovos ou esperma, guardando um pouco de energia para viver mais alguns meses após a reprodução, certamente beneficiam o indivíduo, mas não permanecem na população, pois tendem a desaparecer com a morte do corpo que ocupam. Pela seleção natural, portanto, genes que maximizam a sua representação na natureza, mesmo com o sacrifício do indivíduo em prol de parentes numerosos possuidores destes mesmos genes, tornam-se predominantes; é a chamada seleção de parentesco.

Contudo, ainda restava pelo menos mais um ponto importante a ser esclarecido. A teoria do gene egoísta tornou possível explicar a ajuda a entes aparentados. No entanto, como interpretar as não muito frequentes, mas inequivocamente existentes, cooperações entre indivíduos não aparentados? São comportamentos que não podem ser ignorados, principalmente se voltarmos nossas atenções à nossa espécie.

Em “As Origens da Virtude – Um estudo biológico da solidariedade”, Matt Ridley sintetiza habilmente os diversos pensamentos que buscam responder a essa questão. Centrado na cooperação humana, o livro se apresenta quase como um capítulo à parte de “O Gene Egoísta”, aprofundando-se no tema, embora talvez não tão rigoroso quanto o foi Dawkins. Usando enfoque evolutivo, o autor revela como atos de generosidade, as virtudes dos indivíduos, podem surgir, contraditoriamente, de genes egoístas. Após um breve histórico, o qual inclui parte do que foi expresso acima e uma interessante abordagem da cooperação em seus níveis mais elementares, como a que se observa entre as células, e passando inevitavelmente pelos insetos soci-

ais, ele parte para o ser humano. As conclusões são muitas vezes esclarecedoras, embora perturbadoras.

Quase tudo se baseia na “teoria dos jogos”, principalmente em um dos jogos, conhecido como “o dilema do prisioneiro”, exposto de forma clara por Ridley. Neste exercício de raciocínio lógico, dois prisioneiros estão condenados e a eles é proposta a oportunidade de testemunharem contra o outro prisioneiro. Em troca, aquele que testemunhar terá a sua pena reduzida, enquanto o denunciado terá como consequência a pena aumentada. Um detalhe importante é que o aumento da pena do denunciado é maior do que a redução obtida pelo testemunho. Como ambos estão incomunicáveis, nenhum deles sabe que atitude o outro tomará. Está aberto o dilema. Os possíveis resultados são: 1) os prisioneiros cooperam mutuamente não testemunhando e as respectivas penas se mantêm; 2) os dois testemunham e ambos têm suas penas aumentadas, uma vez que o peso de ser denunciado é maior do que a redução dada pelo testemunho; ou, 3) apenas um deles testemunha, tendo sua pena reduzida, enquanto o outro tem sua pena acrescida ao valor máximo. O melhor desempenho é obtido na primeira alternativa, de ganho zero, uma vez que as outras duas têm resultado global negativo; inclusive a terceira, pois o benefício ganho por um dos prisioneiros é menor do que a pena acrescida ao outro. O melhor, então, é um prisioneiro cooperar com o outro, não denunciando, esperando pela reciprocidade. Entretanto, como saber se o outro cooperará? Se um não testemunhar e o outro o fizer, ele terá a pena máxima. E ainda existe a tentação de denunciar quando o outro não o faz, sendo, neste caso, premiado com a pena mínima. Essas considerações levam a maioria dos jogos à denúncia mútua, o que significa acréscimo na pena de ambos, a pior das alternativas possíveis.

Ridley esclarece que o dilema não tem solução, se jogado apenas uma vez com cada parceiro. Porém, quando ele é jogado várias vezes com os mesmos jogadores (“prisioneiros”), um passa a conhecer a estratégia do outro, baseado em jogadas anteriores. Em um processo de retaliação e retribuição, como resposta respectivamente à denúncia ou à colaboração exibida por seu parceiro, o resultado final muitas vezes é a cooperação mútua. A chave, então, é o reconhecimento dos indivíduos com os quais se interage, a distinção daqueles que são dignos de confiança daqueles que não o são. Sob esta ótica, a violência nos grandes centros urbanos, em contraste com a vida solidária nos campos e vilarejos, atribuídas a causas geralmente tratadas de forma quase etérea como estresse, materialismo ou frieza, ganha uma explicação mais sólida. Em meio a estranhos, tendemos a nos expressar de forma individualista, enquanto, cercados por conhecidos, tendemos a ser sociais. A frieza, o apego material e o estresse, que geram agressividade, devem ser, então, não causas, mas consequências de um problema de nível mais basal. O número de pessoas nos centros urbanos é excessivamente elevado para nossa capacidade de reconhecimento individual, superando em muito o número de parceiros conhecidos, o que não estimula nossas tendências cooperativas e ativa o individualismo. (Antes que ocorra uma interpretação errônea, é preciso esclarecer que

esta não é a única causa, mas pode ser uma das mais importantes.)

Variações mais complexas do jogo, com cenários que se aproximam mais da realidade, confirmam que estratégias de cooperação podem se estabelecer melhor do que estratégias expressamente egoístas. É o paradoxo das finalidades egoístas que não necessariamente culminam em comportamentos egoístas. Ridley desenvolve este raciocínio de forma quase sempre convincente, buscando respaldo em diferentes relatos para satisfazer àqueles que torcem previamente o nariz ao se depararem com a utilização de um jogo no entendimento da realidade. É preciso sempre lembrar que jogos e modelos não visam reproduzir, retratar a realidade, devendo apenas ser considerados como etapas de um processo que procura facilitar a compreensão de fenômenos que, devido à sua complexidade, são difíceis de serem desvendados pela observação direta. A vida não é um jogo, mas parte dela pode ser melhor compreendida através do “dilema do prisioneiro”.

Transitando entre nossos ancestrais caçadores-coletores até as civilizações contemporâneas, passando pelos aborígenes atuais, o autor traça o provável cenário evolutivo do homem e explica por que partilhamos, principalmente, carne. Ridley expõe evidências de que a especialização do trabalho humano pode ser a sua causa, e o comércio outra de suas conseqüências mais antigas. Da partilha, em troca de favores e benefícios futuros, ao comércio, a única diferença seria o tipo de moeda. De passagem, arranha os mitos populares do “bom-selvagem” e do homem civilizado e sua tecnologia como único ser destrutivo. E, seguindo um percurso bem elaborado, constrói habilmente as bases do argumento que utiliza no desfecho: embora movido por um fundo egoísta, o homem possui bases biológicas, desenvolvidas pelo processo evolutivo, que podem resultar no comportamento cooperativo. Segundo Ridley, caso seja dado ao homem a oportunidade de interagir com outros homens em grupos não maiores do que povoados, condição na qual passamos a maior parte da nossa história evolutiva e à qual estamos, portanto, biologicamente bem adaptados, organizações sociais e comerciais serão instintivamente estabelecidas. Neste sistema, os governos, tais como são atualmente com suas imposições ordenadoras, seriam não só desnecessários como, também, indesejáveis perturbadores da harmonia social. Curiosamente, Ignacy Sachs, idealizador do “ecodesenvolvimento”, tramita por meios diferentes e chega a conclusão semelhante: buscar soluções descentralizadas, específicas para cada comunidade, que seria idealmente pequena.

Ao depararmos com exames da natureza humana, quaisquer que sejam, sempre parece aflorar uma impressão de falta, de que algo importante deixou de ser dito, tão complexo é o tema. Este é também o caso de “As Origens da Virtude”. E, aqui, pode-se dizer o que é. Ridley sugere evitarmos as situações que favoreçam manifestações do nosso comportamento consideradas inadequadas, como governos nos quais seus membros podem agir de forma encoberta, sucumbindo facilmente à tentação da corrupção, e criarmos condições para que nossas características desejáveis se expressem, como pequenos povoados auto-organizadores. Ele tem a pro-

posta de traçar o perfil biológico do comportamento social humano e se mantém fiel a ela, podendo ser escuso por isso. Porém, é interessante acrescentar que existe um importante componente, não mutuamente excludente, que deixou de ser explorado, como reforçou-me a impressão Jarbas Queiroz: a educação. Todo comportamento, por mais forte que sejam seus determinantes biológicos e dentro dos limites impostos por eles, pode ser alterado pelo ambiente. Isso significa que, tendo-se conhecimento das tendências comportamentais de fundo biológico, a educação toma maior importância como fator de mudanças das condutas socialmente inadequadas. Afinal, se não nascemos como lousas em branco, se nascemos com inscrições e se necessitamos alterar algumas delas para nos adequarmos à estrutura social de hoje, o processo educacional precisa ser muito mais sólido.

As bases biológicas das características físicas são de forma geral bem aceitas e compreendidas. Quando passamos, porém, a tratar de características comportamentais, a situação é bem diferente. Muitos desconhecem ou discordam da existência de componentes biológicos influenciando no comportamento humano, enquanto outros preferem rejeitá-la devido às suas possíveis implicações perniciosas. A ignorância é imperdoável, mas o receio, legítimo, porque este raciocínio pode conduzir facilmente os incautos e os mal-intencionados ao determinismo biológico. Este, por sua vez, pode ter consequências catastróficas, como a eugenia. Mas, tudo isso é um grande equívoco gerado por interpretações errôneas, uma falácia naturalista. Primeiro, porque a eugenia, por si só, é conceitualmente falha. Não é possível melhorar artificialmente a espécie humana porque é impossível saber o que é melhor para a nossa ou para qualquer outra espécie. Pode-se ver isto facilmente nas plantas e animais domesticados. Linhagens que consideramos “melhoradas” sempre apresentam algum problema, nos obrigando a recorrer às variantes linhagens ancestrais na busca de soluções. A lição é sempre a mesma: a diversidade é a melhor solução, exatamente o inverso do que prega a eugenia. Segundo, porque uma base biológica não é necessariamente determinista. A base biológica confere uma tendência, mas sua expressão pode ser moldada pelo ambiente. O nível médio de risco que uma pessoa está disposta a correr possui um fundo biológico, mas o caminho que um indivíduo dotado de extrema coragem seguirá – o de um esportista radical, um heróico bombeiro ou um criminoso frio que desafia a polícia – dependerá do ambiente.

Se não admitirmos a existência da base biológica diferencial, assumindo que nascemos, todos, exatamente iguais (não confundir características pessoais com os direitos – todos possuímos os mesmos direitos, mas temos características particulares), devemos esperar que, submetidos aos mesmos estímulos, todos reajamos de forma idêntica. Um erro, pois obviamente não é isso o que acontece. Uma possível réplica a este argumento é a de que as diferenças sejam decorrentes de pequenas variantes ambientais vividas particularmente por cada indivíduo. Neste caso, se somos tão susceptíveis ao ambiente, a educação perde sua importância porque nenhuma formação sólida poderia ser estabelecida, uma vez que qualquer

comportamento inculcido, por exemplo, pelo processo educacional formal, poderia ser posteriormente alterado com facilidade. Não se poderia traçar um perfil de personalidade de uma pessoa, pois esta estaria em constante e rápida mudança, totalmente sujeita à variação ambiental. Por outro lado, se as mudanças individuais acarretadas pelo ambiente são demasiadamente sólidas, então fugimos do determinismo biológico para cairmos no determinismo ambiental. Nenhum dos contra-argumentos se sustenta.

Concordando ou não, parcial ou integralmente, ou mesmo desconfiando de uma possível tendenciosidade de Ridley em seus exemplos, "As Origens da Virtude" incita o intelecto. Faz-nos olhar para as vísceras do nosso comportamento, mesmo que muito do que se veja não seja romântico como gostaríamos que fosse. Porém, aqueles que suportarem fazê-lo; mesmo porque tudo pode não ser tão terrível assim, mas belo pelo interesse que desperta; poderão dar um grande passo para a compreensão de mais um aspecto da riquíssima natureza humana e, assim, dar uma contribuição mais sólida para a nossa sociedade. Aos alunos de Medicina que não superam as primeiras aulas de Anatomia não é permitido o prosseguimento nesta carreira. Porém, alguns dos que jamais vislumbraram as nossas bases comportamentais têm influenciado a sociedade humana sob incompreensível respaldo. Esta falha de formação pode ser uma das causas da grande dificuldade que vivemos no encontro de soluções adequadas aos inúmeros problemas sociais, situação que precisa mudar.

Robert Trivers, no prólogo de "O Gene Egoísta", escreveu: "Embora a teoria da evolução através da seleção natural de Darwin seja central ao estudo do comportamento social (especialmente quando unida à genética de Mendel), ela tem sido amplamente ignorada". Um quarto de século se passou desde então, e pouco se fez para reverter este quadro. "As Origens da Virtude", embora não trate a rigor do mecanismo darwiniano conjugado à genética mendeliana, tem o grande mérito de se somar às poucas obras que analisam o comportamento humano e a formação de nossa sociedade sob o prisma evolutivo. E, tendo em vista esta relativa escassez, surpreende o nível de compreensão já atingido e abre enormes perspectivas para avanços futuros.

### **OBRA RESENHADA:**

*Ridley, M. (2000) As Origens da Virtude – Um Estudo Biológico da Solidariedade. Tradução de B. Vargas. Rio de Janeiro: Editora Record, 332pp.*

## **NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS**

1. A Revista **ARGUMENTO** tem por finalidade a publicação de trabalhos e estudos referentes às áreas de Psicologia, Educação, Ciências e Letras, conforme apreciação de seu Conselho Editorial. Os conceitos, informações e pontos de vista contidos nos trabalhos são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

2. Os trabalhos poderão ser elaborados na forma de artigos (inéditos), relatos de pesquisa ou experiência, pontos de vista, resenhas bibliográficas ou entrevistas. Quando se tratar de relato de pesquisa, deverá obedecer à seguinte organização: introdução, metodologia (sujeitos, material e procedimento), resultados, discussão, referências bibliográficas e anexos.

3. Os trabalhos deverão ser redigidos em programa Word for Windows 7.0, espaço duplo, fonte **Arial**, tamanho 12, folha A4, com 2,5cm de margem (esquerda, direita, superior e inferior). Os trabalhos deverão ter, no máximo, 20 páginas.

4. Um disquete 3,5" e duas cópias impressas (com conteúdo e formato idênticos) devem ser enviados à Secretaria das Faculdades Padre Anchieta, à Rua Bom Jesus de Pirapora, 140, CEP 13207-660, Jundiá, SP.

5. A capa deverá conter, na seguinte seqüência, o título do trabalho, em parágrafo centralizado (TODAS AS LETRAS MAIÚSCULAS). Abaixo do título, em parágrafo centralizado, o tipo de publicação (artigo, relato de pesquisa, resenha etc.). Abaixo, em parágrafo justificado, deverá vir o sobrenome do autor (TODAS AS LETRAS MAIÚSCULAS), seguido do nome completo (separados por vírgulas), sua mais alta titulação acadêmica e atuação profissional, endereço completo, telefone e, se tiver, o endereço eletrônico. Para trabalhos com mais de um autor, os sobrenomes devem ser colocados em ordem alfabética ou apresentados, primeiro, aqueles que mais contribuíram para a execução do trabalho e, em seguida, os colaboradores.

6. A primeira página deverá conter, como cabeçalho, o título do trabalho, em parágrafo centralizado (TODAS AS LETRAS MAIÚSCULAS). Abaixo do título, deverá vir o nome completo do autor. A titulação acadêmica e a atuação profissional do autor deverá vir em forma de nota de rodapé, inserida após o sobrenome. No caso de múltiplos autores, a ordem deve ser idêntica à da capa. Abaixo do cabeçalho, apresentar o resumo do trabalho (máximo 20 linhas), 5 palavras-chave, *abstract* e *key words*.

7. Quadros, tabelas, fotos e figuras deverão ser devidamente identificadas com numeração, títulos e legendas. Os **ORIGINAIS** (de FOTOS e FIGURAS em livros ou revistas), deverão ser enviadas para serem digitalizados e, posteriormente, devolvidos (estarão disponíveis, após a publicação da revista, na Secretaria das Faculdades - Campus Central).

8. As citações, no texto, deverão ser seguidas da respectiva referência, entre parênteses, contendo o sobrenome do autor (TODAS AS LETRAS MAIÚSCULAS) e o ano da publicação. Exemplo: (BOSSA, 1994).

9. As citações literais, no texto, deverão ser apresentadas entre aspas e seguidas da respectiva referência, incluindo-se a(s) página(s). Exemplo: (BOSSA, 1994:32).

10. As citações literais com mais de três linhas deverão ser redigidas em parágrafo destacado, com 1 cm de recuo esquerdo e direito, letra tipo *Times New Roman*, fonte 10.

11. As referências bibliográficas, no final do texto, serão limitadas aos trabalhos realmente lidos e citados no corpo do trabalho, obedecendo, preferencialmente, ao seguinte padrão: sobrenome do autor (TODAS AS LETRAS MAIÚSCULAS), nome do autor, ano da publicação (entre parênteses), título completo da obra (*em itálico*), local de publicação e editora.

Exemplo:

STORER, I.T., USINGER, L.R., STEBBINS, C,R & NYBAKKEN, W.J. (1998). *Zoologia Geral*. São Paulo: Editora Nacional.